



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**ANDRÉ MICHAEL ALMEIDA PEREIRA**

**O Pequeno Caminho de Teresa de Lisieux como via  
de acesso à Misericórdia de Deus**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Professora Doutora Teresa de Jesus Rodrigues Marques de Sousa  
Messias

**Lisboa**  
**2017**

“Não posso temer um Deus que Se fez tão pequeno por mim...

Amo-O!... Porque Ele é só amor e misericórdia!

Última recordação de uma alma irmã vossa”

(Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, Carta 266, r-v in OC, p. 650)

## ABREVIATURAS E SIGLÁRIO

AAS – Acta Apostolicae Sedis

AL – FRANCISCUS PP, *Adhortatio Apostolica post-synodalis “Amoris Laetitia”*, in AAS 108 (martius 2016).

ASS – Acta Sanctae Sedis

CIC – Catecismo da Igreja Católica

Ct – SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Carta*, in *Obras Completas – Textos e últimas palavras*, Marco de Canaveses, Edições Carmelo, 1996.

DSp 3 – VILLER, M., CAVALLERA, F., DE GUIBERT, J. (Dirs.), *et alt., Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique: doctrine et histoire*, Vol. III, Beauchesne, Paris, 1957.

DSp 15 – VILLER, M., CAVALLERA, F., DE GUIBERT, J. (Dirs.), *et alt., Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique: doctrine et histoire*, Vol. XV, Beauchesne, Paris, 1991.

DST – CAVALCANTE, P. T., *Dicionário de Santa Teresinha – Pequena Enciclopédia sobre Santa Teresinha*, Paulus, São Paulo, 1997.

EG – FRANCISCUS PP, *Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium*, in AAS 105 (november 2013).

GS – CONCILIUM VATICANUM II, *Constitutio Pastoralis de Ecclesia in mundo huius temporis Gaudium et Spes*.

HI 24 – FLICHE, A., MARTIN, V. (Dirs.), *Historia de la Iglesia*, edición española dirigida por J. M. Javierre, Vol. XXIV, EDICEP, Valencia, 1974.

HI 25 – FLICHE, A., MARTIN, V. (Dirs.), *Historia de la Iglesia*, edición española dirigida por J. M. Javierre, Vol. XXV-1, EDICEP, Valencia, 1985.

JMJ 2013 - BENEDICTUS PP. XVI, *Nuntius – Occasione XXVIII Diei Mundialis Iuventutis*, in *Acta Apostolicae Sedis* 104 (october 2012).

LG – CONCILIUM VATICANUM II, *Constitutio Dogmatica de Ecclesia Lumen Gentium*.

MM – FRANCISCUS PP, *Littera Apostolica -Misericordia et Misera de Iubilaeo Extraordinario Misericordiae concludendo*, in *Acta Apostolicae Sedis* 108 (november 2016).

Ms A – SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Manuscrito A*, in *Obras Completas – Textos e últimas palavras*, Marco de Canaveses, Edições Carmelo, 1996.

Ms B – SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Manuscrito B*, in *Obras Completas – Textos e últimas palavras*, Marco de Canaveses, Edições Carmelo, 1996.

Ms C – SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Manuscrito C*, in *Obras Completas – Textos e últimas palavras*, Marco de Canaveses, Edições Carmelo, 1996.

OC – SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Obras Completas – Textos e últimas palavras*, Marco de Canaveses, Edições Carmelo, 1996.

Or - SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Oração*, in *Obras Completas – Textos e últimas palavras*, Marco de Canaveses, Edições Carmelo, 1996.

PN – SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Poesias*, in *Obras Completas – Textos e últimas palavras*, Marco de Canaveses, Edições Carmelo, 1996.

r – frente (das páginas dos escritos originais de Teresa de Lisieux)

RN – LEO PP. XIII, *Littera Encyclica Rerum Novarum*, in *Acta Sanctae Sedis* 23 (1890-1891).

RP – SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Recreações Piedosas*, in *Obras Completas – Textos e últimas palavras*, Marco de Canaveses, Edições Carmelo, 1996.

Thérèse de Lisieux – GOULEY, B., MAUGER, R., CHEVALIER, E., *Thérèse de Lisieux ou La Grande Saga d'une Petite Soeur: 1897-1997*, Fayard, Paris, 1997.

UCR – SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Últimos Conselhos e Recordações*, in *Obras Completas – Textos e últimas palavras*, Marco de Canaveses, Edições Carmelo, 1996.

v – verso (das páginas dos escritos originais de Teresa de Lisieux).

## RESUMO

A presente dissertação realizada, maioritariamente, a partir dos escritos de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, tem como principal objetivo mostrar como é que através do Pequeno Caminho a carmelita de Lisieux alcançou a Misericórdia de Deus. Nascida numa família tradicionalmente cristã de Alençon, Teresinha aprende desde pequena a dar o respetivo lugar a Deus na sua vida. Por isso, ao longo do seu peregrinar existencial consegue chegar a Deus e descobrir quem é o Homem. Deus é Misericórdia e o Homem é aquele para quem Deus olha com misericórdia, e que sentindo-se amado torna-se instrumento de misericórdia para com o próximo.

O seu itinerário espiritual é resultado da sua relação com Deus e em Deus. Porque a carmelita francesa do século XIX tem em vista o Céu, a salvação da sua alma e de todas as almas é grande o zelo que demonstra, através da oração, pela conversão dos pecadores. O desejo pelo outro é evidente em Teresa de Lisieux. Um desejo que está associado aos sentidos espirituais. Neste sentido, alcança os patamares da mística e oferece-se como *Vítima de Holocausto ao Amor Misericordioso de Deus*.

**Palavras-Chave:** Teresa de Lisieux, Pequeno Caminho, Misericórdia, Confiança, Oferecimento ao Amor Misericordioso.

## INTRODUÇÃO

Quando faço memória dos tempos longínquos e olho para a realidade presente do Povo de Deus rapidamente me apercebo, apesar das fragilidades, medos e fadigas, que há uma dimensão relacional entre Deus e o homem que é eterna: o Amor. Este amor é especial porque vem de dentro, do mais íntimo de Deus e do homem. Muitas vezes as palavras não conseguem explicar este amor vivido, que se revela em movimentos concretos, como a ternura, a esperança, a misericórdia.

Por sentir, nas relações pessoais e em realidades que o mundo me dá a conhecer, a carência dos afetos, da misericórdia, de cuidado e de respeito entre os homens escolhi Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face para desenvolver a minha dissertação. Procuro investigar e aprofundar o impacto que a Misericórdia de Deus teve na vida-espiritualidade da carmelita francesa porque a misericórdia é para o homem, de qualquer tempo e espaço, o meio pelo qual se pode ir ao encontro do próximo com os mesmos sentimentos de Cristo. Neste sentido, o foco da minha investigação consiste em perceber se a Misericórdia é a característica teológica central do Pequeno Caminho que Teresa de Lisieux viveu e ensinou.

A escolha de Santa Teresinha – é assim que sempre me dirijo a ela – não foi ao acaso. Escolhi-a para desenvolver o meu trabalho final do curso teológico, porque é uma “alma” que me acompanha desde a minha infância. Em primeiro lugar, por ser a padroeira da minha família, por quem, pela graça da intercessão, nos aproximamos do Pai Celeste. Em segundo lugar, porque quando pequeno interrogava-me sobre o porquê daquela imagem tão simples e de sorriso terno pegar numa cruz enfeitada com muitas, belas e coloridas rosas. Só com a leitura que fui fazendo sobre a sua vida e com o que me contavam os meus familiares, pessoas amigas devotas, e alguns sacerdotes, fui percebendo que naquele símbolo se unia o amor e o sofrimento. Dois dos alicerces da vida, porque nem tudo são rosas, mas sempre se encontra serenidade no coração trespassado de Jesus. E em terceiro lugar, e mais importante para este trabalho, o facto

de ver em Teresa uma Santa que deu uma orientação nova e criativa à história do mundo no tempo em que viveu, e que a sua mensagem chegou a todo o mundo.

A metodologia que segui foi, em primeiro lugar, a análise dos escritos de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face. Refleti sobre eles do ponto de vista teológico, espiritual e antropológico. Concentrei-me mais na sua autobiografia, a *História de uma Alma*, cartas e na Oração 6. Nos seus escritos Teresa de Lisieux conta-nos de um modo muito pormenorizado a sua relação com Deus, com o próximo e com ela mesma. Pois há momentos em que ela escreve na segunda pessoa. Digamos que Teresa se está a analisar, a ver de fora, a apresentar a sua relação com Deus, como por exemplo quando nos fala da sua “noite da fé”, que refiro no primeiro capítulo. Depois de absorver dos escritos de Teresinha o essencial para o desenvolvimento do meu trabalho, fui em busca de estudos feitos sobre a carmelita sem sair dos eixos do tema a que me proponho investigar: o seu Pequeno Caminho e a sua *Oferta ao Amor Misericordioso de Deus*. O objetivo desta dissertação é pegar nos escritos de Teresinha e trazê-los para o tempo presente. Perceber o quanto é útil a sua doutrina espiritual para o homem do século XXI que vive num mundo em evolução, mas carente de afetos, misericórdia, compaixão.

A presente dissertação desenvolve-se em quatro capítulos. Há um aspeto que os unifica: a misericórdia vivida no quotidiano pela carmelita francesa num período atribulado da história – o modernismo. No primeiro capítulo apresento a vida e obra de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face. A vida da criança, jovem e religiosa é apresentada através dos momentos em que fala com entusiasmo do modo como deixou brilhar a Misericórdia de Deus na sua vida. Início o capítulo referindo-me ao lar tradicional cristão onde nasceu Teresa e no qual se primava pelo desejo do Céu, do encontro com Deus.

Apresento a Teresinha amada por todos, mas que nunca se deixou vencer pelo “mimo” e pela ternura. Por isso, fortalece as suas relações através do amor, do serviço e da oração constante pelas almas dos pecadores. É bela a sua relação familiar, mas destaco a relação que

tem com o seu pai, Luís Martin. O modo profundo e íntimo com que se relaciona com o seu pai abre caminho para a relação de abandono e confiança em Deus. É devido a este movimento de abandono e confiança que Teresa de Lisieux encontra razões para enfrentar todos os sofrimentos que a vida quotidiana lhe vai oferecendo no ambiente familiar e quando se torna religiosa carmelita em Lisieux.

Quanto à sua obra, apresento as características dos vários escritos de Teresa de Lisieux: a quem se destinavam, o contexto em que foram redigidos e qual o seu fim. A finalidade dos seus escritos é atrair o homem para Cristo e fazer com que ele viva com o espírito de criança para salvar a sua alma e a alma dos seus irmãos. Também considero as suas últimas conversações e recordações, que tendo sido proferidas por si foram redigidas por outras religiosas do Carmelo de Lisieux.

No segundo capítulo apresento o contexto histórico-social e espiritual do século XIX e a forma como a jovem carmelita os enfrentou através da sua doutrina espiritual. Pois quando estudo ou quero, simplesmente, conhecer um santo considero o tempo, o espaço, a cultura, as suas origens e os fatores sociais e religiosos em que nasceu, cresceu e viveu. Teresa de Lisieux anunciou com a força da juventude a Misericórdia de Deus num contexto que dava primazia à Justiça Divina. O homem atraído pelo espírito jansenista que pairava sobre a França esperava de Deus mais castigos do que amor. Estava num caminho errado, e por isso Teresinha vela constantemente pela salvação das almas. Centra a sua espiritualidade em Cristo Misericordioso, que quer atrair todos para o Seu Sagrado Coração – devoção propagada pelos Papas e pelos jesuítas no século em estudo.

O ambiente piedoso em que viveu, onde se realçava a piedade mariana e devocional, fez com que Teresa traçasse um caminho com Deus e para Deus. Queria ser santa, por isso cuidou da sua interioridade, como se zelam as flores mais singelas dos jardins, que depois se traduziu em gestos consistentes de amor quotidiano que muitas vezes causavam admiração a outras carmelitas.



Assim, chego ao terceiro capítulo, onde apresento o carácter teológico da carmelita francesa. Neste capítulo foco-me no período de maturidade de Teresa de Lisieux. Os dois capítulos precedentes vão apontando já os assuntos que dominam este capítulo: o Pequeno Caminho e a *Oferta* da carmelita ao Amor Misericordioso de Deus. Começo por referir a descoberta, vivência e anúncio do Pequeno Caminho pela carmelita de Lisieux. É a vivência humilde e confiante do Pequeno Caminho que leva Teresinha a fazer o seu *Acto de Oferecimento ao Amor Misericordioso de Deus* na missa do dia 9 de junho de 1895.

Neste terceiro capítulo apresento os princípios e a aplicação da doutrina de Teresa de Lisieux. Os princípios que dominam a vida-espiritualidade da carmelita são: a) Deus é amor misericordioso; b) o abandono em Deus é um dever do homem; c) a certeza do desejo, porque vive na confiança. Quanto à aplicação da sua doutrina procuro sublinhar que a santidade do homem é Deus. Ninguém pode chegar à santidade sem confiar e viver com Deus. A contemplação é também um aspeto essencial para se entrar em relação com Deus. É pela contemplação que Teresa, e qualquer pessoa, descobre que Jesus deseja ser amado.

É no terceiro capítulo que apresento a Teresinha que ama de um modo incondicional. E por isso, falo da severidade dela enquanto Mestra de noviças. Pois a exigência faz parte do amor. Neste capítulo principal do meu trabalho dou a conhecer como Teresa de Lisieux realiza a vocação de ser o amor na igreja. Uma vocação que é exigente, porque como se pode ver pela vivência do Pequeno Caminho a carmelita enfrenta muitas humilhações e rejeições para cumprir as palavras do seu amado Jesus: “É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei” (Jo 15, 12).

Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face viveu o Pequeno Caminho e ofereceu-se à Misericórdia Divina com a exigente missão de salvar almas. A missão da ilustre Santa Teresinha não está terminada, por isso Cristo conta comigo e com todos os homens para a concretização do Seu Reino. Esta missão pode ser vivida à semelhança da carmelita de Lisieux. Por isso, no quarto e último capítulo da dissertação refiro-me à atualidade da doutrina espiritual

de Santa Teresinha. Como ela, também podemos ser misericordiosos silenciosamente, rezando pelos nossos irmãos na fé, pelos ateus e pelos que ainda não conhecem Deus, e ativamente quando nos tornamos instrumentos de misericórdia orientados pelas mãos de Deus. Vivendo a nossa fé de modo amoroso como Teresa de Lisieux desafiamos aqueles que não compreendem a sua doutrina espiritual da doação alegre quotidiana a refletirem um pouco mais, e mais seriamente, sobre a urgência de preservar os afetos, o amor.

Embora o meu interesse seja apresentar a jovem carmelita como um modelo de santidade para todos, acabo por finalizar a dissertação concentrando-me nos jovens. A forma como redigi o último capítulo distingue-se um pouco dos restantes. Referindo-me a situações que vivo ou que conheço, aponto algumas características da carmelita como modelo para que melhor possamos viver quotidianamente o Reino dos Céus.

Para a elaboração da dissertação o processo de investigação foi longo e concreto. Tive acesso fácil às fontes, instrumentos de trabalho e estudos que utilizei para a sua elaboração. Encontrei muitos livros e artigos sobre Teresa de Lisieux e acabei por fazer uma seleção para melhor alcançar o meu objetivo – investigar a possibilidade da misericórdia ser a dimensão primordial do Pequeno Caminho vivido por Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face. A maior dificuldade que, por vezes, senti foi encontrar o melhor modo para me exprimir. Porque Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face é tão simples, discreta e serena que poderia floreá-la demais.

Ao longo da dissertação cito o pensamento de alguns autores estrangeiros. Algumas obras desses autores não se encontram em Português. Nesse caso cito-os traduzidos por mim. Relativamente aos documentos do Magistério cito-os sempre em Português, tendo como auxílio o sítio da internet do vaticano, embora tenha consultado sempre a fonte original. Segui o novo acordo ortográfico na redação da dissertação.

## CAPÍTULO I

### VIDA E OBRA DE SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE

#### 1. Biografia sumária de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face

Toda a vida vem de Deus, é um dom. O Grande Artista cria-nos com amor infinito à sua imagem e semelhança (cf. Gn1, 26), para que deixemos uma marca de bondade, de misericórdia e de esperança na história do mundo. Uma história harmoniosa de alguém que peregrina na terra tendo sempre em vista o Céu<sup>1</sup>, a eternidade.

Uma das histórias de peregrinação existencial bem vividas, entre o real e o sonho, que marcou histórica e espiritualmente os séculos XIX e XX foi a de Maria Francisca Teresa Martin, quem os seus contemporâneos chamavam carinhosamente Teresinha. O mesmo fazem os homens de hoje e farão as gerações futuras: Santa Teresinha<sup>2</sup> de Lisieux.

##### 1.1 Antes da entrada no Carmelo

Nas primeiras páginas da *História de uma Alma* a filha mais nova do casal Martin conta-nos as lembranças da sua infância, através de recordações suas e das irmãs, e também das cartas da mãe dirigidas às filhas Maria e Paulina e à sua cunhada. Conhecemos a vida de Santa Teresa de Lisieux a partir da tripartição que ela mesma nos apresenta no Manuscrito A<sup>3</sup>. Para uma

---

<sup>1</sup> “A terra parecia-me um lugar de exílio e sonhava com o Céu.” (SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Manuscrito A* [=Ms A], 14v in IDEM, *Obras Completas – Textos e últimas palavras*, Edições Carmelo, Marco de Canaveses, 1996 [=OC], p. 91).

<sup>2</sup> “Perguntaram-lhe com que nome a deviam invocar quando estivesse no Céu: «Chamem-me Teresinha», respondeu ela humildemente.” (SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Últimos Conselhos e Recordações* [=UCR], in OC, p. 1304).

<sup>3</sup> “Santa Teresinha divide a sua vida em três períodos bem distintos. O primeiro seria desde o nascimento até à morte de sua mãe. O segundo, ‘o mais doloroso dos três’, (Ms A, 12v) foi da morte de sua mãe até à graça do natal em 1886. O terceiro começou com a sua ‘conversão’, na noite de natal de 1886, e esse foi o período ‘mais belo de todos, o mais cheio das graças do céu...’ (Ms A, 45v).” (P. T. CAVALCANTE, “Vida”, in IDEM, *Dicionário de Santa Teresinha – Pequena Enciclopédia sobre Santa Teresinha*, Paulus, São Paulo, 1997 [= DST], p. 544).

melhor compreensão apresento separadamente a vida secular e a vida religiosa<sup>4</sup> da mais jovem Doutora da Igreja. Divido a vida secular em duas partes, tendo como marco de separação a morte da sua mãe: Zélia Guérin.

### 1.1.1. Do nascimento até à morte da mãe

O santo casal cristão de Alençon - França, Luís Martin e Zélia Guérin<sup>5</sup>, depois de se conhecer, amar e unir em matrimónio, viveu joseficamente<sup>6</sup> o seu casamento durante dez meses. Este tempo possibilitou um maior conhecimento e aperfeiçoamento da vida em comum. Porém, seguindo os conselhos oportunos do seu confessor<sup>7</sup>, aos poucos o casal Martin compreendeu que “não era *apesar* do casamento, era *no* casamento e *pelo* casamento que iam santificar-se”<sup>8</sup>. Luís e Zélia decidiram ser pais. Tiveram nove filhos, em dezanove anos de casamento.

Um ambiente de grande expectativa acalentou o nascimento daquela que viria a ser “o mais belo florão”<sup>9</sup> da família Martin. Nem a ansiedade de Zélia, fruto da tristeza que carrega consigo pela morte de quatro dos seus filhos<sup>10</sup>, perturbou o entusiasmo da espera do novo membro da família. O lar Martin manifestou o que o Papa Francisco diz no número 166 da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*:

---

<sup>4</sup> Cf. H. U. von BALTHASAR, *Teresa de Lisieux - Historia de una misión*, 5ª ed., Trad. Daniel Ruiz Bueno, Herder, Barcelona, 1999, p. 117.

<sup>5</sup> O Papa Francisco canonizou o casal Martin no decorrer do sínodo dos Bispos – *A vocação e a missão da família e no mundo* contemporâneo: “Os Santos esposos Luís Martin e Maria Zélia Guérin viveram o serviço cristão na família, construindo dia após dia um ambiente cheio de fé e amor; e, neste clima, germinaram as vocações das filhas, nomeadamente a de Santa Teresinha do Menino Jesus.” (FRANCISCUS PP, *Homilia*, in *AAS* 107 (november 2015), p.1135).

<sup>6</sup> O casamento joséfico consiste em viver uma continência perpétua no matrimónio, à semelhança de Maria e de São José. (Cf. S. J. PIAT, *História de uma família – Uma escola de santidade: O lar onde floresceu Santa Teresa do Menino Jesus*, 3ª Ed., Tradução da 4ª Ed francesa rev. por Manuel Versos Figueiredo, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, 1990, p. 48).

<sup>7</sup> Cf. *Ibidem*, p. 50.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 111.

<sup>10</sup> Maria Helena (morreu com cinco anos e quatro meses), Maria José Luís (morreu com cinco meses), Maria José João Batista (morreu com oito meses) e Maria Melânia Teresa (morreu com aproximadamente dois meses). Cf. P. T. CAVALCANTE, “Família de Santa Teresinha”, in IDEM, DST, p. 226. Os irmãos falecidos de Teresa terão grande importância no decorrer da sua vida pois em alguns momentos da vida recorre à intercessão deles: “Dirigi-me aos quatro anjinhos que me tinham precedido lá em cima, pois pensava que essas almas inocentes, não tendo nunca conhecido as perturbações nem o temor, deviam ter piedade da pobre irmãzinha que sofria na terra.” (Ms A, 44r in OC, p. 139). Zélia manifesta a sua tristeza numa carta dirigida à cunhada. Cf. S. J. PIAT, *História de uma família*, p. 111.

“A família é o âmbito não só da geração, mas também do acolhimento da vida que chega como um presente de Deus. Cada nova vida «permite-nos descobrir a dimensão mais gratuita do amor, que nunca cessa de nos surpreender. É a beleza de ser amado primeiro: os filhos são amados antes de chegar». Isto mostra-nos o primado do amor de Deus que sempre toma a iniciativa, porque os filhos são amados antes de ter feito algo para o merecer.”

Quando o relojoeiro tinha 50 anos e a famosa profissional das rendas em ponto de Alençon 42, foram pais da última filha: Maria Francisca Teresa Martin. O nascimento do benjamim da família, na noite de 2 de janeiro de 1873, em Alençon, foi acolhido como um dom de Deus. Dois dias depois foi batizada na Igreja de Nossa Senhora. O casal Martin vivia com um entusiasmo muito próprio<sup>11</sup> o batismo dos filhos quais *rebentos de oliveira* (Sl 128, 3) do seu matrimónio.

Movido pelos sonhos divinos o casal Martin educou as filhas para o amor a Deus, à família e ao próximo. Com o nascimento da bebé, a família burguesa de Alençon permaneceu toda em torno do mesmo sonho. É o sonho que permite criar espaço para o amor<sup>12</sup>. A própria Teresinha testemunha o quanto foi amada pela família em que nasceu e cresceu:

“Aproveu a Deus rodear-me de *amor* toda a minha vida. As minhas primeiras recordações estão marcadas pelos mais ternos sorrisos e carícias!... Mas, se colocou junto de mim muito *amor*, também pôs muito dentro do meu coraçãozinho, criando-o amante e sensível, e assim eu amava muito o Papá e a Mamã e testemunhava-lhes a minha ternura de mil maneiras.”<sup>13</sup>

Nas relações humanas, especialmente no meio familiar, a traquina<sup>14</sup> aprendeu o valor do perdão, e foi descobrindo os sinais da Misericórdia de Deus. Enfurecia-se quando sentia sobre si o peso da culpa. Irritada consigo mesma pedia ansiosa e chorosamente perdão pelas

---

<sup>11</sup> Cf. *Ibidem*, p. 53.

<sup>12</sup> “Não é possível uma família sem o sonho. Numa família, quando se perde a capacidade de sonhar, os filhos não crescem, o amor não cresce.” (FRANCISCUS PP, *Adhortatio Apostolica post-synodalis “Amoris Laetitia”* [=AL], in *Acta Apostolicae Sedis* [=AAS] 108 (martius 2016), p. 378).

<sup>13</sup> Ms A, 4v in OC, p. 75.

<sup>14</sup> “O bebé é um traquinas de primeira.” (Ms A, 4v in OC, p. 75).

faltas<sup>15</sup>. Empenhava-se em ser boa, que “no pequeno mundo de Teresa, queria dizer só uma coisa: fazer a vontade ao pai e dar alegria à mãe. Desobediência era apenas isto: tornar os pais tristes.”<sup>16</sup> Este compromisso consigo e com os outros, é fruto da educação recebida, do insaciável desejo de perfeição, e da liberdade de resposta ao amor aceite<sup>17</sup>.

A vontade de ser boa está para além do racional, é vivencial. A sua bondade provém do anseio ardente de viver inteiramente na verdade, que brota unicamente de Deus. Pois “fora de Deus tudo é mentira; dispensar a Deus na vida é loucura”<sup>18</sup>. Sobre o zelo pela verdade da carmelita de Lisieux, Hans Urs von Balthasar diz-nos o seguinte:

“Verdade é a palavra fundamental da sua vida e por ela caminha [...]. Mas verdade com aquela plenitude, aquela força e carga de decisão que tem a palavra da Sagrada Escritura: verdade como testemunho da existência inteira, até às fibras mais secretas, em favor da luz de Deus. [...] A verdade não é algo que se aprende e se repete de uma vez para sempre. A verdade é a vontade de Deus, compreendida com pleno amor e praticada em cada momento.”<sup>19</sup>

Com tenra idade, a pequenina Martin começou a compreender o valor de cada instante<sup>20</sup> da sua vida e a corresponder à graça divina com uma docilidade incrível. Esta correspondência, que funda as raízes do que será mais tarde a via da infância espiritual<sup>21</sup>, verifica-se tanto quando está na família, quanto quando se torna religiosa por amor no Carmelo francês. Ao corresponder à graça Divina fez da sua vida um belo canto das misericórdias de Deus<sup>22</sup>. Este canto ensaia-se na espiritualidade da família Martin, que se baseia em “três princípios: soberania de Deus, fé

---

<sup>15</sup> Cf. Ms A, 5v in OC, p. 77.

<sup>16</sup> I. GORRES, *Teresa de Lisieux*, Coleção Homens de Deus, Vol. 6, Trad. Manuel Seabra, Editorial Aster, Lisboa, 1961, p. 52.

<sup>17</sup> Cf. H. U. von BALTHASAR, *Teresa de Lisieux*, p. 133.

<sup>18</sup> S. J. PIAT, *História de uma família*, p. 127.

<sup>19</sup> H. U. von BALTHASAR, *Teresa de Lisieux*, p. 40 e 48.

<sup>20</sup> Palavra que aparece cerca de 110 vezes nos escritos de Teresa de Lisieux com uma conotação positiva. Indica a brevidade das coisas humanas e a necessidade de aproveitar bem cada momento em vista da eternidade. Cf. P. T. CAVALCANTE, “Instante”, in IDEM, DST, p. 292.

<sup>21</sup> Cf. T. DE SAINT-LAURENT, *Santa Teresa do Menino Jesus*, Coleção Almas dos Santos, Trad. José Narciso Soares, Livraria Civilização Editora, Porto, 1997, p. 30.

<sup>22</sup> “Deverei repetir eternamente: «As misericórdias do Senhor».” (Ms A, 2r in OC, p. 71).

na Providência, confiança.”<sup>23</sup> Os traços de santidade do casal Martin<sup>24</sup> foram o espelho onde Teresinha descobriu o desejo da santidade: “Sempre desejei ser santa”<sup>25</sup>. Há uma relação intrínseca entre família e santidade:

“A tal ponto há de ser a família lugar de santidade, que a criança que nela nasce e cresce, em virtude da realidade simbólico-natural da família, aprende a ler e a entender imediatamente nas imagens carnis, naturais e terrenas o que é a santidade de Deus e da Igreja, e simultaneamente não perde de vista que a imagem terrena, por mais magnífica e plena que pudesse ser, continua sendo só imagem e matéria, que há de ser moldável nas mãos de Cristo.”<sup>26</sup>

A menina que desejava ser santa descreve-se como sendo uma florzinha branca<sup>27</sup>. Porque gostava muito de flores<sup>28</sup>, mas sobretudo porque a flor simboliza a beleza e a grandeza de Deus<sup>29</sup>. O uso frequente do termo flor<sup>30</sup> revela-nos a admiração de Teresa pela natureza, a sua sensibilidade e a sua espiritualidade. Uma espiritualidade assente na Misericórdia Divina<sup>31</sup>. Foi semelhante ao pai que “amou a natureza com um entusiasmo profundamente sentimental”<sup>32</sup>. A carmelita usa os elementos da natureza<sup>33</sup> em todos os seus escritos. Por eles expressa a “meteorologia que acompanha os seus sentimentos em momentos importantes da sua vida.”<sup>34</sup> Um desses momentos é a mudança da família Martin para Lisieux<sup>35</sup>.

---

<sup>23</sup> S. J. PIAT, *História de uma família*, p. 127.

<sup>24</sup> “Deus deu-me um pai e uma mãe mais dignos do Céu do que da terra.” (SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Carta* [=Ct] 261, 2v in OC, p. 645).

<sup>25</sup> SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Manuscrito C* [=Ms C], 2v in OC, p. 244.

<sup>26</sup> H. U. von BALTHASAR, *Teresa de Lisieux*, p. 119.

<sup>27</sup> Cf. Ms A, 2r in OC, p. 71. Diz-se florzinha branca, porque quando revelou a sua vocação ao pai ele ofereceu-lhe uma florzinha branca, criada cuidadosamente por Deus. Há portanto uma analogia entre a florzinha branca e Teresinha. Cf. Ms A, 50v in OC, p. 152.

<sup>28</sup> Cf. Ms A, 81v in OC, p. 210.

<sup>29</sup> Cf. P. T. CAVALCANTE, “Flor”, in IDEM, DST, p. 235.

<sup>30</sup> Cf. *Ibidem*, p. 235.

<sup>31</sup> Cf. J. C. VECCHINA, “Introdução”, in SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *História de uma Alma – Manuscritos Autobiográficos*, 4ª ed., Edições Carmelo, Paço d’Arcos, 2006, p. 24.

<sup>32</sup> I. GORRES, *Teresa de Lisieux*, p. 40.

<sup>33</sup> Os elementos da natureza são: a flor, o mar, o sol, a nuvem, a tempestade, a beleza natural da Suíça, a terra, a montanha, o grão de areia (muito importante na proposta do pequeno caminho), o musgo, os passarinhos, a formiguinha, a neve, o orvalho, o céu, as estrelas.

<sup>34</sup> P. T. CAVALCANTE, “Natureza”, in IDEM, DST, p. 383.

<sup>35</sup> Cf. Ms A, 13r-13v in OC, p. 89.

Desde pequenina Teresa aprendeu a lidar com as mudanças e as dificuldades. Apesar da sua docilidade, medo, melancolia e fraqueza encontrou sempre força para vencer os obstáculos que encontrou no caminho da vida. Tal perseverança brotou da prioridade do casal Martin: educar as filhas na fé<sup>36</sup> e sem mimos<sup>37</sup>. A dedicação à família permitiu a Luís e Zélia fazerem do lar uma verdadeira igreja doméstica:

“O lar é, assim, a primeira escola de vida cristã e «uma escola de enriquecimento humano» (GS 52, §1). É nela que se aprende a tenacidade e alegria no trabalho, o amor fraterno, o perdão generoso e sempre renovado, e, sobretudo, o culto divino pela oração e o oferecimento da própria vida”<sup>38</sup>.

Os afetos, evidentes no lar Martin, marcaram profundamente a vida e a espiritualidade da futura carmelita. No Manuscrito A descreve-nos o que sentiu na relação com os pais, especialmente o pai como veremos ao longo da dissertação, e com cada uma das irmãs<sup>39</sup>. Fala de um modo encantador e especial de Celina, sua melhor companheira na infância<sup>40</sup>, na adolescência e no Carmelo. Esta teve grande influência na difusão do seu Pequeno Caminho, e proclamou o *Acto de Oferecimento ao Amor Misericordioso de Deus*. Balthasar olha para a família Martin como para uma obra de arte. Nesse quadro, centramo-nos na figura de Teresinha, mas temos de destacar também os traços de Celina, para que não fique incompleto<sup>41</sup>.

O quadro da santa família de Alençon perdeu muito do seu brilho, quando morreu a dedicada e amada Zélia Guérin, a 28 de agosto de 1877, depois da luta contra o cancro da mama. Teresinha tinha quatro anos e meio, quando a família viveu este momento doloroso da sua história. Cada um experimentou a dor a seu jeito num ambiente “mais impregnado de fé, de

---

<sup>36</sup> “A educação dos filhos deve estar marcada por um percurso de transmissão da fé.” (FRANCISCUS PP, *AL*, in *AAS* 108 (martius 2016), p. 426).

<sup>37</sup> Cf. Ms A, 8v in OC, p. 81.

<sup>38</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n°1657, [=CIC], in [http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/p2s2cap3\\_1533-1666\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p2s2cap3_1533-1666_po.html) [consulta em: 11 de Outubro de 2017, às 17h10].

<sup>39</sup> Maria, sua madrinha. Cf. Ms A, 4v in OC, p. 77. Paulina. Cf. Ms A, 6r in OC, p. 77-78. Leónia. Cf. Ms A, 6r in OC, p.78.

<sup>40</sup> Cf. Ms A, 6v in OC, p. 78.

<sup>41</sup> Cf. H. U. von BALTHASAR, *Teresa de Lisieux*, p. 129.



oração e de ansiosa expectativa.”<sup>42</sup> A nossa Santa jamais esqueceu o sofrimento de Zélia na doença, e o que sentiu na extrema-unção e na morte da mãe<sup>43</sup>. Gravou para sempre, na sua memória, o gesto delicado do pai, que de manhã pegou nela ao colo para beijar a mãe pela última vez. A jovem carmelita conta-nos a sua reação: “Sem dizer nada, aproximei os lábios da testa da minha querida mãe... Não me lembro de ter chorado muito; não dizia a ninguém os sentimentos profundos que experimentava... Olhava e ouvia em silêncio”<sup>44</sup>. Com tenra idade, a frágil flor do lar Martin encontra um refúgio seguro no silêncio.

### 1.1.2. Da morte da mãe até à graça do Natal de 1886

Zélia e Luís educaram as filhas para a eternidade<sup>45</sup>, mostrando-lhes assim a caducidade das coisas terrenas. Teresinha tinha a certeza de que Zélia se ausentava da terra para o lar celestial. Mas, para a pequena Martin a presença, o amparo e a orientação maternal eram essenciais. Assim sendo, escolheu a irmã Paulina como sua segunda mãe: “[...] lancei-me nos vossos braços, exclamando: - «Pois bem! Para mim a Paulina será a mamã!»”<sup>46</sup>. A sua relação com esta irmã foi pautada pela ternura<sup>47</sup> e pela confiança: “Era a Paulina que recebia todas as minhas confidências íntimas, que esclarecia todas as minhas dúvidas...”<sup>48</sup>

Teresa entrou no segundo período da sua existência, “o mais doloroso dos três”<sup>49</sup>; mas também o mais feliz<sup>50</sup>. A família Martin vive agora em Lisieux. Nos Buissonnets<sup>51</sup> estavam

---

<sup>42</sup> G. P. DI NICOLA, A. DANESE, *Um amor escrito no céu – Os pais de Santa Teresa de Lisieux*, Trad. António Maia da Rocha, Paulinas, Prior Velho, 2011, p. 171.

<sup>43</sup> Cf. Ms A, 12r-12v in OC, p. 87.

<sup>44</sup> Ms A, 12v in OC, p. 88.

<sup>45</sup> Cf. H. U. von BALTHASAR, *Teresa de Lisieux*, p. 137.

<sup>46</sup> Ms A, 12v-13r in OC, p. 88.

<sup>47</sup> “A Paulina tratava-me, como sempre, com ternura.” (Ms A, 19r in OC, p. 98).

<sup>48</sup> Ms A, 19r in OC, p. 98.

<sup>49</sup> Ms A, 13r in OC, p. 88.

<sup>50</sup> Cf. Ms A, 13v in OC, p. 89.

<sup>51</sup> Buissonnets é o nome da casa para onde se mudou a família Martin. É envolvida por muitas árvores; tem belos canteiros de flores; e nas traseiras uma parte é jardim e a outra horta e pomar. É uma casa mais sombria que a de Alençon, mas que caracteriza o esplendor burguês do século XIX. Cf. H. GHÉON, *Teresa de Lisieux*, Trad. Mauro de Medeiros Keller, Quadrante, São Paulo, 1990, p. 32, 34 e 35. Hoje é um museu que deixa os peregrinos encantados, e com a sensação de que se estão a sentir na companhia de Santa Teresinha, vivendo o mesmo que ela: o amor a Deus e à família naquele espaço. Cf. P. T. CAVALCANTE, “Buissonnets”, in IDEM, DST, p. 71.

mais perto dos parentes<sup>52</sup>, que colaboraram na educação das meninas Martin. A mais nova “continuava a ser rodeada da mais deliciosa ternura. O coração tão terno do Papá tinha unido ao amor que já de si possuía um amor verdadeiramente maternal”<sup>53</sup>. Aqui, Luís é a figura central da família Martin<sup>54</sup>. Com ele Teresa fez grandes experiências do amor humano e cresceu no conhecimento e relação com Deus.

O momento mais marcante deste novo período foi a famosa e bela *conversão* de Teresinha na noite de Natal: “foi no dia 25 de Dezembro de 1886 que recebi a graça de sair da infância, numa palavra, a graça da minha completa conversão.”<sup>55</sup> Antes de falar deste acontecimento transformador, tenho de referir os momentos mais relevantes desta fase, bem como a mudança de carácter da menina, que lhe trouxe muito sofrimento:

“O meu carácter alegre mudou completamente; eu, tão viva, tão expansiva, tornei-me tímida e calma, excessivamente sensível. Bastava um olhar para me fazer derreter em lágrimas [...] não podia suportar a companhia das pessoas estranhas e não reencontrava a minha alegria senão na intimidade da família...”<sup>56</sup>

Os momentos mais relevantes são: o valor da oração e do culto à Virgem Maria na família Martin, o gosto pela Sagrada Escritura, a sua Primeira Comunhão, os gestos de misericórdia para com uma das colegas da Abadia e com os pobres, que encontra nos passeios com o pai<sup>57</sup>. Viveu tudo em sintonia com Deus, que se apoderou da alma do “fedelhito”<sup>58</sup>. Deus escolheu uma alma irrequieta, que “talhou, modelou, burilou e fez dela uma obra-prima de beleza celeste”<sup>59</sup>, para dar a conhecer a Sua Misericórdia. Enamorada por Deus, e na pujança

---

<sup>52</sup> Isidoro Guérin, irmão de Zélia, casado com Celina Fournet. Pais de Joana, Maria e Paulo, que morreu ao nascer. Cf. P. T. CAVALCANTE, “Primos de Santa Teresinha”, in IDEM, DST, p. 441.

<sup>53</sup> Ms A, 13r in OC, p. 89.

<sup>54</sup> Cf. H. U. von BALTHASAR, *Teresa de Lisieux*, p. 121.

<sup>55</sup> Ms A, 45r in OC, p. 141.

<sup>56</sup> Ms A, 13r in OC, p. 89.

<sup>57</sup> Cf. Ms A, 15r in OC, p. 92.

<sup>58</sup> “[A Vitória] chamava-me muitas vezes, quando estava aborrecida comigo: «fedelhito», o que muito me humilhava.” (Ms A, 16r in OC, p. 93).

<sup>59</sup> T. DE SAINT-LAURENT, *Santa Teresa do Menino Jesus*, p. 9.

do seu imaginário infantil sente-se “«espiritualmente brincada»”<sup>60</sup>. Atendendo a esta afirmação podemos questionar-nos como Tomás Halík: “«Será que devemos ser brinquedos nas mãos de Deus? E será que Deus se deve comportar como uma criança esquecida?»”<sup>61</sup>. Na verdade, o que Teresinha nos pretende demonstrar é a sua capacidade de abandono e confiança em Deus<sup>62</sup>, por isso quer ser a bolinha do Menino Jesus<sup>63</sup>. Com a qual Ele pode brincar, “atirar para o chão, empurrar com o pé, furar, deixar num canto, ou apertar contra o seu coração”<sup>64</sup>. Toda a alma espiritualmente brincada é aquela em que “o homem faz esforços, não para pôr a mão em Deus ou para d’Ele se apoderar com a força dos seus braços, mas para experimentar a sua própria pobreza e fraqueza.”<sup>65</sup>

Maravilhada por Deus, Teresinha dialogava com Ele pela oração; que é “um impulso do coração, é um simples olhar lançado para o Céu, é um grito de gratidão e de amor, tanto no meio da tribulação como no meio da alegria”<sup>66</sup>. A oração de Teresa é simples como a das crianças: “Digo muito simplesmente a Deus o que Lhe quero dizer, sem compor belas frases, e Ele compreende-me sempre...”<sup>67</sup> Não é mágica, nem vazia. É uma oração que se torna vida. Ora muitas vezes diante do Santíssimo Sacramento com o pai<sup>68</sup>, e mantém este hábito pela vida fora.

Na oração diária em família a menina Martin aprendeu a importância dos gestos e das atitudes na oração. Por isso, a ‘presença ausente’ de Zélia continuava bem visível nas atitudes

---

<sup>60</sup> C. H. C. SILVA, “O miniaturial em Santa Teresa do Menino Jesus – Da mudança de escala na via da santidade”, *Didaskalia*, 32 (2002) 2, p. 171.

<sup>61</sup> T. HALÍK, *Paciência com Deus – Oportunidade para um encontro*, Trad. Paulinas Editora 2012, Paulinas Editora, Prior Velho, 2013, p. 59.

<sup>62</sup> Depois de se interrogar perante as metáforas infantis de Teresinha Tomás Halík, anos mais tarde, conclui: “Percebi até que ponto ela encerrava autodesprezo e um sentido benéfico de humor que me ajudou a fazer frente à tentação de autocomiseração nos momentos de fracasso, de especular de forma infrutífera sobre as razões pelas quais Deus permite que isto ou aquilo aconteça, por que motivo Ele não protege alguém tão excelente como eu, de responsabilizar furtivamente todas as pessoas à minha volta, inclusive o próprio Deus.” (*Ibidem*, p. 60).

<sup>63</sup> “Santa Teresinha, no seu adorável espírito infantil, acha isso uma das mais belas imagens da vida espiritual. A alma, como a bolinha, se faz o brinquedo do Menino Jesus.” (A. BRANDÃO, *O breviário da confiança – Pensamentos para cada dia do ano*, 2ª Ed, Editora Cléofas, Lorena, 2013, p. 87).

<sup>64</sup> Ms A, 64r in OC, p. 177.

<sup>65</sup> J. LAFRANCE, *A minha vocação é o amor – Teresa de Lisieux*, Trad. Fernando Reis, Edições Paulistas, Lisboa, 1986, p. 53.

<sup>66</sup> Ms C, 25r in OC, p. 276.

<sup>67</sup> Ms C, 25r in OC, p. 276.

<sup>68</sup> Cf. Ms A, 14r in OC, p. 90.

da filha<sup>69</sup>. Davam relevo à Virgem Maria nos momentos de oração. No mês de Maio adornavam com as mais belas flores a imagem da Imaculada Conceição, que depois da cura de Teresinha passou a ser chamada Virgem do Sorriso. Pois, aos dez anos a menina Martin enfrentou com fadiga um esgotamento nervoso, causado, em parte, pela ida de Paulina para o Carmelo de Lisieux<sup>70</sup>. O seu estado frágil comovia, e a oração tornou-se mais intensa diante da Virgem:

“Toda a família se move para obter do Céu a cura da criança. Mandou celebrar uma novena de missas no santuário parisiense de Nossa Senhora das Vitórias. A 13 de Maio, na festa de Pentecostes, Teresa volta-se para a estátua da Virgem que se encontra perto da sua cama. A Virgem sorriu-lhe! Teresa está curada”<sup>71</sup>.

Para além do zelo pela vida espiritual, houve também um empenho claro na educação social, humana, e intelectual das meninas Martin. A inteligência de Teresa causou cobiça a algumas colegas da Abadia<sup>72</sup>. Este aspeto e o facto de sociabilizar pouco com as meninas da sua idade conduziram-na à angústia da ingratidão e do desprezo<sup>73</sup>. Porém, amou sempre silenciosamente, vivendo a misericórdia com aquelas que lhe davam pouquíssimo ou nenhum valor:

“Depressa notei que o meu amor era incompreendido. Uma das minhas amigas, tendo-se visto obrigada a ir para casa, regressou passados alguns meses. Durante a sua ausência, tinha *pensado nela* [...]. Ao voltar a ver a minha companheira, senti muita alegria; mas, pobre de mim! não obtive senão um olhar indiferente... Senti que o meu amor não era compreendido, e não *mendiguei* um afecto que me era recusado. Contudo, Deus deu-me um coração tão fiel que, a

---

<sup>69</sup> “Amava muito a Deus e oferecia-Lhe muitas vezes o meu coração servindo-me da formulazinha que a mamã me tinha ensinado.” (Ms A, 15v in OC, p. 92).

<sup>70</sup> Cf. Ms A, 27r in OC, p. 110.

<sup>71</sup> P. DESCOUVEMONT, “Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte Face”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Dirs.), *et alt., Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique: doctrine et histoire*, Vol. XV, Beauchesne, Paris, 1991, [= DSp 15], col. 577-578.

<sup>72</sup> Cf. Ms A, 38r in OC, p. 129.

<sup>73</sup> Todos estes aspetos lidos à luz da Psicanálise podem colocar-nos diante de uma menina “afetada por uma incapacidade patológica de socialização ou, até mesmo, por distúrbios neuróticos compulsivos. Na realidade, Teresa ia amadurecendo um distanciamento interior de tudo o que é prestígio social e que aos olhos das raparigas da sua idade era objeto de interesse”. (G. P. DI NICOLA, A. DANESE, *Um amor escrito no céu*, p. 152).

partir do momento em que amou puramente, ama sempre. Por isso, continuei a rezar pela minha companheira, e ainda a amo...”<sup>74</sup>

O modo de ser de Teresinha resulta também do gosto especial pela literatura espiritual. Os livros das ciências humanas causavam-lhe confusão, levando-a às lágrimas<sup>75</sup>. Lia com entusiasmo a Escritura, a Imitação de Cristo e as obras de São João da Cruz e de Santa Teresa de Ávila<sup>76</sup>. A Sagrada Escritura ocupou um lugar relevante na vida da futura carmelita. Foram importantes os textos do Profeta Isaías (Is 66, 12-13) e Provérbios (Prov 9, 4) na sua proposta do Pequeno Caminho, como veremos adiante. Teresa de Lisieux faz da Bíblia “o seu livro de cabeceira. Carrega-o sempre consigo. Sabe-o de cor. É seu mapa de orientação.”<sup>77</sup> Torna-se, assim, uma imagem viva do Evangelho.

Aos poucos foi amando Deus de uma forma imensa e incondicional. Para viver melhor este amor a pequenina Martin desejava ardentemente comungar. A irmã Maria, com dedicação, preparou-a para a Primeira Comunhão. O desejado dia chegou: “Ah! Como foi doce o primeiro beijo de Jesus à minha alma!... Foi um beijo de amor. Sentia-me amada e dizia por minha vez: - «Eu amo-vos! Dou-me a Vós para sempre!»”<sup>78</sup>. Teresa uniu-se intimamente a Jesus pela Eucaristia. Na *História de uma Alma*, descreve-nos as graças recebidas por meio da Eucaristia: o zelo pela salvação das almas dos pecadores<sup>79</sup>, a descoberta do sentido do sofrimento na vida espiritual<sup>80</sup> e a sua consagração como vítima ao amor misericordioso<sup>81</sup>.

---

<sup>74</sup> Ms A, 38r in OC, p.130.

<sup>75</sup> Cf. Ms A, 13v in OC, p. 90.

<sup>76</sup> Teresa de Lisieux encontra nas intuições da reformadora de Ávila as razões para o seu desejo missionário, mesmo vivendo uma vida contemplativa. Aprende também da Madre espanhola o valor supremo do Amor. E por isso, à sua semelhança, escreve com a intenção de revelar as misericórdias de Deus através do mistério da Trindade que habita no fundo do seu coração. Cf. P. DESCOUVEMONT, “Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte Face”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Dirs.), *et alt.*, DSp 15, col. 600.

<sup>77</sup> C. DE MEESTER, *As mãos vazias – a mensagem de Teresa de Lisieux*, Trad. Carmelo do Sagrado Coração de Jesus de Juiz de fora, Minas Gerais, Edições Paulinas, São Paulo, 1976, p. 120.

<sup>78</sup> Ms A, 35r in OC, p. 124.

<sup>79</sup> Cf. Ms A, 45v in OC, p. 142.

<sup>80</sup> Cf. Ms A, 36r in OC, p. 126

<sup>81</sup> Cf. Ms A, 84r in OC, p. 215.

Teresinha deixou-se invadir pelo Amor Misericordioso de Deus, e procurou dar sentido ao “doce pensamento de entrar para o Carmelo, estando ainda nas *fraldas da infância!*”<sup>82</sup> Foi na venturosa noite de Natal de 1886 que a rainhazinha<sup>83</sup> de Luís Martin deixou de ser infantil e começou a preparar-se para viver a *infância espiritual*<sup>84</sup>. A menina Martin a partir da sua interioridade tomou consciência de si mesma e deixou de viver, somente, à sombra dos afetos da família. Teresa reconheceu que “Jesus tinha-lhe mudado o coração!”<sup>85</sup> Conrad de Meester fala-nos da atração da menina Martin por Jesus:

“Normalmente, somos cativados por tudo ou por nada, tudo parece oferecer compensação. Com Teresa, pelo contrário, muitas coisas já se vão tornando relativas. Tudo é disposto em volta de um ponto que adquiriu valor absoluto. Ela já possui um centro, um pólo, seu coração está acorrentado por um grande amor. [...] O ideal que se apoderou da mais [nova Martin] não é uma ideologia nem um objeto. É um homem. Deseja amar intensamente Jesus. A vida parece-lhe um dom de Jesus, deve ser dedicada a Ele. Ela sabe que é interpelada por um amor criador e quer corresponder a ele por um dom total de si mesma. Jesus não lhe é um personagem longínquo, histórico”<sup>86</sup>.

Naquela noite de Natal começou, num simples instante, o terceiro período da vida de Teresinha: “o mais belo de todos, o mais repleto das graças do Céu...”<sup>87</sup> Confrontou-se com algumas dificuldades, que a ajudaram a aproximar-se do Mistério de Deus. Perante o qual sentiu a sua pequenez, “já não imaginada exteriormente, outrossim reencontrada na *diminuição do ponto de vista*, ou dito de outro modo, no olhar puramente humilde e despojado de si mesma.”<sup>88</sup> Neste período da sua vida realçamos: o desejo em salvar almas, o anúncio da entrada para o Carmelo, os apoios e entraves que encontrou até conseguir entrar e as dificuldades e alegrias com que aqui se deparou no Carmelo de Lisieux.

---

<sup>82</sup> Ms A, 44v in OC, p. 140.

<sup>83</sup> Cf. Ms A, 50r in OC, p. 151.

<sup>84</sup> Cf. C. H. C. SILVA, “O miniaturial em Santa Teresa do Menino Jesus”, p. 180.

<sup>85</sup> Ms A, 45r in OC, p. 142.

<sup>86</sup> C. DE MEESTER, *As mãos vazias*, p. 17.

<sup>87</sup> Ms A, 45v in OC, p. 142.

<sup>88</sup> C. H. C. SILVA, “O miniaturial em Santa Teresa do Menino Jesus”, p. 182.

O desejo de salvar almas provém do grito de Jesus «Tenho sede!» (Jo 19, 28). O grito de quem está sequioso de amor colocou a jovem Martin “no caminho da oração pelos pecadores, encontrando aqui a forma de consolar Jesus, que tem sede de almas.”<sup>89</sup> Esquecendo-se de si, silenciosamente num domingo de junho de 1887<sup>90</sup>, associou-se aos pecadores, desejando a sua conversão. Deus colocou na vida de Teresa o francês Pranzini, condenado à morte por ter assassinado duas mulheres e uma criança<sup>91</sup>. Pela força da oração da jovem Martin, o assassino converteu-se. No momento de ser degolado agarrou o crucifixo e beijou-o três vezes<sup>92</sup>. Tornou-se o primeiro filho espiritual da carmelita de Lisieux.

Depois da alegria sentida por esta conversão, Teresa passou por alguns momentos de prova; que a colocaram num estado de “noite profunda da alma”<sup>93</sup>. Encontrará quem a motive a concretizar a sua vocação<sup>94</sup>, mas também quem a queira desencorajar<sup>95</sup> e impedir<sup>96</sup>, já depois do consentimento do pai.

“Sem dizer uma palavra, fui-me sentar ao lado dele, com os olhos já cheios de lágrimas. Ele olhou-me com ternura, e pegando-me na cabeça, encostou-a contra o seu coração, dizendo-me: - «Que tens, minha rainhazinha?... Conta-me lá...». Depois, levantando-se como para dissimular a sua própria emoção, caminhou lentamente, mantendo a minha cabeça encostada ao seu coração. No meio de lágrimas, confiei-lhe o meu desejo de entrar para o Carmelo. Então as lágrimas dele vieram misturar-se com as minhas; mas não disse uma palavra para me dissuadir da minha vocação, contentando-se simplesmente com fazer notar que eu era ainda muito nova para tomar uma decisão tão séria. Mas eu defendi tão bem a minha causa que o Papá, com a sua maneira de ser simples e recta, ficou logo convencido de que o meu desejo era o do próprio Deus.”<sup>97</sup>

---

<sup>89</sup> J. GAUTHIER, *Tenho sede – Duas vidas, um só amor*, Trad. Anabela Costa Silva, Paulus Editora, Lisboa, 2007, p. 20.

<sup>90</sup> Cf. P. T. CAVALCANTE, “Alma”, in IDEM, DST, p. 21.

<sup>91</sup> Cf. P. T. CAVALCANTE, “Henrique Pranzini”, in IDEM, DST, p. 270.

<sup>92</sup> Cf. Ms A, 46r in OC, p. 144.

<sup>93</sup> Ms A, 51r in OC, p. 153.

<sup>94</sup> A irmã Paulina. Cf. Ms A, 49r in OC, p. 149. A irmã Celina. Cf. Ms A, 49v in OC, p. 150. E o seu pai.

<sup>95</sup> A irmã Maria. Cf. Ms A, 49r in OC, p. 150. E o seu tio. Cf. Ms A, 50v-51r in OC, p. 153.

<sup>96</sup> O padre Delatroette. Cf. Ms A, 51v-52r in OC, p. 155. E o Bispo de Bayeux e Lisieux D. Flaviano Hugonin. Cf. Ms A, 54v in OC, p. 161.

<sup>97</sup> Ms A, 50r in OC, p. 151-152.

Só o consentimento do pai, pleno de misericórdia - aproximação, aconchego e escuta - verdadeiramente interessava para Teresinha. Para além disso, alguns sinais de confiança começaram a despontar durante a peregrinação a Roma, com o pai e a irmã Celina. A sonhadora Martin teve a oportunidade de conviver com pessoas nobres e importantes da sociedade de Bayeux e com padres. Dialogando com estes, concluiu que os padres nem sempre têm uma alma “mais pura que o cristal”<sup>98</sup> e que lidavam com situações que ultrapassam o limite da paciência. Compreendeu, agora, a sua verdadeira vocação<sup>99</sup>. Para além de rezar pelos pecadores, teve também presentes nas suas orações as almas dos padres<sup>100</sup>. Durante a viagem deixou-se deslumbrar pela arte renascentista da Itália<sup>101</sup>. Porém, a aventureira Martin “aspirava por outras maravilhas; tinha contemplado suficientemente as *belezas da terra; as do Céu* eram o objeto dos seus desejos, e, para as dar às *almas*, queria tornar-me *prisioneira!*...”<sup>102</sup>

Chegado o domingo, 20 de novembro de 1887, a pequena peregrina aos pés do Papa Leão XIII disse-lhe: “«Santíssimo Padre [...] em honra do vosso jubileu, permiti-me entrar para o Carmelo aos 15 anos!...»”<sup>103</sup>. O Papa olhou-a com bondade e disse-lhe que respeitasse as ordens dos superiores. Contudo, o encontro com Leão XIII encerrou-se à luz da esperança, que olhando-a fixamente disse: “«Vamos!... Vamos!... *Se Deus quiser; entrará!*...»”<sup>104</sup>. A jovem sonhadora, aparentemente derrotada, saiu de Roma enriquecida na esperança:

“Em Roma, Jesus *furou* o seu brinquedozinho. Queria ver o que havia dentro. Depois, tendo-o visto, contente com a descoberta, deixou cair a bolinha e adormeceu... O que fez Ele durante o seu sono tranquilo, e o que aconteceu à bolinha abandonada?... Jesus sonhou que *brincava* com o seu brinquedo, ora deixando-o cair, ora apanhando-o. Depois de o ter feito rebolar para bem longe, apertava-o contra o coração, não permitindo que nunca mais se afastasse da sua

---

<sup>98</sup> Ms A, 56r in OC, p. 163.

<sup>99</sup> Cf. Ms A, 56r in OC, p. 163.

<sup>100</sup> Cf. Ms A, 56r in OC, p. 163.

<sup>101</sup> Cf. P. T. CAVALCANTE, “Viagem”, in IDEM, DST, p. 541.

<sup>102</sup> Ms A, 67r in OC, p. 182.

<sup>103</sup> Ms A, 63r in OC, p. 175.

<sup>104</sup> Ms A, 63v in OC, p. 175.



mãozinha... Compreendeis, minha querida Madre, quão triste estava a bolinha, ao ver-se *por terra*... Porém, eu não deixava de esperar contra toda a esperança”<sup>105</sup>.

Depois da viagem a Roma chegou o Natal, mas “Jesus não acordou... Deixou por terra a sua bolinha, sem mesmo lhe lançar um olhar...”<sup>106</sup> Teresinha sentiu-se uma alma esquecida. Até que “a 1 de Janeiro de 1888 véspera dos seus quinze anos, Teresa conhece finalmente a resposta do bispo. É afirmativa! Mas, para evitar a sua entrada em pleno inverno e conhecendo ao mesmo tempo as austeridades do Carmelo, as carmelitas retardam a sua entrada.”<sup>107</sup>

## 1.2. Depois da entrada no Carmelo de Lisieux

A 9 de abril de 1888 abriram-se as portas do Carmelo de Lisieux para a nova postulante: Teresa do Menino Jesus<sup>108</sup>. A “*Florzinha* colhida por Jesus”<sup>109</sup> foi transplantada para o Carmelo, onde experimentou na sua alma “uma PAZ tão doce e tão profunda”<sup>110</sup>. Aqui viveu nove anos, sem ilusões: “Encontrei a vida religiosa *tal* como a tinha imaginado. Nenhum sacrifício me espantou”<sup>111</sup>. Na tomada do hábito a 10 de janeiro de 1889, acrescentou ao seu nome ‘da Santa Face’<sup>112</sup>. A 8 de setembro de 1890 fez a sua profissão religiosa, e a 24 do mesmo mês tomou o véu preto. Estes dias foram marcos importantes para a carmelita. Mas dia especial foi 9 de junho de 1895, quando se ofereceu como *Vítima de Holocausto ao Amor Misericordioso de Deus*.

---

<sup>105</sup> Ms A, 64r-64v in OC, p. 177.

<sup>106</sup> Ms A, 67v in OC, p. 183.

<sup>107</sup> P. DESCOUVEMONT, “Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte Face”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Dirs.), *et alt.*, DSp 15, col 579.

<sup>108</sup> “Perguntava-me a mim mesma que nome iria ter no Carmelo. [...] De repente pensei no *Menino Jesus*, que tanto amava, e disse comigo: «Oh, como ficaria contente, se me chamasse Teresa do Menino Jesus!»” (Ms A, 31r-31v in OC, p. 117). Teresinha foi a primeira religiosa a chamar-se assim no Carmelo de Lisieux. Cf. P. T. CAVALCANTE, “Menino Jesus”, in IDEM, DST, p. 365.

<sup>109</sup> Ms A, 3v in OC, p. 73.

<sup>110</sup> Ms A, 69r in OC, p. 186.

<sup>111</sup> Ms A, 69v in OC, p. 187.

<sup>112</sup> Teresa do Menino Jesus acrescenta este segundo nobre título ao seu nome porque descobre o sentido do rosto de Cristo com lágrimas, suor e sangue nos homens do seu tempo. A carmelita começa a fazer esta descoberta já na sua infância, aquando da visão misteriosa, em que “o sr. Martin foi escolhido para receber o cunho da humilhação de Cristo e representar a imagem viva do Senhor para a filha”. (H. GHÉON, *Teresa de Lisieux*, p. 95).

No Carmelo de Lisieux Teresinha depara-se com um ambiente onde as religiosas “se oferecem como vítimas à Justiça de Deus a fim de desviarem e de atraírem sobre elas os castigos reservados aos culpados.”<sup>113</sup> O jansenismo e outros acontecimentos históricos deixaram marcas no pensar e agir humano, que influenciaram também as carmelitas. Admirava o comportamento das irmãs, mas a jovem carmelita levava consigo uma semente esquecida: o amor. Numa carta dirigida à Irmã Maria do Sagrado Coração, afirmou: “Encontrei o meu lugar na Igreja [...] No coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o Amor...”<sup>114</sup> O Carmelo foi o deserto ideal para plantar as sementes do Amor Misericordioso de Deus.

Reconhecendo-se imperfeita<sup>115</sup>, nas pequenas ações do dia-a-dia revelou os traços da Misericórdia de Deus, de uma forma esplendida, porque se abandonou e confiou a Deus. No Manuscrito C, com a simplicidade e sublimidade a que nos habituou, Teresinha conta-nos alguns dos momentos em que fez brilhar a misericórdia de Deus na terra, que apresentaremos no terceiro capítulo da dissertação. No viver quotidiano da carmelita de Lisieux percebemos que é “*próprio do amor inclinar-se*”<sup>116</sup>.

Na exigência de viver por amor a ilustre carmelita do século XIX sentiu fortes alfinetadas<sup>117</sup>. O sofrimento estendeu-lhe os braços e ela lançou-se neles com amor. Demonstrou-o de modo excecional nos primeiros cinco anos de vida religiosa ao enfrentar a frieza e severidade da Madre Maria de Gonzaga<sup>118</sup>. No entanto, respeitava e amava a Madre<sup>119</sup>. É no sofrimento que a sonhadora enclausurada encontra motivação para a sua vocação: “A minha vocação é o amor!...”<sup>120</sup> e “o amor alimenta-se de sacrifícios”<sup>121</sup>. A contemplativa de

---

<sup>113</sup> Ms A, 84r in OC, p. 215.

<sup>114</sup> SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Manuscrito B* [= Ms B], 3v in OC, p. 230.

<sup>115</sup> Cf. Ms C, 15r in OC, p. 262.

<sup>116</sup> C. H. C. SILVA, “O miniaturial em Santa Teresa do Menino Jesus”, p. 190.

<sup>117</sup> Cf. Ct 55, r in OC, p. 359.

<sup>118</sup> “A boa Madre não deixava de censurá-la sempre que a via. Teresa, por exemplo, acaba de varrer o claustro; deixou por descuido uma teia de aranha num recanto escuro, e esta será, naturalmente, a primeira coisa que a Madre Priora irá notar. Imediatamente, a sua voz estridente põe em sobressalto a comunidade: - ‘Bem se vê que os nossos claustros são varridos por uma garota de quinze anos!’” (H. GHÉON, *Teresa de Lisieux*, p. 81).

<sup>119</sup> Cf. P. T. CAVALCANTE, “Maria de Gonzaga (Madre)”, in IDEM, DST, p. 347.

<sup>120</sup> Ms B, 3v in OC, p. 230.

<sup>121</sup> Ms C, 21v in OC, p. 271.

Lisieux sabia o que queria, como nos mostra numa carta dirigida ao padre Roulland: conduzir as almas dos pecadores para Deus, rezar pelos missionários, pelas vocações e fazer Deus amado<sup>122</sup>. Realizou, assim, a sua vocação unindo-se também aos que *viviam* com ela fora do Carmelo de Lisieux. Porque estava unida a muitas almas exteriores ao Carmelo, pela oração e por cartas. Nestas almas semeou o amor à luz do seu Pequeno Caminho.

A jovem religiosa sofreu caladamente as suas dores: físicas, humanas e espirituais. Saliento a doença que a vitimou, o quanto sofreu com a doença e morte do pai, e a noite escura da fé, respetivamente. Começo por me referir ao “fluxo que subia, subia aos borbotões até aos lábios [...] parecia-me que era sangue que tinha vomitado.”<sup>123</sup> A doença, tuberculose, foi aceite como uma graça, porque sentiu que se aproximava o dia de ir para o Céu<sup>124</sup>. O vigor da alegria e da esperança, num corpo que se começa a corroer, resultou do carácter paciente, alegre, simples, amoroso e pedagógico<sup>125</sup> de Teresinha neste período. A jovem sempre sensível aos sofrimentos do próximo foi acarinhada na doença: “*há mais que uma Irmã caridosa, e inesperadamente outra que anda a virar o feno, depõe-me flores nos joelhos*”<sup>126</sup>. Foi uma verdadeira heroína, sem ir para um campo de combate como Joana d’Arc<sup>127</sup>. A jovem doente desejava continuar a amar após a morte, e prometeu “uma chuva de rosas”<sup>128</sup>. De forma singela, aquela que viveu pela e na Misericórdia manifesta o desejo de continuar unida aos seus amigos.

A dor humana que mais dilacerou o pequeno coração da carmelita francesa foi a doença e morte do pai. Falava dele carinhosamente e com entusiasmo: “Não consigo dizer quanto amava o Papá. Tudo nele me causava admiração.”<sup>129</sup> Realizou-se, assim, a visão misteriosa que

---

<sup>122</sup> Cf. Ct 201, in OC, p. 572-577.

<sup>123</sup> Ms C, 4v-5r in OC, p. 247.

<sup>124</sup> Cf. Ms C, 5r in OC, p. 248.

<sup>125</sup> Cf. P. T. CAVALCANTE, “Doença”, in IDEM, DST, p. 191.

<sup>126</sup> Ms C, 17r in OC, p. 265.

<sup>127</sup> “Santa Teresinha tinha uma grande devoção por Joana D’Arc. [...] recebeu influência de Joana D’Arc não somente no seu élan por Deus, por Jesus, pela fé, pela Igreja, pela França, pelas ações heroicas, mas também alguma coisa na sua própria espiritualidade, como a sua esperança e confiança em Deus”. (P. T. CAVALCANTE, “Joana D’Arc (Santa)”, in IDEM, DST, p. 302).

<sup>128</sup> UCR, 9.6.3 in OC, p. 1133.

<sup>129</sup> Ms A, 21r in OC, p. 101.

tinha tido catorze anos antes<sup>130</sup>. Luís Martin voou ao encontro de Jesus<sup>131</sup> a 29 de julho de 1894. Depois da morte do anjo da guarda da família Martin, Celina entrou no Carmelo de Lisieux, a 14 de setembro de 1894. O laço de amor que as unia era forte e evidente, mas Teresinha tratava-a do mesmo modo que as outras religiosas, como fazia com Maria e Paulina. Por exemplo, não se preocupava em estar com elas nos momentos de recreio<sup>132</sup>. As irmãs Martin espantavam-se, e sentiram alguma indiferença por parte da irmã. Todavia, acabaram por compreendê-la, à medida que iam percebendo a sua espiritualidade.

A dor que mais angustiou Teresinha foi a provação interior: a noite escura da fé, a “noite do nada”<sup>133</sup>. Foi no Carmelo que a Irmã Teresa do Menino Jesus e da Santa Face viveu as maiores e mais terríveis provações da fé. A esposa de Jesus<sup>134</sup> sentiu-se como uma *criança* perdida, da qual o Pai largou as mãos. Envolvida por densas trevas, escondida a certeza do Céu, questionou aquilo que sonhou, viveu e ensinou:

“«Sonhas com a luz, com uma pátria inundada dos mais suaves perfumes..., sonhas com a posse eterna do Criador de todas estas maravilhas..., pensas sair um dia dos nevoeiros que te rodeiam... Continua! Continua! Alegra-te com a morte, que te dará, não o que tu esperas, mas uma noite mais profunda ainda, a noite do nada».”<sup>135</sup>

Não vacilou durante as provações, porque percebia que Deus lhe dava a força que precisava<sup>136</sup>. Permaneceu firme e confiante no seu peregrinar nesta terra, porque sabia que o Céu a esperava. A heroína do Carmelo francês enfrentou a noite escura da fé, com o escudo de sempre: o amor de Deus que penetra o seu nada<sup>137</sup>.

---

<sup>130</sup> A jovem carmelita conta detalhadamente esta visão misteriosa no seu Ms A, 20r-20v in OC, p. 99-101.

<sup>131</sup> Cf. Ms A, 82v in OC, p. 211.

<sup>132</sup> Cf. H. GHÉON, *Teresa de Lisieux*, p. 84.

<sup>133</sup> Ms C, 6v in OC, p. 250.

<sup>134</sup> “Ser esposa de Jesus é, no coração de Teresinha, um sonho, uma realidade, uma vida, uma espiritualidade, um ideal, um caminho, um ofício de amor. [...] Todavia, ser esposa de Jesus significa muitíssimo para Teresinha. Não é somente viver a felicidade desse matrimónio espiritual e divino, mas é viver aqui na terra unida ao seu esposo, que é um esposo de sangue (CT 82); cujas lágrimas devem ser enxugadas pela esposa (CT 112, 125; RP.5,2v).” (P. T. CAVALCANTE, “Esposo”, in IDEM, DST, p. 210).

<sup>135</sup> Ms C, 6v in OC, p. 250.

<sup>136</sup> Cf. Ms C, 7v in OC, p. 274.

<sup>137</sup> Cf. J. LAFRANCE, *A minha vocação é o amor*, p. 74.

“Teresa «não vê» Deus à luz da fé, mas, apesar disso, relaciona-se com Ele com um amor apaixonado [...] Deus está terrivelmente distante; a mulher moribunda experimenta apenas um vazio insondável. Ela é incapaz de o preencher com a fé, porque no meio da sua fé perdeu o seu «sujeito» [...]. No entanto, nas profundezas do seu sofrimento, mantém-se aquilo a que ela se dedicou na aurora da vida adulta, e que pacientemente exercitou quando se confrontou com várias expressões de desprezo por parte das suas irmãs do convento: o amor paciente.”<sup>138</sup>

O amor sempre a fez sorrir, exterior e interiormente, como veremos adiante quando falarmos do seu encargo de Mestra de noviças. Uma das características mais belas e ternas da carmelita francesa é o sorriso. Teresinha usou-o como uma arma para: dobrar corações, vencer-se a si mesma, e mostrar amor e caridade<sup>139</sup>. Com a simplicidade do sorriso, que traduz misericórdia, a jovem carmelita mostra-nos como amou uma das irmãs que mais a desagradava:

“Apliquei-me a fazer por essa Irmã o que faria pela pessoa que mais amo. [...] Não me contentava em rezar muito pela Irmã que me proporcionava tantos combates; procurava prestar-lhe todos os serviços possíveis e, quando tinha a tentação de lhe responder de uma maneira desagradável, contentava-me com dar-lhe o meu sorriso, [...] Um dia, no recreio, disse-me mais ou menos estas palavras, com um ar muito contente: «Poderíeis dizer-me, minha Irmã Teresa do Menino Jesus, o que tanto vos atrai em mim, cada vez que olhais para mim vejo-vos sorrir?». Ah! o que me atraía era Jesus escondido no fundo da sua alma... Jesus, que torna doce o que há de mais amargo... Respondi-lhe que sorria porque ficava contente de a ver”<sup>140</sup>.

Pelo caminho da infância espiritual a carmelita de Lisieux sentiu, viveu, e anunciou a Misericórdia de Deus, e revitalizou o segredo mais antigo do Evangelho: reconhecer-se como uma criança diante de Deus (cf. Mt 18, 4). Percorridos 24 anos nesta terra, a 30 de setembro de 1897, antes do último suspiro, Teresinha dialogou com Aquele que sempre a acompanhou: “Oh! Amo-O. Meu Deus...eu...amo-Vos!”<sup>141</sup> Rapidamente se começou a espalhar pelo mundo a santidade da jovem humilde, serena e misericordiosa de Lisieux.

---

<sup>138</sup> T. HALÍK, *Paciência com Deus*, p. 68.

<sup>139</sup> Cf. P. T. CAVALCANTE, “Sorriso”, em IDEM, DST, p. 508.

<sup>140</sup> Ms C, 14r in OC, p. 261.

<sup>141</sup> UCR 30.9 in OC, p. 1259.

Muitas almas começaram a pedir a sua intercessão junto de Deus. Os milagres aconteciam e muitas cartas chegavam ao Carmelo de Lisieux a agradecer a prometida chuva de rosas<sup>142</sup>. Assim, Teresa do Menino Jesus e da Santa Face foi beatificada a 29 de abril de 1923 pelo Papa Pio XI<sup>143</sup>, e canonizada pelo mesmo a 17 de maio de 1925<sup>144</sup>. Neste dia, na praça de S. Pedro em Roma estavam 500 000 peregrinos<sup>145</sup> a cantar as maravilhas operadas por intermédio de Santa Teresinha do Menino Jesus e da Santa Face. Dois anos depois o mesmo Papa declarou-a padroeira principal dos missionários<sup>146</sup>, juntamente com São Francisco Xavier. No pontificado de Pio XII foi proclamada “patrona secundária da França”<sup>147</sup> ao lado de Joana d’Arc, a 3 de maio de 1944. E quase a findar o século XX foi declarada Doutora da Igreja<sup>148</sup> pelo Papa João Paulo II no dia 19 de outubro de 1997.

## 2. Obra de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face

Os escritos de Teresa de Lisieux são simples e de fácil compreensão. Mas intensos na sua mensagem. Neles a jovem carmelita manifesta “uma síntese amadurecida da espiritualidade cristã; une a teologia e a vida espiritual, exprime-se com vigor e autoridade, com grande capacidade de persuasão e de comunicação.”<sup>149</sup>

---

<sup>142</sup> Cf. P. T. CAVALCANTE, “Milagre”, in IDEM, DST, p. 367.

<sup>143</sup> Cf. PIUS PP. XI, *Littera Apostolica - Venerabilis dei famula theresia a Iesu Infante, monialis professa ordinis carmelitarum excalceatorum, beata renuntiatur*, in AAS 15 (aprilis 1923), p. 206. Era notável a devoção e a estima do Papa Pio XI por Teresinha, que considerou o dia da beatificação da carmelita o mais especial do seu pontificado. Cf. P. T. CAVALCANTE, “Pio XI (1922-1939)”, in IDEM, DST, p. 426.

<sup>144</sup> Cf. PIUS PP. XI, *Solemnis canonizatione - Beatae Theresiae ab Infante Iesu, virginis, in basilica vaticana die xvii maii mdcccxxv peracta*, in AAS 17 (maius 1925), p. 211.

<sup>145</sup> Cf. *L'attività della Santa Sede nel 1997*, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1998, p. 610.

<sup>146</sup> Cf. SACRA CONGREGATIO RITUUM, *Dioecesium et Vicariatuum*, in AAS 20 (december 1927), p. 148.

<sup>147</sup> PIUS PP. XII, *Epistula - Ad emos pp. dd. cardinales et excmos ac revmos archiepiscopos et episcopos Galliae*, in AAS 37 (ianuarius 1945), p. 180.

<sup>148</sup> Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Littera Apostolica - Sancta Theresia a Iesu Infante et a Sacro Vultu Doctor Ecclesiae universalis renuntiatur*, in AAS 90 (october 1997), p. 930-944. Pio XI já tinha iniciado o processo de declaração de doutora da Igreja da carmelita, mas o facto de ser mulher era impedimento. Foi longo o período de espera para Teresa de Lisieux ser declarada Doutora da Igreja. Cf. C. MACCISE, J. CHALMERS, “Uma doutora para o terceiro milénio”, *Revista de espiritualidade* 21 (1998), p. 36-39.

<sup>149</sup> IOANNES PAULUS PP. II, *Littera Apostolica*, in AAS 90 (october 1997), p. 936.

Os seus escritos são: a História de uma Alma (composta por três manuscritos: A, B, C)<sup>150</sup>, 268 cartas, 62 poesias, 8 recreações piedosas e 21 orações. Também conhecemos os seus últimos conselhos e recordações, que foram escutados e redigidos por várias religiosas<sup>151</sup>. Assume um papel relevante a Madre Inês. Muito sensível à doença de Teresa senta-se à sua cabeceira nas horas do Ofício, recreios, e sempre que as enfermeiras lhe pedem.

## 2.1 História de uma Alma

De todos os escritos da carmelita de Lisieux a *História de uma Alma*, escrita por obediência<sup>152</sup>, é o mais conhecido. O título *História de uma Alma* é da autoria do padre Godofredo Madalena<sup>153</sup>, fundamentando-se nas palavras da própria carmelita<sup>154</sup>. A obra foi publicada a 30 de setembro de 1898, composta pela Madre Inês. Rapidamente teve um sucesso admirável, e foi traduzida em várias línguas.

A Madre Inês fez mais de 7000 modificações nos escritos da jovem carmelita<sup>155</sup>. Embora os considerasse um tesouro, “tirou tudo que não achava conveniente ser publicado, ou porque lhe parecia coisa muito familiar, ou, talvez, porque quisesse dar outra impressão de Santa Teresinha.”<sup>156</sup> Gerou-se alguma polémica, e foi implorada a publicação dos escritos originais. Em 1950, o Papa Pio XII ordenou que estes fossem publicados. Este pedido só se concretizou nove anos depois, para livrar a Madre Inês de tormentos. Na verdade “a comparação entre a *História de uma Alma*, versão de 1898, e os *Manuscritos autobiográficos*, exemplar de 1959, mostra com evidência que a primeira tem duas autoras, Paulina e Teresa, enquanto a

---

<sup>150</sup> O padre Francisco de Santa Maria ao publicar os textos originais usa pela primeira vez a designação de Manuscrito A, B, e C. Cf. SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *História de uma alma*, p. 13.

<sup>151</sup> Cf. SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *OC*, p. 1469.

<sup>152</sup> Cf. Ms A, 2r in *OC*, p. 71.

<sup>153</sup> Cf. P. T. CAVALCANTE, “História de uma alma”, in IDEM, *DST*, p. 273.

<sup>154</sup> “História primaveril de uma florzinha branca escrita por ela própria [...] venho confiar a história da minha alma”. (Ms A, 2r in *OC*, p.71).

<sup>155</sup> Cf. P. T. CAVALCANTE, “História de uma alma”, in IDEM, *DST*, p. 275.

<sup>156</sup> *Ibidem*, p. 275.

segunda tem uma, a santa”<sup>157</sup>. E também nos permitem verificar que a Santa na sua humanidade viveu muitas incertezas e angústias.

Os três Manuscritos foram pedidos e dedicados a religiosas distintas. Apesar de uma mensagem diferente, todos mostram a grandeza e Misericórdia de Deus face à pequenez e fraqueza humana. O Manuscrito A dedicado à Madre Inês de Jesus foi escrito entre janeiro de 1895 e 20 de janeiro do ano seguinte. Nele a carmelita recorda a infância, a primeira confissão, a Primeira Comunhão, o Crisma, a adolescência, as alegrias e canseiras relacionadas com a entrada no Carmelo de Lisieux, e o dia da sua profissão religiosa.

O Manuscrito B é composto por duas cartas dirigidas à Irmã Maria do Sagrado Coração. É neste manuscrito que “se manifesta a plena maturidade da Santa que fala da sua vocação na Igreja, Esposa de Cristo e Mãe das almas”<sup>158</sup>. A carta de setembro de 1896 é aquela onde a carmelita expõe o que descobriu e viveu no seu Pequeno Caminho.

O Manuscrito C é dirigido à Madre Maria de Gonzaga. Teresinha apresenta a sua vida no Carmelo. Foi escrito pouco antes da sua morte, nos meses de junho e julho. Quando o lemos tocamos as “páginas mais belas dedicadas ao confiante abandono nas mãos de Deus, à unidade entre o amor a Deus e ao próximo, à sua vocação missionária na Igreja”<sup>159</sup>. São comoventes as páginas iniciais, nas quais a paciente<sup>160</sup> carmelita nos descreve a “noite do nada”, a noite da fé.

## 2.2 As Cartas

As cartas que conhecemos da carmelita de Lisieux<sup>161</sup> são uma coleção preciosa de textos, que enriquecem a literatura cristã de alta espiritualidade. Nelas aborda questões

---

<sup>157</sup> B. GOULEY, R. MAUGER, E. CHEVALIER, *Thérèse de Lisieux ou La Grande Saga d'une Petite Sœur : 1897-1997*, Fayard, Paris, 1997, [=Thérèse de Lisieux], p. 204.

<sup>158</sup> IOANNES PAULUS PP. II, *Littera Apostolica*, in *AAS* 90 (october 1997), p. 934.

<sup>159</sup> *Ibidem*, p. 935.

<sup>160</sup> “Bastaria examinar o comportamento de Santa Teresinha durante os últimos meses de sua doença mortal, para se ter um quadro maravilhoso da sua paciência”. (P. T. CAVALCANTE, “Doença”, in IDEM, DST, p. 402).

<sup>161</sup> Perderam-se cerca de um terço das suas cartas. Cf. SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *OC*, p. 300.



espirituais concretas da sua vida, e da vida dos destinatários<sup>162</sup>. Os temas mais frequentes são: o abandono, a confiança, a oração, o céu, os méritos, o sacrifício, a pequenez, a humildade, o amor, a misericórdia de Deus, e o sofrimento. Em algumas das suas cartas, e manuscritos autobiográficos, conversa com Jesus: “Que importa, meu Jesus, se caio a cada instante, *veja* assim a minha fraqueza isto é para mim um grande ganho...”<sup>163</sup>

Nas cartas da carmelita francesa verificamos o seu crescimento natural e profundo. Vinte anos “separam o primeiro bilhete tímido e acanhado de uma menina”<sup>164</sup> das cartas ricas de ensinamentos espirituais de uma carmelita, que exprimem o regozijo de uma vida que busca o amor absoluto de Deus Misericordioso<sup>165</sup>. Quando a morte se aproxima, apesar do sofrimento, continuou a ensinar às noviças e aos seus irmãos espirituais, por cartas, o Pequeno Caminho. Neste sentido, “ninguém pode conhecer o ‘Pequeno Caminho’ de Santa Teresinha, se não leu bem e meditou profundamente as cartas teresianas”<sup>166</sup>.

### 2.3 As Poesias

As suas 54 poesias, “compostas para ser cantadas em comunidade na ocasião de uma profissão, de uma festa ou de um aniversário”<sup>167</sup>, exprimem sentimentos profundos, com a intenção de promover o amor de Deus. Inspiradas na Sagrada Escritura têm uma grande dimensão teológica e espiritual. Pela poesia a carmelita apresenta “a alma teresiana, alma de mulher, de apaixonada, de carmelita, de mística”<sup>168</sup>, dando-se a conhecer, e o que deseja ser.

Aquando do centenário da morte da carmelita de Lisieux ficamos a conhecer “mais oito poesias suplementares conhecidas pela sigla PS”<sup>169</sup>, que constam nas Obras Completas. As três

---

<sup>162</sup> Cf. *Ibidem*, p. 301.

<sup>163</sup> Ct 89, 2r in OC, p. 402.

<sup>164</sup> SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, OC, p. 300.

<sup>165</sup> Cf. Ct 197, v in OC, p. 569.

<sup>166</sup> P. T. CAVALCANTE, “Cartas”, in IDEM, DST, p. 99.

<sup>167</sup> P. DESCOUVEMONT, “Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte Face”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Dirs.), *et alt.*, DSp 15, col. 584.

<sup>168</sup> P. T. CAVALCANTE, “Poesia”, in IDEM, DST, p. 433.

<sup>169</sup> *Ibidem*, p. 434.

últimas destacam-se porque “revelam o som do mais puro amor, da mais delicada ternura: para a sua priora (PS 6), para uma companheira impressionada com a sua partida (PS 7), para Jesus Hóstia que não deixou de «*abaixar-se*» para a sua «*pequenez*» (PS 8).”<sup>170</sup>

## 2.4 As Recreações Piedosas

As recreações piedosas foram escritas com a elegante intenção de alegrar as irmãs. O seu uso compreende-se se recuarmos ao tempo de Teresa de Jesus. Usadas no quotidiano e de forma especial nas festas litúrgicas e comunitárias, a reformadora tinha a intenção de quebrar a monotonia e evitar a melancolia de “uma vida de oração contínua na solidão e no silêncio, em comunidade de clausura”<sup>171</sup>.

As festas e os temas populares da época influenciam o tema de cada recreação. Porém, o palco principal onde Teresinha representa o que cria é o amor. Nas recreações piedosas, a realizadora e atriz salienta o que caracteriza a vida carmelita, e de modo concreto a sua: “o amor de Cristo, a caridade fraterna, a oração pelos pecadores e pelos sacerdotes, o espírito missionário, a humildade”<sup>172</sup>.

A primeira recreação piedosa que escreveu tem como personagem principal a heroína que sempre admirou: Joana d’Arc<sup>173</sup>. Foi escrita propositadamente para a festa da Madre Inês, ocorrida a 21 de janeiro de 1895. A estreante atriz, no papel de Joana d’Arc, foi aplaudida com entusiasmo pela comunidade. Contudo, os gestos e palavras de glória que a envolviam fizeram com que pensasse na banalidade das vaidades do mundo, e que apenas amar a Deus basta<sup>174</sup>.

---

<sup>170</sup> SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *OC*, p. 830.

<sup>171</sup> *Ibidem*, p. 845.

<sup>172</sup> *Ibidem*, p. 848.

<sup>173</sup> SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Recreações Piedosas [=RP] I*, in *OC*, p. 853-881.

<sup>174</sup> Cf. Ms C, 34v in *OC*, p. 290.

## 2.5 As Orações

Nas orações de Teresinha verificamos a sua simplicidade e o anseio de ser pequena; que despontam do seu caminhar na confiança, no abandono e no amor. Todas foram importantes para bem viver a sua “corrida de gigante”<sup>175</sup>. Nesta corrida, fortalecida por Deus, consegue *sair para fora do convento*, e concretiza o sonho de ser missionária. As 21 orações agrupam-se em três grupos:

“Orações espontâneas escritas na dor ou na alegria (Or 1, 14, 15, 16, 17, 19, 21); orações «pedagógicas» compostas para as noviças (Or 3, 4, 5, 7, 18, 20) e para uma pessoa leiga (Or 10); orações principais num momento decisivo da vida de Teresa (Profissão, Or 2; Acto de Oferecimento, Or 6; Oração para um irmão espiritual, Or 8; Consagração à Santa Face, Or 12)”<sup>176</sup>.

## 2.6 Os Últimos Conselhos e Recordações

Às portas da morte a carmelita de Lisieux continua fiel a Deus. Agora somente por palavras. Em cada palavra a jovem sonhadora apresenta o seu calvário. Alguns exegetas discutem a veracidade das últimas palavras da carmelita de Lisieux, por “não haverem provas materiais de que elas são ditas diretamente pela santa. Todas, apesar disso, são coerentes com os escritos autobiográficos”<sup>177</sup>. A Madre Inês nas anotações pode ter imprimido um pouco do seu sentimentalismo. Todavia, “elas merecem grande estima, porque muitas foram escritas à vista de Teresa ou logo depois de pronunciadas”<sup>178</sup>.

Conclui-se, então, que os diversos escritos de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face são de uma importância inegável. Expressam uma bela harmonia entre os dogmas da fé cristã e a experiência de vida, e por isso contribuíram para que a humilde carmelita fosse proclamada Doutora da Igreja. Quando a lemos tomamos consciência da sua sabedoria acerca

---

<sup>175</sup> Ms A, 44r in OC, p. 141.

<sup>176</sup> SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, OC, p. 1060.

<sup>177</sup> B. GOULEY, R. MAUGER, E. CHEVALIER, *Thérèse de Lisieux*, p. 212.

<sup>178</sup> P. T. CAVALCANTE, “Últimas Conversações”, in IDEM, DST, p. 532.

das coisas sobrenaturais, que lhe permitiu “traçar para os outros um caminho certo de salvação”<sup>179</sup>.

---

<sup>179</sup> PIUS PP. XI, *Solemnis canonizatione*, in *AAS* 17 (maius 1925), p. 213.

## CAPÍTULO II

### TERESA DE LISIEUX E A FRANÇA DO SÉCULO XIX

#### 1. O ambiente histórico-social na França do século XIX

A França entrou no século XIX influenciada pelo iluminismo. A revolução cultural, intelectual, política e industrial do século XVIII trouxe consequências para a sociedade e concretamente para a Igreja, que tinha alcançado um certo prestígio, que lhe permitia guiar a humanidade para Deus e para o bem comum. A descristianização e secularização do século XIX também se justificam pelo materialismo, positivismo e ateísmo produzidos pela Revolução Francesa<sup>180</sup>, que pairavam sobre o solo francês. O mundo aparentava bastar-se a si mesmo. Num ambiente social e espiritual controverso a Santa carmelita mostrou sempre que Deus ama e quer ser amado pelo homem<sup>181</sup>.

##### 1.1. A revolução industrial e os seus efeitos nas classes sociais

Com a revolução industrial aumentaram as condições de vida miseráveis, as condições de trabalho indignas, a desertificação das zonas rurais e o crescimento galopante de novos cidadãos nas cidades procurando melhores condições de vida. Estamos pois “num século de inovações”<sup>182</sup>, como diz a carmelita de Lisieux no Manuscrito dirigido à Madre Maria de Gonzaga. Consciente da cultura e mentalidade do seu tempo, a jovem francesa encantada com

---

<sup>180</sup> A Revolução Francesa foi um dos acontecimentos mais extraordinários da sociedade moderna. Também teve forte impacto a ação dos jansenistas, galicanos, pensadores e maçons, que levaram a sociedade a privilegiar tudo o que é humano, e aos poucos a sociedade descristianizou-se. A primeira medida da campanha anticatólica foi tomada em agosto de 1789, com a proclamação dos direitos do homem, sendo um deles a liberdade absoluta quanto à religião. Cf. B. LLORCA, *Manual de História Eclesiástica*, Trad. B. Xavier Coutinho, Vol. II – Idade Nova – Idade Moderna, Edições Asa, Porto, 1960, p. 641.

<sup>181</sup> “Eu sou essa filha, objecto do amor providente de um *Pai* que não enviou o seu Verbo para resgatar os *justos*, mas os *pecadores*. Quer que *O ame*, porque me *perdoou*, não muito, mas *tudo*.” (Ms A, 39r in OC, p. 131).

<sup>182</sup> Ms C, 2v in OC, p. 244.

Joana d’Arc, embora combatesse as tendências do seu tempo, deixou-se influenciar por elas como outras pessoas da sua época.

Fez uso de alguns símbolos de especial relevo no século XIX. No anúncio do Pequeno Caminho uma das imagens que usa é o elevador. A jovem carmelita, com a imagem do elevador, pretende falar-nos sobretudo da ligeireza com que podemos chegar a Deus, à Sua Misericórdia infinita. Dá-nos a conhecer a sua espiritualidade, mostrando que é abandonando-nos nos braços de Jesus que encontramos “um caminho fácil, curto, rápido e que superasse as dificuldades da subida da montanha do amor.”<sup>183</sup> Mas também nos revela a diferença que existe entre as classes sociais, associando esta imagem aos ricos da sociedade: “Agora já não se tem a maçada de subir os degraus de uma escada: em casa dos ricos o ascensor substitui-a vantajosamente.”<sup>184</sup>

No século XIX as classes sociais distinguiam-se cada vez mais. Conrad de Meester, na obra *As mãos vazias*, apresenta a distinção das classes sociais de um modo muito simples: “os pobres reúnem-se em volta do fogo e nas mansões burguesas reinam as conversas de salão.”<sup>185</sup> Surge neste período o operariado<sup>186</sup>. O progresso industrial e o surgimento das máquinas “divide profundamente a sociedade humana em duas classes, das quais a mais pequena em número monopoliza todas as riquezas dos modernos descobrimentos, enquanto a imensa massa trabalhadora procurava escapar à pressão da sociedade.”<sup>187</sup> A discrepância que se sentia entre as classes sociais fez com que sociólogos, empresários e trabalhadores clamassem ao Papa que lhes indicasse o caminho seguro para uma sociedade mais estável. Leão XIII (1878-1903) mostrou-se sempre disponível para escutar o povo que bradava por justiça, paz e concórdia. O chamado “«Papa social» ou «Papa dos operários»”<sup>188</sup>, que olhava com misericórdia para a

---

<sup>183</sup> P. T. CAVALCANTE, “Ascensor”, in IDEM, DST, p. 41.

<sup>184</sup> Ms C, 2v-3r in OC, p. 244.

<sup>185</sup> C. DE MEESTER, *As mãos vazias*, p. 39.

<sup>186</sup> Karl Marx é uma das figuras de relevo do século XIX. Idealiza uma sociedade produtiva. Há uma clara focalização no homem. Por isso criticando o sistema capitalista ergue a voz em defesa dos operários. No entanto, por ser ateu, o seu pensamento conduz a um ateísmo radical, pois considerava a religião como uma mentira para o homem. Cf. H. L. VAZ, “Marx (Karl)”, in Enciclopédia Verbo Luso-Brasileiro de Cultura: Edição século XXI, Vol. 19, Dir. João Bigotte Chorão, Rev. Lúcia Vintém, Editorial Verbo, Lisboa, São Paulo, 2001, col. 115-116.

<sup>187</sup> A. J. SCHMIDLIN (Org.), “Leão XIII como ‘Papa social’”, in A. FLICHE, V. MARTIN (Dirs.), *Historia de la Iglesia*, edición española dirigida por J. M. Javierre, Vol. XXV-1, EDICEP, Valencia, 1985, [= HI 25], p. 84.

<sup>188</sup> B. LLORCA, *Manual de História Eclesiástica*, p. 671.

sociedade, “em 1885 recebeu uma peregrinação de uma centena de industriais do norte de França”<sup>189</sup>, que se lamentavam por maior justiça na indústria moderna.

## 1.2. O Concílio Vaticano I: o grande acontecimento eclesial do século XIX

Leão XIII estabeleceu um contato estreito com as associações dos trabalhadores franceses. Porque com a colaboração deles a sociedade poderia voltar às suas raízes cristãs, e apontou um novo caminho:

“A industrialização tinha favorecido a descristianização dos operários, e se a Igreja quer recristianizá-los deve colocar-se nas mesmas condições em que eles vivem. Só assim a sua mensagem será credível, só assim poderão participar na formação de uma sociedade verdadeiramente cristã”<sup>190</sup>.

A Igreja interveio na sociedade como nos tempos idos, pois “os males que sofria a sociedade deviam-se ao progressivo debilitamento da autoridade da Igreja católica e do romano pontífice”<sup>191</sup>. Leão XIII empenhou-se em recuperar o protagonismo perdido. Pois, no Concílio Vaticano I (1869-1870), ocorrido no pontificado de Pio IX (1846-1878), tinha sido definida a Infalibilidade Papal (Constituição dogmática *Pastor Aeternus*)<sup>192</sup>. O Romano Pontífice queria apenas proclamar a autoridade infalível do seu ensinamento, sem deificar a sua pessoa e os seus atos<sup>193</sup>. Os protestantes descontentes consideravam esta proclamação “uma fonte de novas revelações, apesar de definir duas crenças tradicionais católicas: que o Espírito Santo não permitiria que a Igreja errasse quanto ao ponto essencial da fé e da moral e que o Espírito Santo guiava a Igreja através do papado.”<sup>194</sup> Com este aspeto podemos relacionar a proliferação da

---

<sup>189</sup> A. J. SCHMIDLIN (Org.), “Leão XIII como ‘Papa social’”, in A. FLICHE, V. MARTIN (Dirs.), HI 25, p. 84.

<sup>190</sup> J. M. LABOA, *Historia de la Iglesia – IV: Época contemporánea*, Coleção Sapientia Fidei - Serie de Manuales de Teologia, Vol. 27, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2002, p. 216.

<sup>191</sup> *Ibidem*, p. 229.

<sup>192</sup> Cf. PIUS PP. IX, *Constitutio Dogmatica Pastor Aeternus*, in *Acta Sanctae Sedis* [=ASS] 6 (1870-1871), p. 40-47.

<sup>193</sup> Cf. R. AUBERT (Org.), “El Concilio Vaticano”, in A. FLICHE, V. MARTIN (Dirs.), *Historia de la Iglesia*, Vol. XXIV, edición española dirigida por J. M. Javierre, EDICEP, Valencia, 1974, [=HI 24], p. 353.

<sup>194</sup> M. COLLINS, M. A. PRICE, *História do Cristianismo – 2000 anos de fé*, Trad. Ana Maria Pinto da Silva, Livraria Civilização Editora, Lisboa, 2000, p. 198.

maçonaria que cria tensões com o cristianismo. As tensões brotam do facto desta corrente extrair as suas leis e fundamentos do naturalismo, fazendo com que entrasse em confronto com a Santa Sé, porque a sua intenção consiste em fazer com que a Igreja deixe de ter influência na sociedade. Neste sentido, Leão XIII esforçou-se por combater as ideias maçónicas: a negação da existência de Deus, da criação, da providência e da eternidade, o indiferentismo, a secularização e a libertinagem que destruíam a ordem social cristã<sup>195</sup>.

A adolescente Martin respirou os ares do Concílio Vaticano I, e por isso venerava a figura do Romano Pontífice; como podemos verificar nos seus escritos: “Enfim, quero ser filha da Igreja, como a nossa Madre Santa Teresa, e rezar pelas intenções do nosso santo Padre o Papa, sabendo que as suas intenções abarcam o universo.”<sup>196</sup> Também os Papas se maravilharam com a carmelita francesa<sup>197</sup>: proclamaram a sua vida, a sua mensagem espiritual e a sua glória.

Do importante Concílio Vaticano I nasceu ainda a Constituição dogmática *Dei Filius*<sup>198</sup>, sobre a fé católica. A referida constituição trata dos seguintes aspetos: a existência e conhecimento de um Deus criador e pessoal; a existência e necessidade da revelação divina; a fé; e a relação entre a fé e a razão. Esta constituição surge num período em que a fé é banalizada, pois o homem tende a viver, cada vez mais, com aquilo que apenas o mundo oferece. Deus passou para um plano inferior, até na vida dos cristãos, que estavam divididos. Alguns acreditavam que a sociedade caminharia para a perfeição seguindo os ideais praticados até então, outros clamavam por mudança associando-se ao pensamento de Karl Marx<sup>199</sup>. Todavia, Teresa de Lisieux “viveu cada momento e cada circunstância num profundo espírito de fé, mesmo quando teve de provar, heroicamente, a autenticidade e generosidade da sua fé”<sup>200</sup>. No

---

<sup>195</sup> Cf. A. J. SCHMIDLIN (Org.), “Declaraciones Dogmaticas”, in A. FLICHE, V. MARTIN (Dirs.), HI 25, p. 501.

<sup>196</sup> Ms C, 33v in OC, p. 288.

<sup>197</sup> “Entre eles podemos citar Leão XIII, Bento XV, Pio X, Pio XI, Pio XII e João Paulo II.” (P. T. CAVALCANTE, “Papa”, in IDEM, DST, p. 407). Também Bento XVI e Francisco fazem uso da doutrina espiritual da carmelita francesa no seu ministério.

<sup>198</sup> Cf. PIUS PP. IX, *Constitutio Dogmatica Dei Filius*, in ASS 5 (1869-1870), p. 481-493.

<sup>199</sup> Cf. M. COLLINS, M. A. PRICE, *História do Cristianismo*, p. 191.

<sup>200</sup> P. T. CAVALCANTE, “Fé”, in IDEM, DST, p. 227.



seu escondimento em Deus a Santa nascida em Alençon viveu a fé recebida no batismo. Tornou-se missionária da fé de um modo sublime, embora vivendo entre as paredes do Carmelo, não só pelo que aprendeu e viveu na vida religiosa, mas também graças à crença em Deus incutida nas circunstâncias familiares da infância e da adolescência.

O modo como a carmelita viveu a fé marcou, sem dúvida, o atribulado século XIX, e deixou sementes de esperança para o futuro. Vislumbram-se novos horizontes para vencer o ateísmo, que a Igreja considerava “um erro, um engano e, acima de tudo, um pecado”<sup>201</sup>. A jovem francesa mostrou uma atitude diferente tratando os não-crentes como seus irmãos. Desejou sentar-se à mesa com os pecadores:

“Mas, Senhor, a vossa filha compreendeu a vossa divina Luz. Pede-Vos perdão para os seus irmãos e aceita comer por quanto tempo quiserdes o pão da dor, e de maneira nenhuma se quer levantar desta mesa cheia de amargura, à qual comem os pobres pecadores, antes do dia que vós destinastes... Acaso não poderá dizer-vos em nome dela e em nome dos seus irmãos: Tende piedade de nós, Senhor, porque somos pecadores!...”<sup>202</sup>

A carmelita de Lisieux refere-se claramente às “almas que não têm fé”<sup>203</sup>. Escreve Tomás Halík:

“[Ela] conheceu a alegria da proximidade de Deus (embora a recordação da mesma, agora, sirva apenas para aumentar a sua dor), ao passo que as pessoas indiferentes a Deus não costumam ter consciência do peso e tragédia da sua situação. Com efeito, é só graças à sua anterior experiência de fé que ela consegue sentir profundamente o verdadeiro drama do abandono de Deus, bem como descobrir e experimentar o rosto oculto do ateísmo”<sup>204</sup>.

---

<sup>201</sup> T. HALÍK, *Paciência com Deus*, p. 64.

<sup>202</sup> Ms C, 6r in OC, p. 249.

<sup>203</sup> Ms C, 5v in OC, p. 248.

<sup>204</sup> T. HALÍK, *Paciência com Deus*, p. 64.

### **1.3. O empenho Papal pela dignidade humana**

Preocupado com a dignidade humana, Leão XIII interessou-se pelas questões laborais. Com o intuito de resolver as desigualdades entre os homens, publicou a encíclica *Rerum Novarum*<sup>205</sup> - documento magistral que apresenta vivamente os problemas sociais nascidos da industrialização. Considerou que na sociedade não são todos iguais, e que cada trabalho exige um esforço próprio, combatendo assim o paraíso utópico indicado pelos socialistas<sup>206</sup>. Procurou tomar sempre medidas que fossem favoráveis aos trabalhadores, ajudando-os “a sair do seu triste destino”<sup>207</sup>. O Estado acabou por concentrar as suas atenções na classe operária. Valorizou o descanso dominical por interesse das almas segundo a lei de Deus, e as medidas anunciadas contra o cansaço ilimitado do dia de trabalho, nomeadamente, das crianças e mulheres<sup>208</sup>.

Alcançou-se o triunfo do trabalho; e por isso todas as profissões deviam colaborar harmoniosamente com o intuito de ultrapassar os problemas sociais vigentes. A Igreja e o Estado esforçaram-se por conciliar ricos e pobres. Aos ricos era pedido um tratamento cordial para com os pobres. Os patrões, por insistência de Leão XIII, tinham a obrigação de reconhecer a dignidade dos trabalhadores, não devendo tratá-los como escravos, procurando ao contrário o seu bem temporal e intelectual, e possibilitar-lhes a vida de família<sup>209</sup>. À classe operária o sucessor de Pedro solicitava que fosse fiel aos seus trabalhos. Cada um deve respeitar os direitos dos outros para evitar a violência e pressão que impossibilitam um bom ambiente de trabalho.

### **1.4. A caridade: valor cristão continuado no século XIX**

A prática da caridade é uma questão social, mas tem em si uma intenção espiritual, da qual falaremos adiante e que foi muito importante para Teresa de Lisieux. Os Papas da segunda

---

<sup>205</sup> Cf. LEO PP. XIII, *Littera Encyclica Rerum Novarum* [=RN], in *ASS* 23 (1890-1891), p. 641-670.

<sup>206</sup> Cf. *Ibidem*, p. 648.

<sup>207</sup> A. J. SCHMIDLIN (Org.), “Leão XIII como ‘Papa Social’”, in A. FLICHE, V. MARTIN (Dirs.), *HI* 25, p. 85.

<sup>208</sup> Cf. LEO PP. XIII, *RN*, p. 660 e 661

<sup>209</sup> Cf. *Ibidem*, 649.

metade do século XIX, continuando a ação caritativa dos séculos anteriores<sup>210</sup>, insistiram na prática da caridade. Pio IX quebrava o protocolo, partilhando a sua mesa com qualquer cidadão, sem se preocupar com o estatuto e classe social<sup>211</sup>. Leão XIII sonhava com uma sociedade civil em que os mais pobres fossem amparados física, económica, moral e espiritualmente<sup>212</sup>. Enquanto a Igreja dirigia, de um modo especial, a sua atenção para os necessitados e oprimidos da sociedade, a classe mais rica da sociedade acreditava que podia controlar as medidas económicas, e por isso “deixava a assistência aos pobres nas mãos da caridade”<sup>213</sup>. Desejava-se a concórdia das classes sociais<sup>214</sup>.

A caridade coloca o homem na via da santidade. Na primeira carta aos Coríntios, o apóstolo Paulo fala-nos da importância da missão de cada um na sociedade (cf. 1 Cor 12, 4-11). Cada homem, deixando-se plasmar pelo Espírito de sabedoria, coopera com Deus através da sua missão. O bom cumprimento da missão de cada um identifica-se, portanto, com a santidade “a que está destinado e que ele pode alcançar. Daqui resulta, pois, que a santidade é algo essencialmente social, e, por isso, algo estranho ao capricho do indivíduo.”<sup>215</sup>

Pela caridade o homem sai do individualismo, e mostra-se misericordioso para com o próximo. Pelo que aprendeu de seus pais, a jovem carmelita encontrou na caridade o modo de manifestar o seu amor a Deus, amando o próximo. Stéphane Joseph Piat, quando se refere ao lar Martin, fala de “encanto contagioso da caridade”<sup>216</sup>. No Manuscrito B a carmelita testemunha: “a caridade deu-me a chave da minha *vocação*.”<sup>217</sup>

---

<sup>210</sup> Cf. *Ibidem*, p. 654 e 655

<sup>211</sup> Cf. R. AUBERT (Org.), “Los progresos del Ultramontanismo”, in A. FLICHE, V. MARTIN (Drs.), HI 24, p. 322.

<sup>212</sup> Cf. A. J. SCHMIDLIN (Org.), “Leão XIII como ‘Papa social’”, in A. FLICHE, V. MARTIN (Drs.), HI 25, p. 83.

<sup>213</sup> *Ibidem*, p. 84.

<sup>214</sup> Cf. LEO PP. XIII, *RN*, p. 648.

<sup>215</sup> H. U. von BALTHASAR, *Teresa de Lisieux*, p. 16.

<sup>216</sup> S. J. PIAT, *História de uma família*, p. 137.

<sup>217</sup> Ms B, 3v in OC, p. 230.

### 1.5. A exaltação do Estado e a defesa da fé

Aos poucos, o Estado considerou-se no século XIX a última autoridade política e o único critério moral. Dois dos fatores que contribuíram para esta radical mudança foram: a incapacidade que a Igreja tinha em organizar a sua defesa, e a desunião dos católicos. Com o liberalismo o homem ganhou um novo fôlego, e “a França entra numa verdadeira «noite da fé»”<sup>218</sup>. Os revolucionários entendiam que os ideais e ensinamentos cristãos eram retrógrados. Convenceram-se de que “a sociedade estava demasiado sacralizada e de que a presença e influência da Igreja era excessiva, invasiva e prejudicial, e pensavam que não era possível modernizar a sociedade nem gozar de plena liberdade sem a sua secularização”<sup>219</sup>.

Todavia, Pio IX condenou o mundo moderno em 1864 através do Syllabus<sup>220</sup>, que mostra os oitenta erros modernos mais transcendentos e perigosos sobre: panteísmo, naturalismo, racionalismo (absoluto e moderado), indiferentismo, liberalismo, socialismo, sincretismo, a má ação da Igreja, a sociedade civil e a sua relação com a Igreja, a moral natural e cristã, o matrimónio cristão, os princípios civis do Papa. Com este documento gerou-se uma guerra entre a Igreja e a cultura e o progresso moderno. Um progresso apenas humano, sem Deus e sem rei, que permitiu a autonomia da sociedade. A sociedade estava longe de perceber “o perigo que existia no exagero desta autonomia e ao reivindicar para o homem uma excessiva independência, incompatível com os direitos de Deus”<sup>221</sup>.

Apesar de todos os esforços da Igreja, o espírito laico foi impondo os seus ideais e abalou o espírito eclesial. Com a vitória laica, a Igreja tornou-se uma presença social. Viu-se constrangida a exercer a sua função caritativa e educativa, porque foi despojada dos seus bens.

---

<sup>218</sup> L-M DE JÉSUS, “Santa Teresa da Menino Jesus e o seu tempo – O século XIX francês”, *Revista de Espiritualidade*, 16 (1996), p. 255.

<sup>219</sup> J. M. LABOA, *Historia de la Iglesia*, p. 55.

<sup>220</sup> Cf. PIUS PP. IX, *Syllabus complectens praecipuos nostrae aetatis errores*, in *ASS* 3 (1867), p. 168-176.

<sup>221</sup> R. AUBERT (Org.), “Catolicismo y Liberalismo a mediados del siglo XIX”, in A. FLICHE, V. MARTIN (Dirs.), *HI* 24, p. 258.

O sistema escolar católico foi destruído devido ao encerramento dos institutos educativos e à dispersão dos religiosos depois da queda de Napoleão III<sup>222</sup>.

No século XIX muitos morreram pela defesa da fé<sup>223</sup> pois emergiu uma onda de violência, que se acalmou com o ensinamento dos Papas. Teresinha, querendo ser como os valentes do seu tempo, sonhou também com o martírio: “Quereria, sobretudo, ó meu Bem-amado Salvador, quereria derramar o meu sangue por Ti, até à última gota... O Martírio! Eis o sonho da minha juventude.”<sup>224</sup> Contudo a jovem sonhadora contentou-se com o martírio de amor, do coração, de desejo, dos escrúpulos e de certas luzes divinas<sup>225</sup>. A carmelita francesa segreda à irmã Celina que o Carmelo é um lugar ideal para viver a cruz e o martírio<sup>226</sup>.

A vida de Teresinha, desde tenra idade, “converteu-se numa batalha contínua, que ela gosta de comparar frequentemente com as batalhas da sua amiga Joana d’Arc.”<sup>227</sup> A respeito da amizade espiritual com a protetora de França Conrad de Meester diz-nos: “Aos nove anos foi que recebeu ‘o abalo da santidade’, que ouviu o chamado à santidade ao ler os atos heroicos de Joana d’Arc. Apreendeu logo que seu caminho não passaria pela glória exterior, mas o desejo de vir a ser uma *heroína* de uma outra maneira”<sup>228</sup>. Num mesmo combate pela fé, associada ao espírito da guerreira francesa, “Teresa luta com a espada do espírito contra a falta de espírito, com a espada da verdade contra as forças impenetráveis da mentira que, inquietantes e indiscerníveis, próxima e imediatamente a cercam por todas as partes.”<sup>229</sup>

No horizonte obscuro da França do século XIX, a luta pela defesa da fé é proposta por Teresinha a todos. A noite da fé que atravessou aproximou-a da sociedade francesa do seu tempo, pois ela compreendia as aspirações do povo aflito<sup>230</sup>. A doutrina da carmelita de Lisieux

---

<sup>222</sup> Cf. G. P. DI NICOLA, A. DANESE, *Um amor escrito no céu*, p. 88.

<sup>223</sup> O arcebispo de Paris, Darboy; quatro padres jesuítas: Olivain, Ducondray, Clerc e Deugy; quase sessenta sacerdotes, e alguns leigos. Cf. B. LLORCA, *Manual de História Eclesiástica*, p. 681.

<sup>224</sup> Ms B, 3r in OC, p. 228.

<sup>225</sup> Cf. P. T. CAVALCANTE. “Martírio”, in IDEM, DST, p. 361.

<sup>226</sup> Cf. Ct 167, 1v in OC, p. 515.

<sup>227</sup> H. U. von BALTHASAR, *Teresa de Lisieux*, p. 39.

<sup>228</sup> C. DE MEESTER, *As mãos vazias*, p. 58.

<sup>229</sup> H. U. von BALTHASAR, *Teresa de Lisieux*, p. 39.

<sup>230</sup> Cf. L-M DE JÉSUS, “Santa Teresa da Menino Jesus e o seu tempo”, p. 255.

não se cingiu apenas ao espaço onde viveu, porque mesmo estando dentro do Carmelo estabeleceu relações de amizade e de fé também com alguns homens, especialmente: o seu pai e os missionários Roulland e Bellière. A época em que viveu condicionou-a, mas nem por isso “deixa de manifestar a sua convicção evangélica na igualdade entre o homem e a mulher, e na importância de uma colaboração mútua como discípulos de Jesus”<sup>231</sup>. Refiro este aspeto porque no século XIX Teresa verificou e criticou a forma como a mulher era desvalorizada, maltratada. Eram muitos os preconceitos que marginalizavam a mulher no seu tempo: “Não consigo ainda compreender porque é que as mulheres são tão facilmente excomungadas em Itália! A todo o momento nos diziam: «Não entrem aqui..., não entrem além, que ficariam excomungadas!...» Ah! pobres mulheres! Como são desprezadas!”<sup>232</sup>

### 1.6. O lar Martin: uma família distinta da França

Ao olharmos para este retrato da história, conseguimos enquadrar a família Martin nas linhas de pensamento de Leão XIII. Relativamente ao domingo, ao contrário de todos os negociantes, Luís Martin encerrava o seu negócio<sup>233</sup>. Alguns consideravam esta atitude do relojoeiro exagerada, mas o domingo era dedicado a Deus e à família. Como testemunha a carmelita no Manuscrito A: “Que dia, o de domingo... Era a festa de Deus, a festa do *descanso*. [...] toda a família saía para a Missa. Durante todo o caminho, e mesmo na igreja, a pequena rainha do Papá dava-lhe a mão; o seu lugar era ao lado dele”<sup>234</sup>. A senhora Martin, no negócio do Ponto de Alençon, também era prudente na relação com as operárias e o pagamento a tempo dos seus salários. Tinha para com elas um cuidado muito especial: “ao Domingo, depois das vésperas, visitava as doentes e preocupava-se com as suas necessidades”<sup>235</sup>. Percebemos então

---

<sup>231</sup> C. MACCISE, J. CHALMERS, “Uma doutora para o terceiro milénio”, p. 51.

<sup>232</sup> Ms A, 66v in OC, p. 181.

<sup>233</sup> Cf. S. J. PIAT, *História de uma família*, p. 67.

<sup>234</sup> Ms A, 17r in OC, p. 95.

<sup>235</sup> S. J. PIAT, *História de uma família*, p. 68.

que o santo casal Martin seguiu critérios diferentes dos do mundo para se edificar; embora fosse um casal com características burguesas:

“[...] Simplicidade de costumes, culto do trabalho, espírito de economia, preocupação de regular o orçamento, de assegurar o futuro, de colocar os filhos; honrosa abastança, casa bem governada, probidade nos negócios, noção da medida, da disciplina, da organização, do método. [...] Apreciavam um bocadinho de rebuscada elegância nas crianças; apurava-se a ementa nos dias de festa e quando havia hipóteses; a roupa da casa era sempre limpa e o mobiliário escolhido ao gosto da época; mas fugiam das despesas inúteis e de tudo quanto era sumptuário. Ocupavam com [modéstia] o seu lugar na sociedade. Nada mais.”<sup>236</sup>

As filhas encontraram na dedicação ao outro, nos atos discretos e na fé em Deus dos pais razões para crescerem na caridade, na responsabilidade e na misericórdia. A mais nova das meninas Martin testemunha nos seus Manuscritos o ambiente diferente em que viveram: “gozávamos juntas da vida mais deliciosa que duas raparigas poderiam sonhar; tudo à nossa volta correspondia aos nossos gostos; era-nos dada a maior liberdade; enfim, eu dizia que a nossa vida era *o Ideal da felicidade* na terra”<sup>237</sup>. As filhas de Zélia e Luís receberam uma educação dissemelhante à que vigorava na sua época, e assim “tinham alguma dificuldade em conviver com as suas coetâneas. [...] [Por isso quando Teresinha vai para a abadia das Beneditinas] foi-lhe muito difícil entrar em sintonia com as companheiras que, provavelmente a considerariam pouco sociável e «estranha».”<sup>238</sup> Confrontou-se com um ambiente desagradável, contrário ao que vivia na família.

A família Martin realça-se na sociedade pela sua união, fé e empenho social. Pois no fim do século XIX as famílias encontravam-se num estado desgastante. Com a intenção de revitalizar o matrimónio e a família cristã Leão XIII publica a 10 de fevereiro de 1880 a encíclica *Arcanum Divinae Sapientiae*<sup>239</sup>. O Papa, defendendo o direito que a Igreja tem de

---

<sup>236</sup> *Ibidem*, p. 126.

<sup>237</sup> Ms A, 49v in OC, p. 150.

<sup>238</sup> G. P. DI NICOLA, A. DANESE, *Um amor escrito no céu*, p. 151.

<sup>239</sup> Cf. LEO PP. XIII, *Epistula Encyclica Arcanum Divinae*, in ASS 12 (1879), p. 385-402.

guiar a união santificada do matrimónio, tenta opor-se à legislação estatal sobre o matrimónio civil e o divórcio. Tal proceder pela parte do Estado apoiava o aumento das discórdias entre os esposos, bem como as divergências entre pais e filhos. Num ambiente controverso, querendo unicamente criar filhos para o Céu<sup>240</sup>, o casal Martin zelava pelo respeito e a caridade entre os seus membros, e todos aqueles que colaboravam na educação das meninas. Era grande o apreço que Luís Martin tinha por aqueles que participavam na educação das filhas:

“O Senhor Martin era duma bondade encantadora com as criadas. A 30 de Agosto de 1885, por ocasião da viagem que fez à Europa Central, escreveu de Viena à Maria, que dirigia a barca em seu lugar, recomendando que tratasse bem a criada e não se esquecesse de lhe pagar o ordenado [...] Se alguma discórdia surgia entre as criadas e as filhas, eram estas, em princípio, que tinham de ceder.”<sup>241</sup>

## **2. O ambiente espiritual na França do século XIX**

No século XIX em França “o vírus liberal passava, progressivamente, do domínio político ou social ao domínio propriamente religioso”<sup>242</sup>. Na verdade,

“o mundo era o protagonista, e a Igreja apenas o antagonista, necessariamente encarado e tratado como um importuno ou um aliado, como um instrumento ou um rival. De qualquer modo a Igreja perdeu irrevogavelmente o primeiro lugar na consciência dos povos, e teve que lutar daí em diante”<sup>243</sup>.

### **2.1. O cuidado pastoral com as “almas” na segunda metade do século XIX**

No século XIX a Igreja teve de tomar uma posição defensiva, liderada pelos ideais dos Papas Pio IX e Leão XIII. Os sucessores de Pedro caracterizavam-se pela entusiasmante

---

<sup>240</sup> Cf. G. P. DI NICOLA, A. DANESE, *Um amor escrito no céu*, p. 144.

<sup>241</sup> S. J. PIAT, *História de uma família*, p. 233.

<sup>242</sup> R. AUBERT (Org.), “Catolicismo e Liberalismo a mediados del siglo XIX”, in A. FLICHE, V. MARTIN (Dirs.), *HI 24*, p. 273.

<sup>243</sup> I. GORRES, *Teresa de Lisieux*, p. 31.



dedicação às almas, em oposição ao mundo que girava em torno da razão, do homem e do mundano. Santa Teresinha demonstrou também grande entrega pela causa da salvação das almas. Para melhor cumprir o maravilhoso objetivo de salvar almas a jovem recorre à oração. É ela mesma que o afirma, quando se refere à conversão de Pranzini:

“Disse a Deus que estava bem certa de que Ele perdoaria ao pobre infeliz Pranzini, e que o acreditaria mesmo que ele *não se confessasse* e não mostrasse *nenhum sinal de arrependimento* – tanta confiança eu tinha na misericórdia infinita de Jesus! –, mas que Lhe pedia apenas «*um sinal*» de arrependimento, a fim de obter coragem para continuar a rezar pelos pecadores, e para minha consolação... A minha oração foi atendida à letra!”<sup>244</sup>

Teresa de Lisieux descobriu “o mistério do mal com todo o seu horror à luz de um outro mistério: o da Misericórdia de Deus.”<sup>245</sup> Vivendo à luz da Misericórdia de Deus, a flor branca do Carmelo de Lisieux marcou a espiritualidade do referido século e fez desaparecer “os últimos surtos jansenistas ao introduzir na espiritualidade cristã a dinâmica da confiança em Deus a partir da sua experiência das «mãos vazias»”<sup>246</sup>. O referido movimento herético impulsionado por Jansénio manifestou-se no século XVI, e foi sendo condenado ao longo dos tempos. Em 1653 pelo Papa Inocêncio X e em 1713 pelo Papa Clemente XI<sup>247</sup>. No entanto, foi sobrevivendo pela liderança de algumas personagens proeminentes da história como Antoine Arnauld e Jean du Vergier. Do pensamento de Jansénio o que mais chamou a atenção foram os estudos feitos sobre Santo Agostinho publicados na obra *Augustinus*. Esta obra dava a conhecer “uma análise exaustiva das ideias de Santo Agostinho sobre a doutrina da predestinação, a completa propensão da humanidade para o pecado e a graça redentora de Deus através de Jesus Cristo.”<sup>248</sup> O Papa Urbano VIII colocou esta obra no *Índex*, catálogo dos livros proibidos. Os jansenistas condenavam fortemente os Jesuítas.

---

<sup>244</sup> Ms A, 46r in OC, p. 144.

<sup>245</sup> L-M DE JÉSUS, “Santa Teresa da Menino Jesus e o seu tempo”, p. 262.

<sup>246</sup> J. M. LABOA, *Historia de la Iglesia – IV: Época contemporánea*, p. 265.

<sup>247</sup> Cf. M. COLLINS, M. A. PRICE, *História do Cristianismo*, p. 159.

<sup>248</sup> *Ibidem*, p. 158.

“Os Jesuítas por causa da sua doutrina optimista sobre o Homem e por causa da facilidade com que concediam absolvição àqueles que confessavam os seus pecados. Os Jansenistas acreditavam piamente que a absolvição só devia ser dada aos que conseguissem provar verdadeiramente o seu arrependimento e que a comunhão devia ser abordada com grande temor e reverência.”<sup>249</sup>

Para além do jansenismo, devido às perseguições ocorridas em 1789 “desenvolveu-se uma grande corrente de reparação. Santa Teresinha, quando era criança, filiou-se, em 1885, à Arquiconfraria Reparadora de São Dizier e à Confraria da Santa Face de Tours.”<sup>250</sup> Os movimentos reparadores geraram um clima espiritual dominado pela Justiça de Deus e nascem assim as vítimas da Justiça Divina<sup>251</sup>. As carmelitas ofereciam-se a Deus justiceiro. Assim sendo é normal que Teresinha “interiormente impulsionada a se dar mais intensamente ao Senhor, talvez pense, num primeiro impulso, neste género de oferta. Seja como for, ela não sente simpatia alguma para com ele.”<sup>252</sup> E por isso, depois de tantas graças recebidas, “a maior parte das vezes [...] no meio das ocupações do dia”<sup>253</sup>, *ofereceu-se como vítima ao Amor Misericordioso de Deus*<sup>254</sup>. Para a jovem carmelita de Lisieux o único princípio reparador é o amor, pois “as lágrimas que lhe fazem chorar os maus são enxugadas pelo nosso pobre e fraco amor.”<sup>255</sup> Um contrapeso à espiritualidade rigorista do século XIX foi Santa Margarida Maria Alacoque que “representa uma das principais referências da espiritualidade caracterizada pela noção de ‘reparação de amor’ que coloca no centro o amor divino que é, frequentemente, desconhecido.”<sup>256</sup> Teresa de Lisieux e a Madre Genoveva são as grandes impulsionadoras desta espiritualidade no Carmelo francês<sup>257</sup>.

---

<sup>249</sup> *Ibidem*, p. 159.

<sup>250</sup> P. T. CAVALCANTE, “Reparação”, in IDEM, DST, p. 466.

<sup>251</sup> Cf. Ms A, 84r in OC, p. 214.

<sup>252</sup> C. DE MEESTER, *As mãos vazias*, p. 89.

<sup>253</sup> Ms A, 83v in OC, p. 214.

<sup>254</sup> Cf. Ms A, 84r in OC, p. 215.

<sup>255</sup> Ct 65, 2r in OC, p. 371.

<sup>256</sup> A. R. LEAL, “Santa Teresinha e a misericórdia de Deus sem limites”, *Revista de Espiritualidade*, 96 (2016), p. 285.

<sup>257</sup> Cf. *Ibidem*, p. 285.

É importante prestarmos atenção à palavra vítima, que tem sempre uma conotação ao sofrimento que destrói, entristece, desmotiva. Mas, ao contrário, a jovem do Carmelo de Lisieux usa-a com uma intenção inovadora, porque tem em vista a construção do Reino de Deus. O reino dos *anawin*: aqueles que se sentem pequenos mas que se confiam ao Amor do Pai. O ser vítima na mensagem teresiana corresponde à exaltação da liberdade, da confiança e do abandono em Deus e nunca de uma obrigação sofrida. Estamos errados se pensarmos que Teresinha se *ofereceu como vítima ao Amor Misericordioso de Deus* para se livrar do sofrimento. Pois, como já referimos no primeiro capítulo, Teresinha sofreu muito, mas por e no amor de Deus. A jovem carmelita nunca pretendeu proclamar o quietismo<sup>258</sup>. Evitou alcançar a paz interior apenas pela entrega total a Deus através da oração e da meditação. Pois toda a sua vida se exprimiu pelo desempenho de boas obras. Agiu amorosamente pela fé, e em nome de Deus. Assim sendo, o sentido da oferta teresiana é teocêntrico e antropocêntrico, porque inclui a realização dos desejos de Deus e a destruição do pecado entre os homens<sup>259</sup>. Não é simplesmente uma ideia, é uma vivência, que traduz as palavras de São João da Cruz: “o verdadeiro amante só está contente quando tudo o que ele é, vale, tem e recebe, o emprega no amado, e quanto mais é tudo isso, tanto mais gosto tem em lho dar”<sup>260</sup>.

## 2.2. Cristo no centro da espiritualidade do século XIX

Aos poucos, os cristãos começaram a redescobrir a realidade central do cristianismo: Cristo, Deus e Homem verdadeiro. Todo o pensamento da carmelita de Lisieux desenvolve-se

---

<sup>258</sup> Uma grande quietista francesa foi a Madame Jeanne Guyron (1648-1717) que se dedicou unicamente à vida interior, devido aos problemas que tinha com o seu marido e com a sogra. Cf. M. COLLINS, M. A. PRICE, *História do Cristianismo*, p. 159.

<sup>259</sup> Cf. G. GENNARI, *Teresa de Lisieux – La verità è più bella*, Editrice Ancora Milano, Milano, 1974, p. 213.

<sup>260</sup> SANTO JOÃO DA CRUZ, Chama de Amor Viva, III, 1, in IDEM, *Obras espirituais do Doutor místico São João da Cruz: primeiro carmelita descalço e coadjutor de Santa Teresa de Jesus na reforma do Carmelo*, 2ª Ed., Trad. do texto espanhol conforme a 2ª Ed. do P. Silvério de Santa Teresa, Carmelitas de São José, Fátima, 1958, p. 56. Com as obras de João da Cruz, que contribuíram em muito para o amadurecimento espiritual de Teresa de Lisieux. Cf. Ms A, 83r in OC, p. 213. Nelas a carmelita aprendeu o valor purificador das provações que ocorrem na vida. Nos ensinamentos do Doutor da Igreja encontra um convite à humildade. João da Cruz, depois das Sagradas Escrituras, encoraja Teresinha a reconhecer-se totalmente dependente de Deus, que tira sempre algum proveito do mal e do bem que encontra em nós. Cf. P. DESCOUVEMONT, “Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte Face”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Dirs.), *et alt.*, DSp 15, col. 600.

em torno do amor por Jesus. A carmelita responde amorosamente ao amor oferecido por Aquele que a ama a todo o instante. O amor-resposta de Teresinha “é um amor por Deus; mas Deus para a pequena Teresa, que ela ama com todo o coração, não é um Deus abstrato, o Deus dos filósofos e dos sábios: é Deus feito homem, é Jesus”<sup>261</sup>.

A segunda metade do século XIX caracteriza-se pela piedade que conduziu o Povo de Deus mais para “Cristo misericordioso que mostra o seu coração ‘que tanto amou os homens’”<sup>262</sup>. Com o pontificado de Pio IX o século XIX ficou conhecido como o “‘século do Sagrado Coração’”<sup>263</sup>. Os fiéis acolheram com entusiasmo esta espiritualidade propagandeada pelos jesuítas. Em França um elemento muito especial que deu ênfase a esta devoção foi a consagração da França ao Sagrado Coração pelo Rei Luís XVI, enquanto esteve preso<sup>264</sup>. Todavia, devemos evitar ficar presos à ideia de devoção, de cumprimento de ritos, de orações vazias, de velas acesas diante das imagens. O que realmente se pretende evidenciar é o amor de Jesus Cristo pela humanidade, e também o amor da humanidade por Jesus Cristo. Este é o grande foco da vida e doutrina espiritual de Teresinha de Lisieux. Na Poesia 23, a mística do século XIX apresenta o valor e o significado do Sagrado Coração: será sempre o seu tesouro no decurso da vida<sup>265</sup>, é bondoso<sup>266</sup>, e é dentro dele que ficará no Céu<sup>267</sup>.

O Papa Leão XIII chamava atenção para a vida eterna, centrando-se na figura de Cristo, sem desprezar a sua existência terrena. O corpo é valorizado e interpretado como meio essencial para alcançar a salvação. Embora Teresinha sentisse que o corpo a impedia de realizar o seu sonho missionário testemunha:

---

<sup>261</sup> G. GENNARI, *Teresa de Lisieux*, p. 143.

<sup>262</sup> R. AUBERT (Org.), “La vida católica bajo el pontificado de Pío IX”, in A. FLICHE, V. MARTIN (Dirs.), HI 24, p. 517.

<sup>263</sup> *Ibidem*, p. 519.

<sup>264</sup> Cf. *Ibidem*, p. 519.

<sup>265</sup> “Ó Coração de Jesus, tesouro de ternura/ Tu és a minha dita, a minha única esperança,/ Tu que soubeste cativar a minha juventude/ fica ao pé de mim até à última tarde.” (SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Poesia* [=PN] 23.6 in OC, p. 735).

<sup>266</sup> “Senhor, só a Ti dei a minha vida/ e conheces bem todos os meus desejos/ é na tua bondade sempre infinita/ que desejo perder-me, ó Coração de Jesus!” (PN 23.6 in OC, p. 735).

<sup>267</sup> “A minha alma exilada ao deixar esta vida/ queria fazer um acto de puro amor/ e depois, voando para o Céu sua Pátria,/ entrar sem nenhum desvio no teu Coração.” (PN 23.8 in OC, p. 736).

“Não é nada cómodo ser-se formado por um corpo e uma alma! este miserável irmão burro, como lhe chamava S. Francisco de Assis, estorva muitas vezes a sua nobre irmã e impede-a de se lançar para onde queria... Enfim não quero maldizê-lo dos seus defeitos, ainda é bom para alguma coisa pois faz ganhar o Céu à sua companheira e ganha-o para ele mesmo.”<sup>268</sup>

### 2.3. O sentido espiritual da caridade

Pelos gestos e ações quotidianos os homens põem em prática a já referida caridade. Os Sumo Pontífices da segunda metade do século XIX apelaram à revivência do exercício da caridade. Os mais afortunados deviam refletir sobre o uso correto da sua riqueza, e dar esmolas por amor, de modo a mostrar aos mais desfavorecidos a honra e vantagens da pobreza<sup>269</sup>.

Desde pequenina, influenciada pela educação cristã que recebera, Teresinha foi um exemplo perfeito na prática da caridade para com o próximo. No Manuscrito A diz-nos o seguinte a este respeito: “Durante os passeios que dava com o Papá, ele gostava de me mandar dar a esmola aos pobres que encontrávamos.”<sup>270</sup> Para a ainda pequena Teresa o que verdadeiramente lhe interessava era o que podemos chamar esmola espiritual, mais do que a esmola material oferecida. Pois Teresinha encontrou na doação ao outro uma forma para enriquecer a sua alma, crescer espiritualmente. Através dos gestos concretos de amor Teresinha demonstrava o mesmo amor do Sagrado Coração de Jesus, ao qual se consagrou na viagem a Roma<sup>271</sup>. Um dos pobres que recusou a sua esmola impressionou-a, e por isso comprometeu-se a rezar por ele no dia da sua primeira comunhão: “«Rezarei pelo *meu pobre*, no dia da minha Primeira Comunhão».”<sup>272</sup>

---

<sup>268</sup> Ct 221, 3r in OC, pg. 598.

<sup>269</sup> Cf. A. J. SCHMIDLIN (Org.), “Leão XIII como ‘Papa social’”, in A. FLICHE, V. MARTIN (Dirs.), HI 25, p. 94.

<sup>270</sup> Ms A, 15r in OC, p. 92.

<sup>271</sup> Cf. Ms A, 57r in OC, p. 165.

<sup>272</sup> Ms A, 15r in OC, p. 92.

## 2.4. O reflorescimento da espiritualidade mariana no século XIX

O redescobrimento de Cristo no século XIX vem acompanhado também da piedade crescente em torno da Virgem Maria. O povo francês está num terreno propício para o desenvolvimento duma espiritualidade Mariana, devido às várias aparições de Maria: em Paris, no ano 1830, a Catarina Labouré, e no ano 1836 ao pároco de Nossa Senhora das Vitórias, e ao abade Desgenettes; em La Salette, no ano 1846 aos jovens pastores Maximino Giraud e Melania Calvat; em Lourdes, no ano 1858 a Bernadette Soubirous<sup>273</sup>. Foram muito importantes também as sementes de espiritualidade mariana deixadas no século XVII por Luís Maria Grignon de Montfort. Pela teologia que desenvolveu em torno da Virgem Maria, Luís de Montfort alcançou um grau elevado de união mística com Jesus Cristo<sup>274</sup>.

Os Papas Pio IX e Leão XIII atribuíram o merecido lugar à Virgem Maria nos seus pontificados. Pio IX em 1854 proclamou o dogma da Imaculada Conceição<sup>275</sup>. O que contribuiu para o aumento da devoção dos fiéis. Os lugares de peregrinação em honra de Maria alcançaram um prestígio elevado e cresceu também o culto a Maria no mês de maio, prática que se generalizou até ao final do século. Envolvidos no espírito das peregrinações marianas os pais de Teresa, aquando da doença de Zélia Guérin, peregrinaram a Lourdes, cumprindo as tradições daquele lugar com a intenção de obter a cura da famosa bordadeira de Alençon<sup>276</sup>. Leão XIII, por sua vez, foi o grande impulsionador do Santo Rosário, proclamando Maria Rainha do Rosário em 1883. O Rosário deveria ser rezado de modo especial em outubro, e diariamente nas famílias e comunidades paroquiais.

---

<sup>273</sup> Cf. R. AUBERT (Org.), “La vida catolica bajo el pontificado de Pío IX”, in A. FLICHE, V. MARTIN (Dirs.), HI 24, p. 521.

<sup>274</sup> Cf. P. L. NAVA, “Luis María Grignon de Montfort”, in Diccionario de los Santos, C. LEONARDI, A. RICCARDI, G. ZARRI (Dirs.), Vol. II, Madrid, San Pablo, 2000, p. 1517.

<sup>275</sup> Cf. PAPA PIO IX, *Lettera Apostolica Ineffabilis Deus*, in A. TONDINI, *Le encicliche mariane*, Angelo Belardetti Editore, Roma, 1950, p. 30-57.

<sup>276</sup> “Mergulhei por quatro vezes na piscina, a última vez, duas horas antes de me vir embora. Tinha água gelada até ao pescoço mas não estava tão fria como pela manhã. Conservei-me ali mais de um quarto de hora esperando sempre que Nossa Senhora ia curar-me. Enquanto lá estava não sentia dores, mas logo que saía começavam outra vez a atormentar-me, como de costume.” (S. J. PIAT, *História de uma família*, p. 209).

Associando-se aos ideais dos sucessores de Pedro, tanto em Alençon como em Lisieux todas as noites a família Martin reunia-se diante da estátua da Virgem para fazer as orações. A relação de Teresinha com a Virgem amadureceu depois da sua entrada para o Carmelo, logo “não é apenas uma devoção mariana, mas um relacionamento simples, confiante, abandonado e amoroso”<sup>277</sup> com a Mãe do Céu. Foi ajoelhada a seus pés que começou a escrever as misericórdias do Senhor:

“Antes de pegar na pena, ajoelhei-me diante da imagem de Maria (aquela que nos deu tantas provas das maternais preferências da Rainha do Céu para com a nossa família), supliquei-lhe que guie a minha mão a fim de eu não traçar uma única linha que não lhe agrade”<sup>278</sup>.

## **2.5. A prática dos sacramentos num ambiente jansenista**

Durante a segunda metade do século XIX a espiritualidade dos crentes é enriquecida também pela frequência dos sacramentos. A vida espiritual centrada em Cristo misericordioso destruía o já referido rigorismo jansenista e a piedade austera manifestada pelo povo crente<sup>279</sup>. A vida católica começou a adquirir o seu carácter essencialmente sacramental devido à insistência por parte dos bispos, presbíteros e religiosos para a prática mais frequente dos sacramentos da confissão e da comunhão<sup>280</sup>. Neste sentido, João Maria Vianey (1786-1859), conhecido como o Santo de Cura de Ars, foi no século XIX fonte de inspiração para muitos sacerdotes e religiosos. A piedade eucarística é manifestada pela comunhão frequente e pela adoração ao Santíssimo Sacramento. No entanto, mesmo estando a Igreja num período de mudança considerável havia ainda “muitos teólogos e diretores espirituais, até ao final do século, que consideravam a comunhão duas vezes por semana como máximo.”<sup>281</sup>

---

<sup>277</sup> P. T. CAVALCANTE, “Maria”, in IDEM, DST, p. 342.

<sup>278</sup> Ms A, 2r in OC, p. 71.

<sup>279</sup> Na França este rigorismo destrutivo da vivência do amor cristão e das boas práticas cristãs era preconizado pelos discípulos de São Sulpício. Cf. R. AUBERT (Org.), “La vida católica bajo el pontificado de Pío IX”, in A. FLICHE, V. MARTIN (Dirs.), HI 24, p. 517.

<sup>280</sup> Cf. *Ibidem*, p. 518.

<sup>281</sup> *Ibidem*, p. 518.

Como já referi no capítulo inicial da dissertação, a liberdade e intensidade com que a menina Martin recebe Jesus Eucaristia é de tal forma inebriante que provoca uma “fusão”<sup>282</sup> entre ela e Jesus. Daquele dia em diante “já não eram *dois*: a Teresa desaparecera como a gota de água que se perde no oceano.”<sup>283</sup> Eis um dos passos que inaugurou a sua doutrina espiritual: permanecer pequena como uma criança diante de Deus (cf. Mt 18, 1-4). Querer viver em Deus fez com que crescesse em Teresinha o desejo de comungar todos os dias. Os seus confessores deram-lhe, pelo menos, “licença para o fazer em todas as festas principais.”<sup>284</sup> Quando entrou para o Carmelo continuou a manifestar o seu grande desejo, mas tinha de se sujeitar aos critérios que vigoravam. A Madre Maria de Gonzaga autorizava o número de comunhões a seu belo prazer, rejeitando assim as normas providas da Santa Sé<sup>285</sup>. No entanto, a jovem carmelita insistia na prática da comunhão frequente. Manifestou-o aquando da epidemia que assolou o Carmelo e provocou a morte da Madre e de duas religiosas<sup>286</sup> e através da carta 92, dirigida à prima Maria Guérin: “Irmãzinha querida, *comunga muitas vezes, muitas vezes...* É esse o *único remédio* se queres curar-te, não foi sem razão que Jesus pôs essa atracção na sua alma.”<sup>287</sup>

A devoção da carmelita de Lisieux à Eucaristia encontra fundamento: nas visitas ao Santíssimo, na Santa Missa e na comunhão. Foquemo-nos um pouco na adoração ao Santíssimo Sacramento. Pio IX em 1851 recomendou oficialmente a adoração perpétua<sup>288</sup>. Este culto já se verifica em duas dioceses de França. Mas, com o impacto da mensagem e ação renovadora do Papa, em 1875 acabou por se tornar uma prática habitual na maioria das dioceses francesas. Também a adoração noturna ao Santíssimo, depois da Revolução de 1848, continuou a vigorar em França. Esta punha em relevo um dos aspetos mais importantes da piedade do século XIX:

---

<sup>282</sup> Ms A, 35r in OC, p. 124.

<sup>283</sup> Ms A, 35r in OC, p. 124.

<sup>284</sup> Ms A, 36r in OC, p. 126.

<sup>285</sup> Cf. P. T. CAVALCANTE, “Comunhão”, in IDEM, DST, p. 117.

<sup>286</sup> “Durante todo o tempo em que a Comunidade assim foi provada, pude ter a inefável consolação de receber *todos os dias* a Sagrada Comunhão.” (Ms A, 79v in OC, p. 206).

<sup>287</sup> Ct 92, 2v in OC, p. 407.

<sup>288</sup> Cf. R. AUBERT (Org.), “La vida catolica bajo el pontificado de Pío IX”, in A. FLICHE, V. MARTIN (Dirs.), HI 24, p. 519.



a união dos homens a Cristo que continua a sofrer<sup>289</sup>. Conseguiu-se, de facto, dar realce à Cruz de Cristo. Neste âmbito da espiritualidade ganhou relevo a par de Teresa de Lisieux outra grande mística do século XIX: Gemma Galgani<sup>290</sup>. Estas duas jovens santas destacaram-se no pontificado de Leão XIII. Nelas o amor e o sofrimento fundem-se. O encontro com Jesus Crucificado desenvolve-se em três etapas: a dor amorosa, a dor dolorosa e a infinita noite escura que antecipa a Luz celeste<sup>291</sup>. As virtudes heroicas das duas jovens foram reconhecidas pelos fiéis e apresentadas à Igreja. Deram-lhes o privilégio de assumirem a honra dos altares, e serem veneradas pela Igreja do tempo presente.

Todavia, algumas almas continuavam presas ao formalismo e sentimentalismo, porque “naquela época, ainda persistia o conceito de santidade conjugado à extraordinariedade dos gestos, à grandiosidade das obras realizadas”<sup>292</sup>. É curioso referir uma das práticas habituais do Papa Pio IX: “rezar muito tempo diante do Santíssimo Sacramento e entrar nas igrejas no curso dos seus passeios”<sup>293</sup>. Foi através das mesmas práticas que Teresinha se começou a apaixonar pela Eucaristia, quando passeava com seu pai à tarde e oravam sempre numa igreja diferente cada dia.

Desde pequena que gostava de estar longas horas diante de Jesus dizendo-Lhe que O amava<sup>294</sup> e ficava triste por aqueles que eram indiferentes à Eucaristia<sup>295</sup>. Sonhava esconder-se com Jesus no sacrário, para estar bem pertinho Dele<sup>296</sup>. Tinha uma certa inveja para com aqueles que tocavam Jesus. Toda a sua Poesia 25 é encantadora. Nela diz-nos que queria ser a chave do

---

<sup>289</sup> Cf. *Ibidem*, p. 519.

<sup>290</sup> Cf. A. J. SCHMIDLIN (Org.), “Nombramiento de cardenales y canonizaciones”, in A. FLICHE, V. MARTIN (Dirs.), HI 25, p. 445.

<sup>291</sup> Cf. D. CRUCI, “*La croce come talamo nuziale. L’esperienza della sofferenza nella giovane santa lucchese*”, in SANTA GEMMA GALGANI, *Autobiografia – Il manoscritto originale*, Ed. Castellazese, Roma, 2009, p. 252.

<sup>292</sup> P. P. DI BERARDINO, *O dom de si – Santa Teresinha do Menino Jesus*, Trad. e Rev. Carmelo do Imaculado Coração de Maria e Santa Teresinha, Paulus, São Paulo, 1996, p. 65.

<sup>293</sup> R. AUBERT (Org.), “Los progressos del Ultramontanismo”, in A. FLICHE, V. MARTIN (Dirs.), HI 24, p. 321.

<sup>294</sup> Cf. Ct 152, 1r-1v in OC, p. 494.

<sup>295</sup> Cf. Ct 156, 1r in OC, p. 498.

<sup>296</sup> Cf. PN 17, 6 in OC, p. 705.

sacrário<sup>297</sup>, o corporal<sup>298</sup>, a patena<sup>299</sup>. Contudo, a regra básica da espiritualidade de Teresinha, expressa na carta 92, consiste em que a humanidade perceba que Jesus está no sacrário, mas quer urgentemente fazer morada nos corações dos homens.

## **2.6. A piedade popular: um incentivo à intercessão e à santidade**

O Papa Leão XIII fomentou o culto dos santos. Introduziu novas festas em honra dos santos, honrou as suas relíquias, e elevou muitos deles a padroeiros e protetores. Por exemplo, declarou São Vicente de Paulo patrono celestial das sociedades caritativas em 1885, e São Pascoal Bailon patrono das associações eucarísticas em 1897. Proclamou ainda em 1891 Santa Brígida patrona da Suécia<sup>300</sup>. Mas desde o início do seu pontificado que pôs em evidência o culto dos santos, proclamando a festa de Santa Ana e São Joaquim, em 1879. No ano seguinte, convidava a Igreja a ter consideração pelos ilustres eslavos São Cirilo e São Metódio. Em 1882 inscreveu no calendário cristão a festa dos referidos irmãos, bem como dos santos: Bonifácio, Justino, Cirilo de Alexandria e Jerusalém, Agostinho e Josafat. Em 1890 continuava a agir do mesmo modo, e a Igreja começou a celebrar as festas de São João Damasceno, João de Capristano e Silvestre. Nove anos depois declarou Beda Venerável Doutor da Igreja.

Leão XIII também se preocupou em dar o merecido relevo à terceira pessoa da Santíssima Trindade: o Espírito Santo, bem como à sua festa. Dedicou uma carta encíclica<sup>301</sup> ao Espírito Santo, onde referiu as suas características: autor da obra e ensinamento de Jesus Cristo; santificador das almas e ordenador da ação salvífica; amor – o primeiro dom de Deus e alma da Igreja; aquele que estimula os homens a perdoar os pecados e dispensador dos dons

---

<sup>297</sup> Cf. PN 25, 1 in OC, p. 749.

<sup>298</sup> Cf. PN 25, 4 in OC, p. 750.

<sup>299</sup> Cf. PN 25, 5 in OC, p. 750.

<sup>300</sup> Cf. A. J. SCHMIDLIN (Org.), “Nombramiento de cardenales y canonizaciones”, in A. FLICHE, V. MARTIN (Dirs.), HI 25, p. 445.

<sup>301</sup> Cf. LEO PP. XIII, *Epistula Encyclica Divinum Illud Munus*, in ASS 29 (1896-97), p. 644-658.

divinos; o que causa maravilhas nas almas dos justos, que são reveladas pelos frutos das suas obras, pois o Espírito é invisível<sup>302</sup>.

Durante o seu pontificado Leão XIII apresenta também a Sagrada Família de Nazaré como modelo para todas as famílias cristãs. Recomenda que se formem associações que incentivem as famílias a santificar-se. Apelou a que nas famílias fosse criado um ambiente, em cujo seio reinasse “a concórdia, o amor, a paciência, e a pureza de costumes”<sup>303</sup>.

No século XIX, para além da devoção à Virgem Maria, foi notória a crescente piedade em torno de outros santos mais populares, como “Santo António e São José, que Pio IX proclamou em 1870 patrono da Igreja universal.”<sup>304</sup> Teresinha tinha uma devoção especial por alguns santos, entre eles São José<sup>305</sup>. Já Zélia Guérin era devota do carpinteiro de Nazaré. Recorria a ele sobretudo nos momentos de angústia<sup>306</sup>. Consideremos o momento em que a pequena Martin fez a viagem a Roma com o pai e Celina:

“Pedi também a S. José que velasse por mim. Desde a infância tinha por ele uma devoção que se confundia com o meu amor à Santíssima Virgem. Todos os dias recitava a oração: «Ó S. José, pai e protetor das virgens!». E assim, foi sem temor que empreendi a longa viagem. Ia tão bem protegida que me parecia impossível ter medo.”<sup>307</sup>

## 2.7. O zelo pela vida interior

Em meados do século XIX sacerdotes e leigos comprometeram-se consigo mesmos a fazer regularmente meditação e oração<sup>308</sup>. A Igreja começou a preocupar-se com os leigos.

---

<sup>302</sup> Cf. A. J. SCHMIDLIN (Org.), “Reformas liturgicas, eclesiasticas y monasticas”, in A. FLICHE, V. MARTIN (Dirs.), HI 25, p. 476.

<sup>303</sup> *Ibidem*, p. 476.

<sup>304</sup> R. AUBERT (Org.), “La vida catolica bajo el pontificado de Pío IX”, in A. FLICHE, V. MARTIN (Dirs.), HI 24, p. 517.

<sup>305</sup> “Evidentemente, entre todos os santos, Teresinha tinha os seus prediletos como, por exemplo, Maria Santíssima, São José, Santa Joana D’Arc, São Teófanos Vénard, São João da Cruz e Santa Teresa de Ávila, Santa Cecília, Santa Inês etc.” (P. T. CAVALCANTE, “Santo”, in IDEM, DST, p. 486).

<sup>306</sup> Cf. S. J. PIAT, *História de uma família*, p. 117.

<sup>307</sup> Ms A, 57r in OC, p. 165.

<sup>308</sup> Cf. J. CHATILLON, “Devotio”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Dirs.), *et alt., Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique: doctrine et histoire*, Vol. III, Beauchesne, Paris, 1957, [= DSp 3], col. 705.

Começaram-se a organizar retiros, e aos poucos descobre-se “na meditação um meio de santificação indispensável para reagir contra o ambiente de naturalismo que os rodeia”<sup>309</sup>. O reflorescer da vida espiritual em pleno século XIX fez com que o homem percebesse que é mais do que razão. Dá-se relevo à *devotio moderna*, que proporciona uma mudança na atitude dos crentes. Centrando-se na afetividade, interioridade e dimensão contemplativa faz com que o homem chegue a Deus pelo interior. Há um sentimento de piedade que esbarra com o pietismo. À *devotio moderna* está associada a importância dada à obra *Imitação de Cristo*<sup>310</sup>, que foi muito importante para Teresa de Lisieux.

O zelo pela vida interior veio mostrar que tem de haver uma perfeita aliança entre o pensar<sup>311</sup> e o viver. Um viver na caridade para a santidade, que tem de ter a marca do sofrimento, como demonstra a carmelita de Lisieux na carta 89: “A santidade não consiste em dizer lindas coisas, não consiste sequer em pensá-las, nem em senti-las!... Consiste em sofrer e em sofrer com tudo. «A santidade! é preciso conquistá-la na ponta da espada, é preciso sofrer... é preciso agonizar!...»”<sup>312</sup>. O sofrimento é inevitável na vida espiritual.

Relacionado com a vida interior está o interesse crescente pelas Sagradas Escrituras no século XIX. Que foram importantíssimas para a carmelita de Lisieux descobrir o seu Pequeno Caminho. Embora possuindo apenas alguns trechos da Bíblia oferecidos por Celina quando chegou ao Carmelo, Teresinha conseguiu enfrentar a censura implementada pelo espírito jansenista relativamente à leitura de certas passagens que eram consideradas indecentes<sup>313</sup>.

---

<sup>309</sup> R. AUBERT (Org.), “La vida católica bajo el pontificado de Pío IX”, in A. FLICHE, V. MARTIN (Dirs.), HI 24, p. 523.

<sup>310</sup> Cf. J. CHATILLON, “Devotio”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Dirs.), *et alt.*, DSp 3, col. 716.

<sup>311</sup> Cf. P. P. DI BERARDINO, *O dom de si*, p. 69.

<sup>312</sup> Ct. 89, 2r in OC, p. 402.

<sup>313</sup> Cf. P. DESCOUVEMONT, “Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte Face”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Dirs.), *et alt.*, DSp 15, col. 597.

## 2.8. O impulso missionário no século XIX

No final do século XIX a França estava na vanguarda no que diz respeito ao estímulo dado às missões. Com o apoio Papal a França prestou serviços valiosos no que diz respeito à extensão da fé católica, bem como à expansão do seu império colonial. Embora vivendo a vida religiosa carmelita, Teresinha manifesta o desejo de ser missionária: “Queria ser Missionário, não apenas durante alguns anos, mas queria tê-lo sido desde a criação do mundo, até à consumação dos séculos...”<sup>314</sup> Enganamo-nos se pensarmos que é um simples sonho ou sentimentalismo. Primeiramente julgou-se indigna de participar no trabalho das missões<sup>315</sup>. Mas, o seu desejo concretizou-se pela adoção de dois filhos espirituais: o seminarista e depois missionário padre Maurício Bartolomeu Bellière e o missionário padre Adolfo Roulland. No Manuscrito C descreve-nos a importância que estes dois missionários tiveram na sua vida<sup>316</sup>.

Apesar de não ter realizado o seu sonho missionário fisicamente, Teresinha tornou-se missionária associando-se a estes seus irmãos espirituais, rezando por eles e pelas almas que lhes são confiadas<sup>317</sup>. O desejo de ser missionária nunca colocou a carmelita francesa fora da dialética do Pequeno Caminho, e por isso insistiu sempre que, mesmo unida aos seus irmãos missionários, “só Deus é quem opera as maravilhas e a conversão das almas”<sup>318</sup>. Chegou-se a pensar no envio de Teresa de Lisieux para um dos Carmelos da Indochina<sup>319</sup>. Ao padre Roulland disse que se Cristo não a viesse buscar para o Carmelo do Céu partiria para o Carmelo de Hanói, fundado pelo de Saigão<sup>320</sup>.

---

<sup>314</sup> Ms B, 3r in OC, p. 228.

<sup>315</sup> Na carta 198 dirigida ao padre Maurício Bellière assina assim: “A vossa indigna irmãzinha Teresa do Menino Jesus, da Santa Face rel.carm.ind.”.

<sup>316</sup> Cf. Ms C, 33r in OC, p. 287.

<sup>317</sup> Cf. Ct 220, 1r e 2r in OC, p. 592 e 594.

<sup>318</sup> P. T. CAVALCANTE, “Missionária”, in IDEM, DST, p. 373.

<sup>319</sup> Cf. Ms A, 84v in OC, p. 216.

<sup>320</sup> Cf. Ct 221, 2v in OC, p. 598.

## 2.9. A influência do romantismo na espiritualidade

O romantismo próprio da Idade Média contribuiu, em parte, para as mudanças significativas da vivência da fé, da espiritualidade e das devoções no século XIX. Teresinha faz uso do romantismo para dar a conhecer a sua doutrina espiritual. Assim, a “«Florzinha» na sua linguagem e estilo tão característicos”<sup>321</sup> consegue levar a mensagem do Evangelho a muitos povos. Nos escritos da carmelita de Lisieux podemos entender, à primeira vista, que estamos perante metáforas infantis, tal como Tomás Halík. Mas na verdade, “o diminutivo em Teresa de Lisieux tem um sentido profundo. É que toda a sua espiritualidade se baseia na pequenez.”<sup>322</sup> Sublinha Conrad de Meester a este respeito: “é preciso distinguir a forma e o conteúdo e controlar, segundo a experiência viva, qual o grau de riqueza que representa, então, este ou aquele símbolo.”<sup>323</sup>

Num tempo que se caracteriza pela autoconfiança na ciência e no progresso, a carmelita de Lisieux veio com a sua grandiosa simplicidade alertar o homem para a força do Amor Misericordioso de Deus, que nos ama por sermos pequenos, frágeis e pobres. É no espírito da infância espiritual que nos ensinará o caminho simples, curto mas exigente para subir a Montanha do Amor. Concluo este segundo capítulo referindo o Papa João Paulo II, que declarou a distinta carmelita francesa do século XIX Doutora da Igreja:

“A doutrina de Teresa de Lisieux, se aceite no seu género literário, corresponde à sua educação e à sua cultura, e se medida com as particulares circunstâncias da sua época, aparece numa providencial unidade com a mais genuína tradição da Igreja, quer pela confissão da fé católica quer pela promoção da mais autêntica vida espiritual, proposta a todos os fiéis numa linguagem viva e acessível.”<sup>324</sup>

---

<sup>321</sup> T. HALÍK, *Paciência com Deus*, p. 60.

<sup>322</sup> P. T. CAVALCANTE, “Pequenez”, in IDEM, DST, p. 416.

<sup>323</sup> C. DE MEESTER, *As mãos vazias*, p. 74.

<sup>324</sup> IOANNES PAULUS PP. II, *Littera Apostolica*, in AAS 90 (october 1997), p. 937.

## CAPÍTULO III

### DO PEQUENO CAMINHO À OFERTA DE SI

### AO AMOR MISERICORDIOSO DE DEUS

#### 1. Teresa de Lisieux e o anúncio do Pequeno Caminho

Depois de ter exposto, nos capítulos anteriores, a vida de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face e o tempo em que viveu, é chegado o momento de me focar na sua genial intuição: o Pequeno Caminho. A carmelita, na sua simplicidade, mostra “a maneira de ir para o Céu por um caminhito muito direito, muito curto; um caminhito completamente novo.”<sup>325</sup> Este caminhito traduz-se pelo abandono confiante nos braços do Pai celeste, que é Amor gratuito, Amor misericordioso e Amor mendigo<sup>326</sup>.

Teresinha lançou-se nos braços de Deus movida pela experiência feliz que vivera com seu pai terreno. Desabrochou rodeada de amor, mas destacou sempre a ternura inenarrável de Luís Martin<sup>327</sup>. Hans Urs von Balthasar diz o seguinte a este respeito:

“O pai, humanamente tão venerado, querido, quase divino, é para Teresa a unidade imediatamente oferecida e jamais desprovida da autoridade e do amor. Na relação com o seu pai, a quem não temeu jamais por um momento, aprende Teresa que a obediência e o amor formam indiscutivelmente um todo e que, no fundo, são a mesma coisa. Na autoridade do pai, aprende a compreender a autoridade de Deus. Ela olha para o seu pai, o pai olha para Deus e assim aprende através dele a olhar para Deus.”<sup>328</sup>

---

<sup>325</sup> Ms C, 2v in OC, p. 244. “[...] mais je veux chercher le moyen d’aller au ciel par une petite voie bien droite, bien coute, une petite voie toute nouvelle.” (THÉRÈSE DE L’ENFANT-JÉSUS, *La Bienheureuse Thérèse de l’Enfant-Jésus*, Office Central de la Bse Thérèse, Lisieux, 1923, p. 154).

<sup>326</sup> Cf. P. DESCOUVEMONT, “Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte Face”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Dirs.), *et alt.*, DSp 15, col. 587-591.

<sup>327</sup> Cf. Ms A, 14v in OC, p. 91.

<sup>328</sup> H. U. von BALTHASAR, *Teresa de Lisieux*, p. 121.

## 1.1. A descoberta de um novo caminho

É no Manuscrito C que Teresinha nos descreve o desejo e a descoberta de um caminho para ir para o Céu<sup>329</sup>. Conrad de Meester, na obra *As mãos vazias*, apresenta-nos cinco pontos determinantes na descoberta do Pequeno Caminho<sup>330</sup>. Esses pontos são: a) o desejo da santidade; b) o reconhecimento da sua incapacidade; c) a superação das imperfeições; d) a busca de uma solução nas Escrituras; e) a resposta libertadora em Provérbios 9, 4 e em Isaías 66, 12-13.

### 1.1.1. Partir em busca de um caminho que conduza à santidade

O amor vivido por Teresa de Lisieux é ação constante, por isso ela dispõe-se à descoberta. Move-se pelo caminho que lhe permite tomar consciência de que “já não trabalhamos para Deus, fazemos o trabalho de Deus.”<sup>331</sup> Para aqui chegar, primeiro teve de conhecer Deus, teve de fazer a experiência dos apóstolos que deixaram tudo para O seguir (cf. Mt 4, 18-22). Assim sendo, “devemos tomar a sério a afirmação da santa ao dizer que tinha de descobrir um caminho. Mesmo quando já estão reunidas todas as pedras do edifício”<sup>332</sup>. Pois Teresinha já vivia desde a infância a fidelidade às pequenas coisas. No entanto, só no final de 1895 é capaz de atribuir um nome à estrada que percorreu, que continuou a descobrir, e onde permaneceu durante a sua existência terrena: o Pequeno Caminho<sup>333</sup>.

Na sua iluminada descoberta, a notável carmelita do século XIX encontrou um caminho que “é um instrumento, uma mediação, um estádio intermédio, é, por natureza, algo que conduz

---

<sup>329</sup> Cf. Ms C, 2v in OC, p. 244.

<sup>330</sup> Cf. C. DE MEESTER, *As mãos vazias*, p. 72-79.

<sup>331</sup> A. P. RIBEIRO, “O caminho espiritual de Teresa de Lisieux”, *Revista de espiritualidade*, 24 (1998), p. 312.

<sup>332</sup> C. DE MEESTER, *As mãos vazias*, p. 69.

<sup>333</sup> “Teresa não está disposta a que se relativize demasiado a sua doutrina. Como no corpo místico da Igreja escolheu para si o coração como centro da sua missão, assim também põe a sua doutrina no centro da teologia. O caminho que ensina não é um caminho entre tantos outros. É o único caminho.” (H. U. von BALTHASAR, *Teresa de Lisieux*, p. 241). Carlo Maria Martini também chega a esta mesma conclusão: “quanto mais se aprofunda o seu ‘pequeno caminho’, mais nos apercebemos de que se trata, na realidade, do único caminho.” (C. M. MARTINI, *Presentazione*, in TERESA DE LISIEUX, DOTTORE DELLA CHIESA, *«I miei pensieri»*, Milano, 1997, 7-9, cit in G. ZEVINI, P. G. CABRA, *Lectio Divina per ogni giorno dell’anno – Proprio dei santi – II (luglio-dicembre)*, Vol. 17, Editrice Queriniana, Brescia, 2002, p. 240).



à meta”<sup>334</sup>, à santidade. Para melhor o compreender enveredou pela leitura das Sagradas Escrituras e pelo conhecimento dos gigantes da santidade: Santa Teresa de Ávila, São João da Cruz, Santo Agostinho e São Paulo. Descobriu um caminho que é para todos, porque todos são chamados à santidade (cf. LG, 39-42); embora as almas sejam todas diferentes<sup>335</sup>.

A sonhadora da Pátria Celeste fascina-nos porque, para além de olhar para os santos acima referidos, os quais considerou uma montanha, observou-se de um modo muito especial. Surge, assim, um dos símbolos pelos quais dará a conhecer o Pequeno Caminho: o grão de areia. Assim se sentiu ao comparar-se com os santos que foi conhecendo<sup>336</sup>. Grão de areia “foi uma das expressões teresianas que se tornaram marcantes. Ela indica a pequenez, a humildade, a simplicidade da alma teresiana.”<sup>337</sup>

Na carta 95 a carmelita de Lisieux apresenta-nos o verdadeiro significado do grão de areia. Quer sublinhar de tal modo a sua pequenez e o desejo de escondimento aos olhos dos homens que se considera um grãozinho.

“[...] rezai pelo pobre grãozinho de Areia para que o grão de areia permaneça sempre no seu lugar, quer dizer debaixo dos pés de todos, que ninguém pense nele, que a sua existência seja por assim dizer *ignorada*, o grão de areia só deseja ser *humilhado*, isto é ainda glorioso demais visto que seriam obrigados a ocupar-se dele, e ele só deseja uma coisa, ser *ESQUECIDO*, ser tido em nada!... Mas deseja ser *visto* por *Jesus*, se os olhares das criaturas não podem abaixar-se até ele que ao menos a face ensanguentada de Jesus se volte para ele... Não deseja senão um olhar, um só olhar!...”<sup>338</sup>

Fixados nestas palavras podemos julgar que estamos diante de um sonho masoquista e pessimista, porque Teresinha apresenta tudo numa dimensão sofrida e pequena. Se o nosso estudo se fixasse nestas ideias daríamos a conhecer uma Teresa de Lisieux muito diferente daquela que verdadeiramente existiu. Pois a vida da mais nova das irmãs Martin desenvolveu-

---

<sup>334</sup> C. DE MEESTER, *As mãos vazias*, p. 72.

<sup>335</sup> Cf. Ms A, 2v in OC, p. 72.

<sup>336</sup> Cf. Ms C, 2v in OC, p. 244.

<sup>337</sup> P. T. CAVALCANTE, “Grão de areia”, in IDEM, DST, p. 263.

<sup>338</sup> Ct 95, 1v in OC, p. 411.

se pela harmonia de dois polos: a realidade divina e a sua disposição psicológica humana<sup>339</sup>. Numa melodia, cantada a duas vozes, uniu o amor e o sofrimento. Inserida na realidade de Deus concebeu tudo a partir de Dele, considerando a sua dimensão psicológica um dom<sup>340</sup>.

As palavras da carta 95 exprimem o pulsar de um coração ardente pelo Céu. O pequeno grão de areia, durante as ondas agitadas do modernismo, procurou o escondimento, a pequenez e o desprezo, evitando o egocentrismo. Porque considerou sempre que “o Pai e os irmãos estavam em primeiro lugar. O eu foi desaparecendo cada dia, pisado e esquecido como um bago de uva ou um grão de areia.”<sup>341</sup> Reconhecendo que para alcançar os seus propósitos necessitava da graça divina; a carmelita apresentou-nos o perfil do verdadeiro discípulo de Jesus. O seguidor de Jesus deve viver o abandono e a confiança em Deus, como a “criança que adormece sem medo nos braços do seu pai”<sup>342</sup>.

### **1.1.2. As dificuldades encontradas e superadas: a obscuridade, a incompreensão e as imperfeições pessoais**

Aquela que um dia desejou ser a bolinha do Menino Jesus através desta referência ao adormecer nos braços do Pai, que não é um dormir relaxante e livre de preocupações, alcançou os horizontes da mística<sup>343</sup>. Consideramos Teresinha mística. No entanto, temos de ter presente que a sua mística é diferente da mística de Santa Teresa de Ávila, sem manifestações exteriores. Pois a carmelita de Lisieux alcança os patamares da mística “a partir da simplicidade de uma vida pequena, escondida e tecida de quotidianidade, Teresinha fala-nos do êxtase não como fenómeno místico, mas como radical saída de si para se abandonar confiadamente nas mãos do Deus Amor, saída para o outro”<sup>344</sup>.

---

<sup>339</sup> Cf. G. GENNARI, *Teresa de Lisieux*, p. 140.

<sup>340</sup> Cf. *Ibidem*, p. 142.

<sup>341</sup> A. P. RIBEIRO, “O caminho espiritual de Teresa de Lisieux”, p. 313.

<sup>342</sup> Ms B, 1r in OC, p. 222.

<sup>343</sup> Cf. P. T. CAVALCANTE, “Dormir”, in IDEM, DST, p. 193.

<sup>344</sup> M. J. MARINO, “O sofrimento no itinerário espiritual dos místicos” – *Uma reflexão a partir do Carmelo*, *Revista de Espiritualidade*, 90-91 (2015), p. 218.

A mística francesa do século XIX, na descoberta do seu caminho, fez a experiência de Deus no Seu carácter insondável, por isso passou por momentos de obscuridade e de luz. Envolvida pelas trevas da noite escura a carmelita continua a interrogar-se sobre Deus. E assim, sentada na mesa dos pecadores encontra resposta para as suas dúvidas. Pois “quando a fé se escurece, brilha intensamente o amor.”<sup>345</sup> Viveu, espiritualmente, como a criança que aceita tudo o que lhe dão e, por isso, é dependente de outrem. Nessa dependência mantém toda a sua dignidade e valor. A infância espiritual não se reveste, em Teresa de Lisieux, duma visão romântica mas confiante e filial, tal como em Jesus<sup>346</sup>. Pois “a criança não pode dispor por si mesma do tesouro que lhe foi confiado; só pode guardar na mão o que lhe foi dado para levar. O adulto, ao contrário, está sempre exposto à tentação de fazer algo com o que lhe foi confiado.”<sup>347</sup>

Não há fé sem obstáculos. Assim sendo, recorrendo ao episódio em que Jesus adormeceu na barca com os apóstolos Teresinha mostra-nos que o Amor encarnado passou por momentos de incompreensão. Estamos redondamente enganados se nos atrevemos a pensar que o caminho da infância espiritual da carmelita de Lisieux foi percorrido apenas com a aragem fresca e suave do perfume das rosas. Teresa experimentou a incompreensão, amadureceu no crisol das provações<sup>348</sup> sobretudo no Carmelo de Lisieux, onde os seus “primeiros passos encontraram mais espinhos do que rosas!”<sup>349</sup> No entanto, animada no sofrimento deixou Jesus repousar na sua barca<sup>350</sup>.

Teresinha, na pequenez e debilidade própria da criança, descobriu que podia ajudar Jesus a carregar a Sua cruz nas situações concretas do dia-a-dia da vida carmelita. Assumiu um

---

<sup>345</sup> *Ibidem*, p. 217

<sup>346</sup> Cf. A. P. RIBEIRO, “O caminho espiritual de Teresa de Lisieux”, p. 306.

<sup>347</sup> H. U. von BALTHASAR, *Teresa de Lisieux*, p. 266.

<sup>348</sup> Cf. Ms A, 3r in OC, p. 73.

<sup>349</sup> Ms A, 69v in OC, p. 187.

<sup>350</sup> “Jesus dormia, como sempre, na minha barquinha. Ah! bem vejo que raras vezes as almas O deixam dormir nelas tranquilamente. Jesus está tão cansado de custear sempre tudo e de tomar a iniciativa, que se apressa a aproveitar o repouso que Lhe ofereço. Não acordará, certamente, antes do meu grande retiro da eternidade.” (Ms A, 75v in OC, p. 199).

compromisso sério com Deus. Todavia, houve momentos em que se sentiu incapaz de escalar a cativante Montanha do Amor. Pois, a par com o desejo da santidade “há a *velha verificação da incapacidade pessoal*”<sup>351</sup>. Mas, a corajosa peregrina do Amor do século XIX superou as suas imperfeições, porque “Deus não pode inspirar desejos irrealizáveis. Posso, portanto, apesar da minha pequenez, aspirar à santidade. Fazer-me crescer a mim mesma é impossível; tenho de suportar-me tal como sou, com todas as minhas imperfeições.”<sup>352</sup>

### 1.1.3. A Sagrada Escritura na base do Pequeno Caminho

Foi através de uma iluminação interior que, abrindo as Sagradas Escrituras, Teresinha achou a resposta para as suas inspirações. Encontrou-a no Livro dos Provérbios 9, 4: “Então, procurei nos Livros Sagrados a indicação do ascensor, objecto do meu desejo, e li estas palavras saídas da boca da Sabedoria eterna: *Se alguém for pequenino, venha a mim.*”<sup>353</sup> A Palavra lida e interpretada correspondeu ao desejo da jovem carmelita. Mas, surgiu uma questão essencial: o que fará Deus? Prosseguindo a sua leitura incessante do livrinho produzido por Celina<sup>354</sup> descobriu uma passagem do Livro de Isaías (Is 66, 13) que lhe disse tudo aquilo que lhe faltava saber: “Continuei as minhas buscas, e eis o que encontrei. – Como uma mãe acaricia o seu filho, assim eu vos consolarei; levar-vos-ei ao colo e embalar-vos-ei nos meus joelhos!”<sup>355</sup> Reconhecemos, portanto, que “o ‘Pequeno Caminho’ teresiano é totalmente bíblico, isto é, todas as suas ideias, todos os seus ensinamentos se fundamentam na Sagrada Escritura.”<sup>356</sup> Para bem o compreendermos temos de reconhecer os aspetos exteriores e interiores de Teresinha. A este respeito Jean Lafrance diz-nos:

---

<sup>351</sup> C. DE MEESTER, *As mãos vazias*, p. 72.

<sup>352</sup> Ms C, 2v in OC, p. 244.

<sup>353</sup> Ms C, 3r in OC, p. 244.

<sup>354</sup> Celina, através de alguns trechos bíblicos que levou consigo para o Carmelo, sem o prever, contribui de modo excecional para a descoberta do Pequeno Caminho de Teresinha. Cf. C. DE MEESTER, *As mãos vazias*, p. 71.

<sup>355</sup> Ms C, 3r in OC, p. 244.

<sup>356</sup> P. T. CAVALCANTE, “Sagrada Escritura”, in IDEM, DST, p. 477.

“É sempre Jesus quem ensina Teresa por dentro e lhe mostra o caminho que deve tomar. E, do exterior, a Escritura vem confirmar essa palavra interior. Temos aí uma lei muito importante da vida espiritual. Sempre que um homem ora realmente com o coração, Deus sente-Se como que obrigado a falar-lhe ao coração.”<sup>357</sup>

As palavras de Isaías deixaram a alma da jovem carmelita radiante, tal como a criança que é apresentada com um brinquedo que deseja. Por elas descreve-nos Deus como Pai e Mãe<sup>358</sup>. Na Bíblia encontrou o ascensor que a “há-de elevar até ao Céu”<sup>359</sup>. Assim sendo, “sentir-se fraca, impotente, longe de a impelir ao desânimo, é uma vantagem, um motivo mais para confiar, se deixar transportar audazmente.”<sup>360</sup> Teresa tornou-se cada vez mais pequena, no sentindo espiritual, porque despojada de si mesma entrou numa relação Criador-criatura. Nesta relação Deus manifestou-se à religiosa do Carmelo de Lisieux quando quis, oferecendo-lhe a Sua luz e guiando-a nos caminhos que para ela escolheu.

Na sua nobre pequenez Teresinha viveu o dom da “CIÊNCIA DO AMOR DIVINO que o Pai das misericórdias infunde por Jesus Cristo no Espírito Santo, [pois] é um dom concedido aos pequeninos e aos humildes para que conheçam e proclamem os segredos do Reino, escondidos aos inteligentes e aos sábios”<sup>361</sup>. A carmelita de Lisieux na verdade nunca teve a intenção de traçar um tratado teológico. E jamais imaginou que a sua doutrina alcançasse tamanha dimensão. Como conclui Balthasar, o mais importante na doutrina espiritual da carmelita francesa consiste em perceber o dinamismo da força cristã “no seu duplo ritmo dramático de morrer e renascer, da morte e da ressurreição, de destruir e edificar. Força de Deus «que mata e vivifica, que conduz até ao inferno e volta a retirar dele».”<sup>362</sup>

---

<sup>357</sup> J. LAFRANCE, *A minha vocação é o amor*, p. 92.

<sup>358</sup> Cf. C. MACCISE, J. CHALMERS, “Uma doutora para o terceiro milénio”, p. 46.

<sup>359</sup> Ms C, 3r in OC, p. 244.

<sup>360</sup> A. P. RIBEIRO, “O caminho espiritual de Teresa de Lisieux”, p. 311.

<sup>361</sup> IOANNES PAULUS PP. II, *Littera Apostolica*, in *AAS* 90 (october 1997), p. 930.

<sup>362</sup> H. U. von BALTHASAR, *Teresa de Lisieux*, p. 243.

## **1.2. A vivência e ensino do Pequeno Caminho**

Na sua maturidade Teresa de Lisieux viveu a infância espiritual. Acertou o seu passo corajoso com os passos de Jesus, encarnação da humildade e fragilidade do Deus Amor, que se baixou e se inclinou perante os homens<sup>363</sup>. Como a criança: desfrutou o momento presente sem se preocupar com o futuro; predispôs-se a confiar nas orientações paternas de Deus, deixou-se levar pelos Seus desígnios e rezou-Lhe com toda a simplicidade do seu coração; revelou espontaneidade na sua entrega aos outros e por isso ofereceu a Deus e ao próximo apenas o que possuía; desenvolveu a sua capacidade de sonhar; tratou a Mãe do Céu de forma singela; e sofreu sem preocupações. É importante consciencializarmos que ‘criança’ na doutrina espiritual de Teresinha adquire um carácter divino. A humilde Teresa de Lisieux viveu como a criança que o Evangelho nos apresenta. Agradou a Jesus e deixou-se abraçar por Ele (cf. Mc 9, 36).

### **1.2.1. Um caminho vivido em Jesus**

Teresinha viveu o seu Pequeno Caminho em Jesus: “Há muito tempo que já não me pertença. Entreguei-me totalmente a Jesus, portanto Ele é livre de fazer de mim o que Lhe agradar.”<sup>364</sup> Inflamada pelo Espírito de Deus traçou um caminho de Fé que podemos traduzir por Amor Misericordioso. Eis alguns dos instantes, narrados no Manuscrito C, em que Teresa de Lisieux viveu o Pequeno Caminho tendo como bússola a Misericórdia de Deus: dar o seu lugar a uma irmã que desejava fazer de terceira (religiosa que acompanha a ecónoma quando entram trabalhadores no convento), e para isso sofre a humilhação de ser a última a tirar o avental para ir receber quem está à porta<sup>365</sup>; aceitação dos defeitos das religiosas que vivem com ela, e a oração por elas como resposta ao rebaixamento tantas vezes sentido<sup>366</sup>; suportar a humilhação de uma falsa acusação<sup>367</sup>; servir com verdade e sem ter a intenção de retribuição<sup>368</sup>;

---

<sup>363</sup> Cf. C. H. C. SILVA, “O miniatural em Santa Teresa do Menino Jesus”, p. 198.

<sup>364</sup> Ms C, 10v in OC, p. 256.

<sup>365</sup> Cf. Ms C, 13r-13v in OC, p.258-259.

<sup>366</sup> Cf. Ms C, 13v-14r in OC, p. 260; Ms C, 30r-30v in OC, p. 283-284.

<sup>367</sup> Cf. Ms C, 14v-15r in OC, p. 261.

<sup>368</sup> Cf. Ms C, 16r in OC, p. 263; Ms C, 18r in OC, p. 266.

exercitar a paciência quando lhe deixam a sala de pintura em desordem<sup>369</sup>; ausência de lamentações mesmo quando já está doente e as irmãs a tratam com ternura – o modo carinhoso com que a trataram podia levá-la a segredar os seus sofrimentos ou conduzir à lamentação, mas Teresinha prefere amar, esforçando-se para se mostrar contente<sup>370</sup>; praticar o que ensina<sup>371</sup>; ajudar as irmãs a seguirem pelo caminho da verdade, despertar para o crescimento humano e espiritual, e alegrar-se com as transformações positivas<sup>372</sup>; privar-se dos impulsos que sente, esquecer-se de si<sup>373</sup>; sentir-se pequena perante os desígnios de Deus, ausência de orgulho e vaidade<sup>374</sup>; amparar a Irmã São Pedro, doente, apesar da sua frieza e ingratidão, manifestando assim a caridade<sup>375</sup>. Através da caridade<sup>376</sup> contribuiu para o bem do próximo.

### 1.2.2. A primazia do amor apesar do sofrimento

A cândida Florzinha do Carmelo desfolha-se com esperança. Humanamente pode cansar-se, pela incompreensão e ingratidão recebidas, mas nunca perde a sua beleza divina. Pois aprendeu de Jesus a clamar «Abbá» (Mc 14, 36). Suportou todo o sofrimento no espírito da infância<sup>377</sup>, na confiança filial e fiel em Deus. Na vida religiosa carmelita aprendeu a viver a ciência da Cruz, mistério insondável de amor<sup>378</sup>.

Ao lermos as últimas palavras da narração do que viveu com a Irmã São Pedro, reconhecemos que a beleza do amor, totalmente misericordioso, consiste em considerar que o

---

<sup>369</sup> Cf. Ms C, 16v in OC, p. 263.

<sup>370</sup> Cf. Ms C, 17r-17v in OC, p. 264-265.

<sup>371</sup> Cf. Ms C, 19r in OC, p. 267.

<sup>372</sup> Cf. Ms C, 20v-21v in OC, p. 269-270; Ms C, 24r in OC, p. 274.

<sup>373</sup> Cf. Ms C, 22r in OC, p. 271; Ms C, 30r-31r in OC, p. 282-284.

<sup>374</sup> Cf. Ms C, 22r-22v in OC, p. 271-272.

<sup>375</sup> Cf. Ms C, 28v-30r in OC, p. 281-283. Foi muito importante para Teresa de Lisieux, enquanto noviça, a caridade para com esta irmã, que descreve a situação de um modo muito pormenorizado.

<sup>376</sup> “Deus concedeu-me a graça de compreender o que é a caridade. Dantes compreendia-o, é verdade, mas de uma maneira imperfeita. Não tinha aprofundado estas palavras de Jesus: «O segundo mandamento é semelhante ao primeiro: Amarás o teu próximo como a ti mesmo».” (Ms C, 11v in OC, p. 257).

<sup>377</sup> Cf. H. U. von BALTHASAR, *Se não vos tornardes como esta criança*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2014, p. 62.

<sup>378</sup> “Teresinha educada na escola [de Santa Teresa de Ávila e de São João da Cruz] e herdeira do seu espírito, chegou à compreensão da ciência da cruz não mediante os processos racionais das formas intuitivas ou dedutivas que se reenlaçam direta ou indiretamente com os fatos gerais ou específicos, mas seguindo o caminho do coração.” (P. P. DI BERARDINO, *O dom de si*, p. 176)

próximo me pertence: ‘minha irmã’<sup>379</sup>. A carmelita de Lisieux viveu o Pequeno Caminho à luz da Misericórdia de Deus porque alguém a amou primeiro com as vísceras e o olhar e, por isso, ela também foi capaz de amar. Revela-nos, assim, que o amor humano é uma realidade corporal e espiritual<sup>380</sup>. Há uma intenção para além do que se visualiza. Os segredos dessa intenção conservam-se no coração e apenas Deus os conhece perfeitamente. Porque aos olhos dos homens a carmelita agiu sem orgulho e vaidade. Os sentimentos que habitavam o coração de Teresinha revelaram uma perseverante penitência. Interpretemos bem esta constância com a ajuda de Balthasar:

“Não [se trata] só de penitência como situação do estado geral, que corresponde a uma vida consagrada pelos votos, mas também de uma penitência que chega ao particular, ao minucioso, ao mínimo pormenor. Só que é penitência cuja purificação não é obra e perfeição pessoal, mas o mais fiel e agradecido aproveitamento de todas as ocasiões que nos vem de fora e nos são oferecidas por Deus.”<sup>381</sup>

### **1.2.3. O anúncio do Pequeno Caminho dentro e fora do Carmelo**

Teresinha ensinou o Pequeno Caminho às noviças, mas também através das cartas aos seus destinatários. E com a tradução dos seus escritos o anúncio do caminho da infância espiritual espalhou-se pelo mundo inteiro. Continua a ensiná-lo. Ensina-o com segurança, porque “é imediatamente retirado do Evangelho, tal como Deus o explicou.”<sup>382</sup> Foi em Jesus que Teresa de Lisieux encontrou a plenitude desta segurança, pois como Ele correspondeu sempre com confiança à vontade amorosa do Pai<sup>383</sup>.

Entre 1893 e 1896 foram cinco as noviças que tiveram a honra de escutar os ensinamentos de Teresinha, a via por ela percorrida: Irmã Marta, Irmã Maria Madalena, Irmã

---

<sup>379</sup> Cf. Ms C, 30r in OC, p. 283.

<sup>380</sup> Cf. Ms C, 18r in OC, p. 265.

<sup>381</sup> H. U. von BALTHASAR, *Teresa de Lisieux*, p. 254.

<sup>382</sup> *Ibidem*, p. 241.

<sup>383</sup> Cf. IDEM, *Se não vos tornardes como esta criança*, p. 38.



Maria da Trindade, Irmã Genoveva e a Irmã Maria da Eucaristia<sup>384</sup>. A jovem carmelita aceitou o encargo de Mestra de noviças<sup>385</sup>, reconhecendo a sua pequenez:

“[...] o vosso desejo, bem sei, é que eu desempenhe junto de vós uma missão muito agradável, muito fácil. Não poderei contemplar essa missão no alto dos Céus? Como Jesus disse um dia a S. Pedro, vós dissestes à vossa filha: «Apascenta os meus cordeiros», e eu fiquei admirada; disse-vos «ser *pequena* demais»... Supliquei-vos que levásseis vós mesma os vossos cordeirinhos a pastar e que me guardásseis, que por condescendência, me levásseis a pastar, com eles.”<sup>386</sup>

A Mestra Teresa descreve-nos a exigência da sua missão: “era conduzi-los a Deus, e fazer-lhes compreender que cá na terra, vós éreis, minha Madre, o Jesus visível que eles devem amar e respeitar.”<sup>387</sup> Guiada pela sabedoria que vem de Deus<sup>388</sup>, Teresinha “ensinou às noviças os princípios que informavam a sua vida: a caridade, ser serviçal, dura para consigo, paciente, delicada e útil para com as outras, ser simples e cultivar o domínio próprio, «obrigar-se a sorrir»”<sup>389</sup>. Exigia às noviças apenas o que vivia. Evitou cair nos mesmos erros da Madre Maria Gonzaga, que dava bons conselhos mas com os seus absurdos prejudicava a vida comunitária e das carmelitas<sup>390</sup>.

Através do Pequeno Caminho e com vista a que todos alcancem a glória do Céu, Teresa de Lisieux foi absolutamente sincera com as noviças. Amante da oração desde pequenina, indicou à noviça Maria da Trindade que “não era de maneira nenhuma por meio de cartas que as carmelitas devem salvar almas, mas pela *oração*.”<sup>391</sup> Na sua dedicação de Mestra acompanhou a noviça nesta proposta:

---

<sup>384</sup> Cf. P. T. CAVALCANTE, “Mestra”, in IDEM, DST, p. 367.

<sup>385</sup> “Teresa tinha todas as qualidades essenciais a uma boa mestra de noviças: uma paciência infinita, uma grande perseverança, um bom-senso sóbrio, que não se espantava com coisa alguma, e um amor sincero e isento de qualquer irritante pessimismo. Era capaz de se alegrar com o menor êxito, o menor esforço por parte das suas discípulas.” (I. GORRES, *Teresa de Lisieux*, p. 338).

<sup>386</sup> Ms C, 3v in OC, p. 245. A jovem Mestra tratava as noviças por cordeirinhos.

<sup>387</sup> Ms C, 23v in OC, p. 273.

<sup>388</sup> Cf. Ms C, 3v-4r in OC, p. 246.

<sup>389</sup> I. GORRES, *Teresa de Lisieux*, p. 339.

<sup>390</sup> Cf. P. P. DI BERARDINO, *O dom de si*, p. 155.

<sup>391</sup> Ms C, 24v-25r in OC, p.275.

“«É preciso pôr mãos à obra. Rezemos muito. Que alegria, se no fim da Quaresma fôssemos atendidas!...». Oh! misericórdia infinita do Senhor, que tanto quer escutar a oração dos seus filhos!... No fim da Quaresma, uma alma mais se consagrava a Jesus. Era um verdadeiro milagre da graça, milagre obtido pelo fervor de uma humilde noviça!”<sup>392</sup>

Algumas noviças fizeram com que a Mestra reconhecesse que se devia fazer pequena, aceitando por isso a humilhação confessando os seus combates e derrotas. Porém, existiram outras que “para lhes fazer bem é preciso ter muita firmeza e nunca voltar atrás no que se tenha dito.”<sup>393</sup> Assim a serena carmelita revela-nos o seu lado mais rigoroso e firme: “condescender não seria então humildade, mas fraqueza. Deus concedeu-me a graça de não temer a guerra; tenho de cumprir o meu dever a todo o custo.”<sup>394</sup> A Mestra do Carmelo de Lisieux reconhece que as noviças sentem a sua severidade<sup>395</sup>, mas ao mesmo tempo “sentem que [as] amo com um verdadeiro amor, que nunca imitarei «o mercenário que, vendo vir o lobo, deixa o rebanho e foge».”<sup>396</sup> Um aspeto que desiludia fortemente Teresa era a vanglória das noviças. Pois a presunção bloqueia o desejo de esquecimento de si<sup>397</sup>.

A finalidade do Pequeno Caminho teresiano é o cuidado das almas e a sua salvação. Assim, a carmelita de Lisieux fez com que as noviças se relacionassem com Deus. Logo, desconfiando das amizades naturais, nunca tenta atrair para si mesma os corações das noviças<sup>398</sup>. Porque percebeu a diferença entre o amor e a amizade.

“[...] na amizade há segurança sem que exista pressão. O que não podemos conhecer do outro deixamos serenamente que permaneça incognoscível. O facto de não conhecermos tudo não afeta a relação que mantemos, coisa que o amor dificilmente suporta. No amor a revelação deve

---

<sup>392</sup> Ms C, 25r in OC, p. 275.

<sup>393</sup> Ms C, 23v in OC, p. 273.

<sup>394</sup> Ms C, 23v in OC, p. 274.

<sup>395</sup> Cf. Ms C, 23r in OC, p. 273.

<sup>396</sup> Ms C, 23r-23v in OC, p. 273.

<sup>397</sup> “Num feriado, em que excepcionalmente havia sobremesa, uma noviça foi esquecida pela Irmã que servia à mesa. Como depois dissesse que aceitara de bom grado a mortificação, Teresa ordenou-lhe que reclamasse imediatamente à Irmã cozinheira a sua parte. Envergonhada a noviça protestou, mas Teresa manteve-se inflexível.” (I. GORRES, *Teresa de Lisieux*, p. 339).

<sup>398</sup> Cf. Ms C, 23v in OC, p. 273.

ser total, tem de ser una: una na fraqueza, na abertura, no conhecimento sem dobras, nem reservas.”<sup>399</sup>

Neste espírito “desenvolve o conceito da verdadeira direcção espiritual, que se preocupa apenas com o progresso e a salvação e não deve ser minada pela fraqueza ou pela afeição”<sup>400</sup>. Foi uma Mestra que viveu à luz do Crucificado: “Estou pronta para dar a minha vida por eles [cordeirinhos]”<sup>401</sup>. Mas, Teresa conhece a distância infinita que existe entre o amor que vive e o amor majestoso de Deus na cruz. Sem este conhecimento o amor de Teresa não seria autêntico, desconfiaria de si mesmo, proclamar-se-ia perfeito<sup>402</sup>.

A padroeira das missões começou, bem cedo, a tocar os corações da humanidade que a admirava. Nas cartas da sua maturidade comunica aos destinatários a dialética do Pequeno Caminho. Numa linguagem simples, dá a conhecer “uma alma sensível, cheia de Deus e convencida de que é uma profetiza de um caminho novo de espiritualidade cristã.”<sup>403</sup> Algumas das cartas em que Teresa de Lisieux expede o seu Pequeno Caminho são: carta 176 (dirigida a Leónia), carta 197 (dirigida à Irmã Maria do Sagrado Coração), carta 247 e carta 261 (dirigidas ao padre Bellière)<sup>404</sup>. Consideremos duas cartas que revelam os pontos-chave do Pequeno Caminho e nas quais a carmelita incentiva os seus irmãos espirituais a vivê-lo. Uma foi dirigida ao Padre Roulland, que temia o martírio em Tchoug-Kin<sup>405</sup> e por isso Teresa exorta-o a crer na esperança do Céu, dizendo que a justiça de Deus é a misericórdia:

“[...] Não compreendo, meu irmão, como podeis duvidar da vossa entrada imediata no Céu se os infiéis vos tirassem a vida. [...] Ser justo, não é somente exercer a severidade para castigar os culpados, é também reconhecer as intenções rectas e recompensar a virtude. Espero tanto da justiça de Deus como da sua misericórdia. [...] o meu caminho é todo de confiança e de amor,

---

<sup>399</sup> J. T. MENDONÇA, *Nenhum caminho será longo – para uma teologia da amizade*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2012, p. 14.

<sup>400</sup> I. GORRES, *Teresa de Lisieux*, p. 335.

<sup>401</sup> Ms C, 23v in OC, p. 273.

<sup>402</sup> Cf. H. U. von BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2008, p.86.

<sup>403</sup> P. T. CAVALCANTE, “Cartas”, in IDEM, DST, p. 99.

<sup>404</sup> Cf. P. T. CAVALCANTE, “Pequeno Caminho”, in IDEM, DST, p. 418.

<sup>405</sup> Temos conhecimento deste pormenor que é essencial para percebermos a carta 226, nas notas de rodapé relativas a esta carta.

não compreendo as almas que têm medo de um Amigo tão terno. Às vezes quando leio certos tratados espirituais em que a perfeição é apresentada através de inúmeras dificuldades, rodeada por uma quantidade de ilusões, a minha pobre inteligência cansa-se muito depressa, fecho o sábio livro que me quebra a cabeça e me seca o coração e pego na Sagrada Escritura. Então tudo me parece luminoso, uma só palavra revela à minha alma horizontes infinitos, a perfeição parece-me fácil, vejo que basta reconhecer o próprio nada e abandonar-se como uma criança nos braços de Deus. Deixando às almas grandes, às grandes inteligências, os belos livros que não posso compreender, e ainda menos pôr em prática, regozijo-me por ser pequenina visto que só as crianças e os que se assemelharem a elas serão admitidas ao banquete celestial.”<sup>406</sup>

A outra foi dirigida ao Padre Bellière:

“[...] Sinto que temos de ir para o Céu pela mesma via, a do sofrimento unido ao amor. Quando estiver no porto de abrigo ensinar-vos-ei, querido Irmãozinho da minha alma, como deveis navegar no mar tempestuoso do mundo com o abandono e o amor de uma criança que sabe que o Pai a ama e não poderia deixá-la só na hora de perigo. Ah! Como eu queria fazer-vos compreender a ternura do Coração de Jesus, o que Ele espera de vós! Com a vossa carta do dia 14 fizestes estremecer docemente o meu coração, compreendi mais do que nunca a que ponto a vossa alma é irmã da minha porque é chamada a elevar-se para Deus pelo ASCENSOR do amor, e não a subir a difícil *escada* do temor...”<sup>407</sup>

Nestas duas cartas a carmelita exalta a força da fé, da confiança, do abandono e da ternura, pois apenas pela inteligência temos muita dificuldade em compreender o caminho que nos conduz ao Céu. Teresa mostra-se feliz por saber que são muitas as almas que se propõem a voar para Deus. Neste sentido, é oportuno referir a imagem do passarinho usada no Manuscrito B, e em algumas cartas, poesias e últimas conversações<sup>408</sup>, para expressar que apesar das nossas fragilidades jamais devemos deixar de crer na possibilidade de voos mais altos. Eis a presença da esperança na proposta do Pequeno Caminho:

“Eu considero-me um débil passarinho, coberto apenas por uma leve penugem. Não sou a Águia. Dela tenho simplesmente os olhos e o coração, pois, apesar da minha extrema pequenez, ousa

---

<sup>406</sup> Ct 226, 1v-2r in OC, p. 609.

<sup>407</sup> Ct 258, 1v-2r in OC, p. 639.

<sup>408</sup> Cf. P. T. CAVALCANTE, “Voar”, in IDEM, DST, p. 555.

fixar o Sol Divino, o Sol do Amor, e o meu coração sente em si todas as aspirações da Águia... O passarinho queria voar para o Sol brilhante que lhe fascina o olhar; queria imitar as Águias, suas irmãs, que vê elevarem-se até ao fogo divino da Santíssima Trindade... Pobre dele! Tudo quanto pode fazer é agitar as suas pequenas asas; mas levantar voo, isto não está no seu pequeno poder!”<sup>409</sup>

## 2. Teresa de Lisieux e a contemplação do mistério da Misericórdia Divina

Na sua entrega amorosa às religiosas, às noviças de um modo muito terno e àqueles com quem comunicava por carta o “passarinho de Lisieux”<sup>410</sup> mostrou-se sempre débil e pequeno. Interrogando-se constantemente sobre “o que seria dele se fosse grande”<sup>411</sup> descobriu, tal como São João da Cruz, que se deveria perder no ofício do amor<sup>412</sup>. Alegre por tudo possuir de Deus, ao comemorar o segundo aniversário do seu *Acto de oferecimento ao Amor Misericordioso de Deus*, Teresa confidenciou à Madre: “já não tenho outros desejos grandes, excepto o de amar até morrer de amor... (9 de Junho).”<sup>413</sup>

### 2.1. Uma vida construída pela Misericórdia

Teresa de Lisieux sempre se sentiu amada por Deus, cujo olhar poisava sobre ela de um modo muito especial e terno. Deus acompanhou-a com a Sua ternura<sup>414</sup> desde a infância. Cumpriu a promessa: «Eu estarei convosco todos os dias, até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20). A menina Martin cresceu guiada pelo amor de Deus.

“O vosso amor precedeu-me desde a minha infância, cresceu comigo, e agora é um abismo, cuja profundidade não consigo sondar. O amor atrai o amor; por isso, meu Jesus, o meu lança-se para

---

<sup>409</sup> Ms B, 4v-5r in OC, p. 234.

<sup>410</sup> Cf. Ms B, 4v in OC, p. 234.

<sup>411</sup> Ms B, 5r in OC, p. 235.

<sup>412</sup> “De alma me consagrei/ ao seu serviço e todo o meu haver;/ e já não guardo a grei, nem tenho outro mister:/ pois já somente amar é meu viver.” (SANTO JOÃO DA CRUZ, *Cântico Espiritual*, Canção XXVIII, 1, in IDEM, *Obras espirituais do Doutor místico São João da Cruz: primeiro carmelita descalço e coadjutor de Santa Teresa de Jesus na reforma do Carmelo*, p. 176).

<sup>413</sup> Ms C, 7v in OC, p. 251.

<sup>414</sup> “A manifestação da ternura [de Deus] é essencial para a aliança que Deus quer selar com os Homens. [...] a ternura é da ordem da confiança: confiança que Deus nos quer fazer sobre Ele! É também a ela que Deus nos chama, para algo que é bastante mais do que um sentimento.” (P. LAUDET, *O que a Bíblia diz sobre... a ternura*, Trad. Mário dos Santos, Paulus Editora, Lisboa, 2017, p. 6).

Vós, e quereria encher o abismo que o atraí, mas, pobre de mim! nem chega a ser uma gota de orvalho perdida no oceano!... Para Vos amar como Vós me amais, preciso de me servir do vosso próprio amor; só então encontro repouso. Ó meu Jesus, é talvez uma ilusão, mas parece-me que não podeis cumular nenhuma alma com mais amor do que cumulastes a minha.”<sup>415</sup>

### 2.1.1. Viver o amor animada pela Misericórdia de Deus

No centro da mensagem de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face está a gratuidade do amor de Deus. De todos os atributos deste amor precioso a carmelita realça a Misericórdia, que é a chave de leitura da sua vida e vocação<sup>416</sup>. Centremo-nos, então, no conceito de misericórdia. A palavra misericórdia é composta por duas palavras latinas: *miser* e *cor*; “*miser*, que significa, ‘miserável’, ‘indigente’, ‘pobre’, ‘indefeso’, ‘necessitado’, e *cor*, que se traduz como ‘coração’, mas que significa também o estado íntimo em que se encontra uma pessoa, aquilo que caracteriza o modo de ser e as suas reações.”<sup>417</sup>

Deus inclinou-se misericordiosamente sobre Teresinha para que ela, imitando-O, se inclinasse sobre os irmãos. A sua existência “encontra, pois, a sua rampa de lançamento no amor que me amou primeiro”<sup>418</sup>. A carmelita de Lisieux percebeu o olhar fixo e cheio de esperança de Jesus inclinado perante a pecadora (cf. Jo 8,1-11). Temos de enaltecer Teresa de Lisieux pelo facto de lhe pertencer a descoberta “da misericórdia como providente, é ela que pela primeira vez associa ao termo misericórdia o adjetivo que a qualifica como providente”<sup>419</sup>. A misericórdia que experimentou no seu Pequeno Caminho enriqueceu-a humana e espiritualmente. Soube pôr-se ao nível das diferentes pessoas com quem conviveu. Sentiu as implicações da misericórdia<sup>420</sup>, colocando todo o seu corpo ao serviço do amor<sup>421</sup>. A mística

---

<sup>415</sup> Ms C, 35r in OC, p. 291.

<sup>416</sup> Cf. Ms A, 2r in OC, p. 72.

<sup>417</sup> J. M. ESTÉVEZ, *Credi nella Misericordia di Dio?*, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 2017, p. 12.

<sup>418</sup> E. J. M. GONZÁLEZ, “*Sed de amor*. Teresa del Niño Jesús y la misericordia divina”, *Revista de Espiritualidad*, 300 (2016), p. 348.

<sup>419</sup> M. M. ROMANO, “Misericordia come amore preveniente – L’esperienza di Maria e dei dottori carmelitani”, *Teresianum*, 2 (2016), p. 506.

<sup>420</sup> “A misericórdia sente-se, sofre-se, há trabalho. É uma experiência encarnada, corporal”. (L. BRUNI, *À procura de novas palavras*, Trad. António Antão, José A. Bacelar, Editora Cidade Nova, Abridada, 2017, p.55).

<sup>421</sup> Enzo Bianchi, numa das suas cartas a um amigo sobre a vida espiritual fala-nos de um modo belo e compreensível do corpo como entidade espiritual, e com o qual podemos fazer belas orações (p. 43-48). Citamos

francesa que viveu no século da valorização da autonomia do homem tornou-se uma peregrina entusiasmada da Misericórdia de Deus, porque “numa altura em que a vida cristã se concebia fundamentalmente como luta ascética, questão de vontade e esforço humano, Teresa põe o acento em Deus e *deixa-se amar*.”<sup>422</sup>

Na sua vida madura tornou-se sentinela da manhã porque despertou as consciências para a Misericórdia de Deus, e deu a conhecer a ternura recebida do Pai do Céu. Ele introduziu-a nos caminhos da caridade, onde “a misericórdia torna-se visível e palpável numa ação concreta e dinâmica. Uma vez experimentada a misericórdia em toda a sua verdade, nunca mais se volta atrás: cresce continuamente e transforma a vida”<sup>423</sup>. O olhar terno e reconstrutivo de Jesus colocou-a num caminho de resposta ao Seu Amor mendigo: “peço a Jesus que me atraia para as chamas do seu amor, que me una tão estritamente a Ele, que viva e actue em mim. Estou certa de que quanto mais o fogo do amor abrasar o meu coração, tanto mais direi: «Atraí-me»”<sup>424</sup>. Através do Amor mendigo de Deus na carta 191, dirigida a Leónia, Teresinha abre-nos a porta da sua espiritualidade:

“[...] como ter medo d’Aquele que Se deixa prender por *um cabelo* que esvoaça no nosso pescoço!... Saibamos pois conservar prisioneiro este Deus que Se faz mendigo do nosso amor. Ao dizer-nos que um só cabelo pode realizar este prodígio, mostra-nos que as mais *pequenas acções* feitas por amor são as que Lhe cativam mais o coração...”<sup>425</sup>

---

aqui apenas alguns trechos que nos despertaram mais a atenção: “A própria linguagem da oração é a mesma do corpo: gritos, lágrimas, súplicas, abandono confiante, riso, silêncio... Quem reza é precisamente o corpo. Na verdade, a oração é vida vivida sob os olhos de Deus e esta não existe fora do corpo. O corpo é desejo de Deus. [...] O corpo, lugar da relação com o Senhor, é também o lugar do encontro com as pessoas.” (E. BIANCHI, *Começa a caminhar – A aventura interior e a oração*, Trad. Mário Santos, Paulus Editora, Lisboa, 2013, p. 46-47)

<sup>422</sup> A. P. RIBEIRO, “O caminho espiritual de Teresa de Lisieux”, 308.

<sup>423</sup> FRANCISCUS PP, *Littera Apostolica -Misericordia et Misera de Iubilaeo Extraordinario Misericordiae concludendo [=MM]*, in *Acta Apostolicae Sedis* 108 (november 2016), p. 1322-1323.

<sup>424</sup> Ms C, 36r in OC, p. 292.

<sup>425</sup> Ct 191, 2r in OC, p. 557.

### 2.1.2. As imperfeições interpretadas à luz da Misericórdia Divina

Fazemos um estudo errado de Santa Teresinha se associarmos a sua consciente fragilidade ao pecado. Pois é próprio da criança cair.

“O cair das crianças é cair em faltas, cometer tontarias. E só quando se toma a sério este cair, só quando é lícito incluir também estas quedas na grande renúncia à própria perfeição, está Teresa segura de que a doutrina do pequeno caminho está definitivamente assegurada. Aqui radicou na sua juventude e, particularmente, na época dos seus escrúpulos, a sua grande angústia e preocupação. Aqui também surgiu mais radiante a sua certeza, quando deu a segurança a si mesma de que há faltas que não ofendem ao Senhor.”<sup>426</sup>

A sonhadora do Céu atribui ao pecado uma conotação positiva, pois “Deus não é misericordioso porque nós Lhe permitimos exercer esta qualidade pecando. Deus é misericordioso por natureza, Deus é amor e misericórdia sobretudo antes da nossa condição pecadora.”<sup>427</sup> Consideremos as duas posições teológicas relativas ao pecado da carmelita de Lisieux através das cartas 161 e 130, dirigidas a Celina. Na primeira<sup>428</sup> Teresinha diz-nos que cada um de nós tem um Anjo da guarda que nos defende e desvia do pecado. Na segunda<sup>429</sup> reconhece que Deus perdoa antecipadamente o pecado humano, porque todos nós preservados do pecado pela Misericórdia Divina podemos continuar a amar muito a Deus e ao homem.

Envolta pela Misericórdia providente de Deus, Teresinha pôs um ponto final nos seus medos e inseguranças, permanecendo fiel a Ele até ao fim da sua vida. Porque, como diz o Papa Francisco no nº1 da Carta Apostólica *Misericordia et Misera* “tudo se revela na misericórdia; tudo se compendia no amor misericordioso do Pai”. A carmelita vence-se a si mesma porque vive imersa no Mistério de Deus.

---

<sup>426</sup> H. U. von BALTHASAR, *Teresa de Lisieux*, p. 286.

<sup>427</sup> E. J. M. GONZÁLEZ, “*Sed de amor*. Teresa del Niño Jesús y la misericordia divina”, p. 341.

<sup>428</sup> Cf. Ct 161, r in OC, p. 505.

<sup>429</sup> Cf. Ct 130, 2r-2v in OC, p. 454.



### 2.1.3. Explicação da Misericórdia providente de Deus através da parábola do filho pródigo.

Unida ao Mistério Trinitário a Santa carmelita encontra uma linguagem própria para dar a conhecer a Misericórdia providente de Deus<sup>430</sup>. Na sua linguagem simples mas profunda enaltece a gratuidade de Deus e da graça divina bem como a fragilidade e miséria humana, e apela à ausência de cálculos. Se o amor conhecer cálculos deixamos de contemplar a sua beleza. Para mostrar que Jesus, Misericórdia encarnada, levanta o homem caído Teresinha reescreve a parábola do filho pródigo (Lc 15, 11-32):

“Suponho que o filho de um grande médico encontra no caminho uma pedra que o faz cair, e que, na queda, ele fractura um membro. O pai acorre imediatamente, levanta-o com amor, trata das feridas, empregando para tal todos os recursos da sua arte. Uma vez completamente curado, o filho testemunha-lhe o seu reconhecimento. Sem dúvida, esse filho tem muita razão para amar o pai! Mas vou fazer ainda outra suposição. - Tendo o pai sabido que no caminho do filho havia uma pedra, apressa-se a ir à frente dele e retira-a, sem ser visto por ninguém. Certamente, este filho, objecto da sua providente ternura, não SABENDO a desgraça de que o pai o livrou, não lhe testemunhará o seu reconhecimento, e *amá-lo-á menos* do que se tivesse sido curado por ele... Mas, se vier a saber o perigo do qual escapou, não o *amará ainda mais*? Pois bem, eu sou essa filha, objecto do amor providente de um *Pai* que não enviou o seu Verbo para resgatar os *justos*, mas os *pecadores*. Quer que *O ame*, porque me *perdoou*, não muito, mas *tudo*. Não esperou que eu *O amasse muito* como Santa Madalena, mas quis que EU SOUBESSE como me tinha amado com um amor de inefável providência, para que agora O ame *loucamente*!”<sup>431</sup>

Na parábola do filho pródigo ambos os filhos pecam, mas o pai amoroso está sempre disposto a tê-los junto de si. Por isso abre totalmente os seus braços para os abraçar, dilata o seu coração para os perdoar e coloca-os num caminho de amor<sup>432</sup>. O pecado também fez morada

---

<sup>430</sup> Cf. Ms A, 38v in OC, p. 130.

<sup>431</sup> Ms A, 38v-39r in OC, p. 131.

<sup>432</sup> “Nada que um pecador arrependido coloque diante da misericórdia de Deus pode ficar sem o abraço do seu perdão. É por este motivo que nenhum de nós pode pôr condições à misericórdia; esta permanece sempre um ato de gratuidade do Pai celeste, um amor incondicional e não merecido. Por isso não podemos correr o risco de nos opor à plena liberdade do amor com que Deus entra na vida de cada pessoa. A misericórdia é esta ação concreta do amor que, perdoadando, transforma e muda a vida.” (FRANCISCUS PP, MM, in *AAS* 108 (november 2016), p. 1312).

no coração do filho mais velho, porque este teve dificuldade em reconhecer a beleza de estar junto do pai. Ao reescrever a parábola do filho pródigo Teresa descreve-se.

“[Fala de] si mesma, não propriamente como o filho pródigo, nem como o filho mais velho, mas como «o terceiro irmão» que «encontrou o seu lugar na Igreja», que participa do amor e da dor do Pai das misericórdias na espera dos irmãos perdidos, trabalhando e rezando pela salvação dos pecadores”<sup>433</sup>.

Obediente ao Pai, pertence assim ao grupo dos filhos que nunca deixaram a casa do pai e que são felizes por viverem junto dele<sup>434</sup>.

#### **2.1.4. Amar ao jeito de Jesus: acolher o outro e ajudá-lo a converter-se**

No seu viver misericordioso Teresinha atualiza as palavras de Jesus: «Eu estou à porta e bato» (Ap 3, 20). A jovem carmelita hospedou tantas irmãs sedentas de um abraço ternurento, de um sorriso encorajador, de palavras de esperança, de um olhar compassivo, de umas mãos corajosas para amparar as lágrimas, de escuta. A misericórdia nunca nos propõe hipóteses, pois “o outro não é aquele que escolhemos para vir ter connosco, talvez com um segundo fim – ser convidados por sua vez (cf. Lc 14, 12-14) –, mas aquele que aparece diante de nós, trazido pelos eventos, sem que nós o tenhamos escolhido”<sup>435</sup>. Assim sendo, antes de partirmos para o conhecimento de alguns momentos misericordiosos oferecidos ao mundo por Teresinha do Menino Jesus e da Santa Face, façamos a pergunta: O que ama Teresa, quando ama o próximo? Ama Deus.

Teresinha viveu e revelou a Misericórdia Divina de um modo delicado, atento e sonhador; exprimindo o que sentiu com as transformações que verificava na sua vida e naqueles a quem se entregou por amor. Pela prática da caridade e da oração sentiu, em muitos instantes,

---

<sup>433</sup> M. F. DOS REIS, “Actualidade de Santa Teresa de Lisieux”, *Revista de Espiritualidade* 16 (1996), p. 277.

<sup>434</sup> Cf. Ms C, 35r in OC, p. 290.

<sup>435</sup> E. BIANCHI, *Procura os outros – A fraternidade e a esperança*, Trad. Mário Santos, Paulus Editora, Lisboa, 2013, p. 14.

os horizontes da Eternidade<sup>436</sup>. Aquela que um dia sonhara ser pintora<sup>437</sup> tornou-se assim “um pincelzinho que Jesus escolheu para pintar a sua imagem nas almas”<sup>438</sup>. Deixou que Jesus se servisse da sua vida “para os mais pequenos pormenores”<sup>439</sup>. Fez da Misericórdia o seu mais precioso talento.

Consideremos, então, dois exemplos em que a artista do amor experimentou uma resposta feliz à misericórdia vivida. Começemos por recordar, uma vez mais, a compaixão com que tratava a idosa e doente Irmã S. Pedro. A carmelita termina a redação do que viveu com esta Irmã referindo-se à ternura com que lhe colocava o pão na tigela, e ao sorriso que lhe oferecia depois de lhe ter prestado todos os serviços<sup>440</sup>. Inspirada no Amor Misericordioso de Deus conseguiu transformar aquele coração endurecido “até ao ponto da Irmã São Pedro se tornar menos exigente nos seus pedidos a Teresa”<sup>441</sup>. A Irmã S. Pedro começou a libertar-se e a sair das condições obscuras que a tornavam antipática porque reconheceu que alguém a olhou com misericórdia. Alegra-se com a sua própria transformação, testemunhando a Celina: “esta menina chegará muito alto. Se lhe contei tudo é porque sois jovem e podereis referi-lo a outros a seu tempo, porque tais atos de vontade não devem cair abaixo do alqueire”<sup>442</sup>.

A jovem religiosa de Lisieux derramou muitas lágrimas<sup>443</sup> por amor a Jesus crucificado. Tratava-se de suportar as ‘picadas de alfinetes’<sup>444</sup>. Outro momento, marcado pela angústia do sofrimento, pelo qual Teresinha teve a venturosa oportunidade de experimentar a alegria da transformação do próximo foi vivido com a sua companheira de noviciado.

---

<sup>436</sup> Cf. Ms C, 30r in OC, p. 283.

<sup>437</sup> Cf. P. T. CAVALCANTE, “Pintora”, in IDEM, DST, p. 423.

<sup>438</sup> Ms C, 20r in OC, p. 268.

<sup>439</sup> Ms C, 20v in OC, p. 269.

<sup>440</sup> Cf. Ms C, 29v in OC, p. 282.

<sup>441</sup> E. J. M. GONZÁLEZ, “*Sed de amor*. Teresa del Niño Jesús y la misericordia divina”, p. 364.

<sup>442</sup> Resposta à pergunta 32 do Processo Apostólico, in *Ibidem*, p. 364.

<sup>443</sup> A palavra lágrima aparece com muita frequência nos escritos de Teresinha. Por ela a Santa de Lisieux mostra a sua sensibilidade e emoção. As lágrimas da carmelita são de sofrimento, angústia e gratidão. Cf. P. T. CAVALCANTE, “Lágrima”, in IDEM, DST, p. 313-314.

<sup>444</sup> Cf. P. P. DI BERARDINO, *O dom de si*, p. 161.

“Aos 15 anos, quando tive a felicidade de entrar no Carmelo, encontrei uma companheira de Noviciado que me precedera alguns meses: tinha mais oito anos do que eu, mas o seu carácter infantil fazia esquecer a diferença de idades [...]. Havia também muitas coisas no seu comportamento para com as Irmãs que eu desejaria que ela modificasse... Desde essa altura, Deus fez-me compreender que há almas que a misericórdia não se cansa de esperar, às quais dá a sua luz apenas gradualmente; por isso, evitava antecipar a sua hora, e esperava pacientemente que aprovesse a Jesus fazê-la chegar. [...]. Então Deus fez-me sentir que tinha chegado o momento e que não devia recear falar, ou então que devia acabar com conversas que se pareciam com as de duas amigas do mundo. Esse dia era um sábado e, no dia seguinte, durante a acção de graças, supliquei a Deus que me pusesse na boca palavras afáveis e convincentes, ou antes, que falasse Ele mesmo por mim. Jesus ouviu a minha oração, e permitiu que o resultado cumulasse a minha esperança, porque: «os que para Ele voltarem o seu olhar serão iluminados» (Sl XXXIII), e «a Luz elevou-se nas trevas para os que têm coração recto». A primeira palavra refere-se a mim, e a segunda à minha companheira que, verdadeiramente, tinha o coração recto... Tendo chegado a hora em que tínhamos resolvido encontrar-nos, a pobre Irmãzinha, ao olhar para mim, viu imediatamente que eu já não era a mesma; sentou-se ao meu lado, corando, e eu, encostando-lhe a cabeça ao meu peito, disse-lhe com voz comovida *tudo o que pensava dela*, mas com expressões tão ternas, testemunhando-lhe uma tão grande afeição, que depressa as suas lágrimas se misturaram às minhas. Concordou, com muita humildade, que tudo o que eu dizia era verdade; prometeu-me começar uma vida nova e pediu-me, como um favor, que a advertisse sempre das suas faltas”<sup>445</sup>.

Termino este ponto da dissertação com as palavras do Papa Francisco na Carta apostólica *Misericordia et Misera* que se referem à consolação que o próximo clama no seu silêncio sufocante, e que bem vivida pode quebrar os muros da solidão e do isolamento:

“Enxugar as lágrimas é uma ação concreta que rompe o círculo de solidão onde muitas vezes se fica encerrado. Todos precisamos de consolação, porque ninguém está imune ao sofrimento, à tribulação e à incompreensão. Quanta dor pode causar uma palavra maldosa, fruto da inveja, do ciúme e da ira! Quanto sofrimento provoca a experiência da traição, da violência e do abandono! Quanta amargura perante a morte das pessoas queridas! E, todavia, Deus nunca está longe quando se vivem estes dramas. Uma palavra que anima, um abraço que te faz sentir compreendido, uma carícia que deixa perceber o amor, uma oração que permite ser mais forte... são todas as expressões da proximidade de Deus através da consolação oferecida pelos irmãos. Às vezes, poderá ser de grande ajuda também o silêncio; porque em certas ocasiões não há

---

<sup>445</sup> Ms C, 20v-21v in OC, p. 268-270.

palavras para responder às perguntas de quem sofre. Mas a falta de palavras pode superar-se através da compaixão de quem está presente, próximo, ama e estende a mão”<sup>446</sup>.

## **2.2. Um dia especial: oferta ao Amor Misericordioso de Deus**

Sentindo o fogo do amor de Deus no seu coração, a 9 de junho de 1895, Teresa de Lisieux ofereceu-se como *Vítima de Holocausto ao Amor Misericordioso de Deus*<sup>447</sup>. Entregou-se nas mãos da Santíssima Trindade: “Ó meu Deus! Trindade Bem-aventurada! Desejo amar-Vos e fazer-Vos amar”<sup>448</sup>. O que entusiasma e move Teresa de Lisieux é o Céu, é Deus. Todo o desejo é construtivo e apenas “na relação, o desejo tem a sua manifestação privilegiada: na relação com os outros, consigo próprio, com tudo o que o rodeia, na abertura ao transcendental”<sup>449</sup>.

### **2.2.1. Uma oferta com objetivos concretos**

Na *Oferta de si mesma como Vítima de Holocausto ao Amor Misericordioso de Deus* Teresinha sintetiza toda a sua mensagem: amar Deus e o próximo<sup>450</sup>; o desejo da santidade universal<sup>451</sup>; de ser amada pelo amor ardente do Coração de Jesus<sup>452</sup>; a importância dos Santos e da Virgem Maria na sua vida<sup>453</sup>; o desejo de comungar<sup>454</sup>; consolar Jesus e nunca desagradá-

---

<sup>446</sup> FRANCISCUS PP, MM, in *AAS* 108 (november 2016), p. 1320 e 1321.

<sup>447</sup> Cf. SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Oração [=Or]* 6 in OC, p. 1075-1078. Conrad de Meester faz uma observação ao vocabulário usado por Teresa. Para ela o amor de Deus é misericórdia, mas a misericórdia está impregnada de amor. Parece que estamos perante um pleonasma quando a carmelita de Lisieux diz: ‘amor misericordioso’, pois podia dizer apenas amor. Na verdade é apenas na Oração 6 que esta expressão aparece. Pois no Manuscrito A, quando faz uma lista de acontecimentos memoráveis da sua vida, chama ao oferecimento do dia 9 de Junho, oferta dela mesma ao amor. Cf. C. de MEESTER, *As mãos vazias*, p. 94. Para um melhor esclarecimento deste assunto apresentamos o título em francês da Oração 6: “*Acte d’offrande de moi-même comme victime d’holocauste à l’amour misericordieux du bon Dieu*”. (THÉRÈSE DE L’ENFANT-JÉSUS, *La Bienheureuse Thérèse de l’Enfant-Jésus*, p. 305).

<sup>448</sup> Or 6 1r in OC, p. 1075.

<sup>449</sup> C. M. ANTUNES, *Só o Pobre se faz Pão – Entrecruzar jejum, interioridade e compaixão*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2013, p. 13.

<sup>450</sup> Cf. Or 6, 1r in OC, p. 1075.

<sup>451</sup> Cf. Or 6, 1r in OC, p. 1075.

<sup>452</sup> Cf. Or 6, 1r in OC, p. 1075. No segundo capítulo referimos a devoção e o lugar importante que o Sagrado Coração de Jesus ocupa na doutrina espiritual de Santa Teresa de Lisieux. Por isso é normal que ela o invoque no seu *Ato de Oferecimento ao Amor Misericordioso de Deus*.

<sup>453</sup> Cf. Or 6, 1r in OC, p. 1076.

<sup>454</sup> Cf. Or 6, 1v/2r in OC, p. 1076.

Lo<sup>455</sup>; chegar ao Céu com as mãos vazias<sup>456</sup>; agradecimento das graças divinas, especialmente o sofrimento, pois a “Cruz é tão preciosa”<sup>457</sup>; alcançar a perfeição pelo Amor<sup>458</sup>; sentir o abraço misericordioso de Deus pelo martírio<sup>459</sup>; oferecer-se a cada instante<sup>460</sup>.

Tendo presente a obra de Jean Lafrance<sup>461</sup> *A minha vocação é o amor*, conseguimos aprofundar os pontos mais importantes que acabo de referir. No capítulo IV da referida obra o autor diz que Teresa viveu uma experiência mística autêntica porque “ela não se contentou com viver o Amor misericordioso de modo oculto e subterrâneo, mas experimentou nela a força desse amor de que teve uma consciência vivíssima”<sup>462</sup>. Ela mergulhou no fogo do Amor de Deus<sup>463</sup>. Através da referência ao fogo, Teresa de Lisieux mostra que se quer deixar transformar e purificar. Por isso nunca podemos associar o fogo do Amor de Deus a um estado terrível de destruição, porque Teresa é toda ela doçura e misericórdia. O fogo de Deus abrasa-a e torna-a arauto da Misericórdia. No seu *Ato de Oferecimento a Deus*, que não é apenas um ponto de chegada, mas sim de partida<sup>464</sup>, Teresinha manifesta a vontade de ser possuída na sua finitude pelo Amor Misericordioso do Infinito.

Jean Lafrance diz-nos que só quem compreende a Misericórdia de Deus consegue perceber o caminho feito por Teresa. Há um antes e um depois no viver misericordioso da carmelita. Primeiro a menina Martin, até aos catorze anos amava Deus, sentia que Deus lhe entrava pela vida dentro, mas só a partir da conversão de Pranzini e depois ao entrar no Carmelo de Lisieux permitiu que a chama desse amor a queimasse totalmente. Antes era um conhecimento sem uma experimentação consciente de Deus. Aos vinte e dois anos estamos

---

<sup>455</sup> Cf. Or 6, 1v/2r in OC, p. 1076.

<sup>456</sup> Cf. Or 6, 1v/2r in OC, p. 1077.

<sup>457</sup> Or 6, 1v/2r in OC, p. 1077.

<sup>458</sup> Cf. Or 6, 1v/2r in OC, p. 1077.

<sup>459</sup> Cf. Or 6, 2v in OC, p. 1078.

<sup>460</sup> Cf. Or 6, 2v in OC, p. 1078.

<sup>461</sup> Também consideramos algumas observações de Conrad de Meester, que na obra *As mãos vazias* dedica algumas páginas à Oferta de Teresa de Lisieux ao Amor Misericordioso de Deus (p.88-94).

<sup>462</sup> J. LAFRANCE, *A minha vocação é o amor*, p. 59. Giorgio Papàsogli fala-nos em “caridade intelectual” porque Teresinha pensa sempre o seu modo de agir. Une a fê e a razão para dar a conhecer o Amor Misericordioso de Deus. Cf. G. PAPÀSOGLI, *Teresa di Lisieux*, 3ª Ed., Città Nuova Editrice, Roma, 1987, p.536.

<sup>463</sup> Cf. Ms C, 36r in OC, p. 292.

<sup>464</sup> Cf. G. PAPÀSOGLI, *Teresa di Lisieux*, p. 517.

diante de uma jovem “possuída duma grande humildade e dum desejo de amar a Deus maior ainda.”<sup>465</sup> A carmelita respondeu assim ao Amor mendigo, que “é um amor devorador que deseja o outro com todas as suas forças, mas que, ao mesmo tempo, o respeita infinitamente. Se o amor de Deus é devorador, começa por devorar aquele que ama e não aquele que é amado”<sup>466</sup>. Teresinha primeiro compreende a profundidade do Amor de Deus por ela, e só depois parte na maravilhosa aventura de amar a Deus. Na verdade, ela só se abandona em Deus quando se sente confiante. E é a partir desta confiança que a carmelita de Lisieux começa a espalhar no Carmelo o Amor de Deus tão incompreendido e desprezado<sup>467</sup>.

Quando no seu *Ato de Oferecimento* Teresinha diz “ofereço-me como vítima de holocausto ao vosso amor misericordioso, suplicando-vos que me consumais sem cessar”<sup>468</sup>, está a oferecer-se por Amor ativo e vivificante. Compreendeu que é necessário confrontarmos nos contra os nossos corações endurecidos e deixar que o fogo da sarça-ardente (cf. Ex 3, 2) que vem de fora nos consuma e transforme. Foi assim com a aventureira carmelita de Lisieux, que viveu a sua mística “num contexto eclesial e sacramental”<sup>469</sup>. É pela e na Eucaristia que ela se oferece ao Amor Misericordioso. Ofereceu-se durante a missa do dia 9 de junho de 1895 <sup>470</sup> manifestando o desejo de comungar: “Ah! não posso receber a Sagrada Comunhão tantas vezes quantas desejo, mas, Senhor, não sois Todo-poderoso?... Ficai em mim, como no Sacrário. Nunca Vos afasteis da vossa hostiazinha...”<sup>471</sup>

---

<sup>465</sup> J. LAFRANCE, *A minha vocação é o amor*, p. 65.

<sup>466</sup> *Ibidem*, p. 65.

<sup>467</sup> Cf. *Ibidem*, p. 66.

<sup>468</sup> Or 6, 2r-2v in OC, p. 1078.

<sup>469</sup> J. LAFRANCE, *A minha vocação é o amor*, p. 68.

<sup>470</sup> Cf. Ms A, 84r in OC, p. 214.

<sup>471</sup> Or 6, 1v/2r in OC, p. 1076.

### **2.2.2. O oferecimento de Teresa de Lisieux é uma oração e estilo de vida para todos**

Antonio Olea, que estudou com afinco a misericórdia em Teresa de Lisieux, observou atentamente o *Acto de Oferecimento* da Santa e considera-o uma oração preciosa e um dos pontos altos da espiritualidade mística.

“[Por isso] deveria estar esculpida em letras de ouro nos muros das nossas igrejas e conventos, nas fachadas das faculdades de teologia e nas casas de espiritualidade. Serviria de memória do triunfo da Misericórdia divina sobre a ira divina, do amor sobre o temor. Uma verdadeira ‘revolução copernicana’ no mundo da fé”<sup>472</sup>.

A doutrina espiritual da carmelita francesa deve chegar a todos os cantos do mundo, abraçar todos os corações. A *Oferenda de Teresa ao Amor Misericordioso de Deus* não é um truque espiritual e “não basta pronunciar o ‘ato’ uma vez por todas. Deve vir a ser algo vital, algo de ‘cada pulsação do coração’, como diz Teresa. Mais do que por palavras, esta oferenda suplicante deve ser renovada pela própria vida”<sup>473</sup>.

A jovem de Lisieux nunca se arrependeu da entrega confiante ao amor, como diz nos momentos finais da sua vida<sup>474</sup>, e por isso “convidará todos os seus amigos a entrarem nessa oferta ao Amor Misericordioso, mas ela precisará logo a seguir que uma tal oblação exige que se viva na confiança e no abandono”<sup>475</sup>. Na sua simplicidade, humildade e misericórdia Teresa manifesta que o homem pode estabelecer uma relação de comunhão e amizade com o Senhor; quando permite que a Misericórdia Divina se una intimamente à sua fragilidade. Para melhor justificar esta união livre de ambas as partes podemos recorrer às duas palavras que se salientam na Oração 6: ‘oferecimento’ e ‘amor misericordioso’. Pedro Teixeira Cavalcante explica esta ênfase:

---

<sup>472</sup> A. OLEA, “La Misericordia de Dios en Teresa de Lisieux”, *Monte Carmelo* 124 (2016), p. 324.

<sup>473</sup> C. DE MEESTER, *As mãos vazias*, p. 93.

<sup>474</sup> “Não me arrependo de me ter entregado ao Amor.” (UCR, 30.9 in OC, p. 1258).

<sup>475</sup> J. LAFRANCE, *A minha vocação é o amor*, p. 70.



“Pela palavra oferecimento, a pessoa, reconhecendo-se pequena, fraca e pobre, doa-se a si mesma. Ela, não tendo nada a dar a Deus, dá-se a si mesma, porque é tudo que tem. Por outro lado, trata-se de um oferecimento ao ‘amor’. Portanto, não é à justiça ou a qualquer outro atributo divino, mas à própria essência de Deus, ou seja, ao próprio Deus, que é amor, para que Deus tome o ofertante e o cumule com sua própria vida, ou seja, com amor. Mas, porque não tem nada, ou melhor, só tem fraqueza e miséria, a pessoa se oferece ao amor misericordioso, isto é, ao amor voltado para a própria miséria da criatura. No fundo, é uma troca que só tem vantagem para quem se oferece. Dá-se a Deus o nada, para que ele o transforme no tudo do amor”<sup>476</sup>.

### **2.2.3. Rejeição, aceitação e proclamação do *Acto de Oferecimento* de Teresa de Lisieux**

O oferecimento da Virgem de Lisieux gerou alguma indignação nos primeiros momentos da sua divulgação, porque as suas irmãs carmelitas tiveram muita dificuldade em compreender a diferença entre ‘ser vítima da justiça divina’ e ‘ser vítima da misericórdia divina’. No entanto, apesar de todas as reticências, o seu *Acto de Oferecimento* acabou por ser pronunciado no Carmelo de Lisieux por algumas irmãs<sup>477</sup>, e foi conhecido também fora deste “deserto”, onde as fontes cristalinas e vivificantes da Misericórdia tal como Teresa de Lisieux as leu eram alvo de alguma suspeita. Assim sendo, jamais derrotada pelas decepções, começou a ensinar o seu caminho a um grupito sensível à sua mensagem. Que é composto por sete pessoas: os seus irmãos espirituais – Bellière e Roulland, as suas irmãs de sangue – Maria e Celina (carmelitas) e Leónia (visitandina), a sua prima Maria Guérin e a carmelita Maria da Trindade<sup>478</sup>. No entanto, “nem sequer estes sete íntimos do grupito estão imunes ao contágio jansenista. Compreendem que a sua ‘mestra espiritual’ se ofereceu como vítima ao Amor Misericordioso porque a consideram uma alma privilegiada, uma santa.”<sup>479</sup>

---

<sup>476</sup> P. T. CAVALCANTE, “Ato de Oferecimento ao Amor Misericordioso”, in IDEM, DST, p. 46.

<sup>477</sup> Celina, que o pronunciou ajoelhada com Teresa diante da imagem da Virgem do Sorriso; a Irmã Maria do Sagrado Coração, e a Irmã Maria da Trindade. Cf. P. T. CAVALCANTE, “Ato de Oferecimento ao Amor Misericordioso”, in IDEM, DST, p. 45.

<sup>478</sup> Cf. A. OLEA, “La Misericordia de Dios en Teresa de Lisieux”, p. 327.

<sup>479</sup> *Ibidem*, p. 327.

Vejam os que dizem a cada um destes amantes da sua espiritualidade<sup>480</sup>. Em duas das cartas que escreve à sua querida irmã Celina alerta-a para a confiança no Amor Misericordioso de Deus. Na carta 89 apresenta a relação entre o desejo pelo sofrimento e a Misericórdia de Deus:

“Soframos com amargura, sem coragem!... «Jesus sofreu com tristeza! Sem *tristeza*, a alma sofreria?... E nós quereríamos sofrer generosamente, com grandeza!... Celina! Que ilusão!... Quereríamos não cair nunca?... Que importa, meu Jesus, se caio a cada instante, *veja* assim a minha fraqueza e isto é para mim um grande ganho... Por aí *Vós vedes* o que posso fazer e agora sereis mais tentado a levar-me nos braços... Se não o fazeis, é porque Vos apraz ver-me *por terra*... então não vou inquietar-me, mas estenderei sempre para Vós braços suplicantes e cheios de amor!... Não posso crer que me abandoneis!”<sup>481</sup>

E na carta 243 diz a Celina que pode superar as suas imperfeições se confiar na força restauradora de Deus.

“Contudo «o caminho do homem não está no seu poder» e, às vezes, surpreendemo-nos a desejar o que brilha. Coloquemo-nos então humildemente entre os imperfeitos, consideremo-nos *almas pequenas* que Deus tem de amparar a cada instante: desde que Ele nos vê bem convencidas do nosso nada estende-nos a mão; se ainda queremos tentar fazer alguma coisa de *grande* mesmo com o pretexto de zelo, Jesus deixa-nos sozinhas. «Mas desde que eu disse: O meu pé vacilou, a tua graça, Senhor, fortificou-me!... Sl. XCIII.» Sim, basta humilhar-se, suportar com doçura as próprias imperfeições. Eis a verdadeira santidade! Dêmo-nos a mão, Irmãzinha querida, e corramos para o último lugar... ninguém no-lo virá disputar”<sup>482</sup>.

A Maria Guérin, sua prima, irmã Maria do Santíssimo Sacramento, escreve:

---

<sup>480</sup> Neste momento não daremos nenhum exemplo relativamente ao padre Roulland porque já referimos a carta 226 anteriormente, quando nos focamos nos aspetos principais do Pequeno Caminho da carmelita. Verificamos, portanto, que a infância espiritual nunca se pode separar do *Oferecimento ao Amor Misericordioso de Deus*. Porque “tudo gira em volta de um eixo único. A oferta entra perfeitamente no interior do traçado do pequeno caminho. No entanto, o revestimento simbólico é diferente e há um crescimento de intensidade.” (C. DE MEESTER, *As mãos vazias*, p. 90).

<sup>481</sup> Ct 89, 2r in OC, p. 402.

<sup>482</sup> Ct 243, v in OC, p. 621.

“Enganas-te, minha querida, se julgas que a tua Teresinha caminha sempre com ardor no caminho da virtude, ela é fraca e bem fraca, todos os dias faz disso uma nova experiência, mas Maria, Jesus compraz-se em ensinar-lhe como a S. Paulo a ciência em gloriar-se nas suas fraquezas, o que é uma grande graça e peço a Jesus que ta ensine, porque só desta forma se encontra a paz e o descanso do coração, quando nos vemos tão miseráveis já não queremos preocupar-nos connosco e só olhamos o único Bem-amado! [...] Maria do Ssmo Sacramento!... O teu nome diz-te a tua missão... Consolar Jesus, fazê-l’O *amar* pelas almas... Jesus está doente e é para notar que a doença do amor só se cura pelo amor!... Maria, dá todo o teu coração a Jesus, Ele tem sede e fome dele, o teu coração, eis o que Ele ambiciona a tal ponto que, para o possuir, consente em habitar num reduto pouco limpo e escuro!... Ah! como não amar um amigo que se reduz a uma tão extrema indigência, como ousar alegar ainda a sua pobreza quando Jesus se torna semelhante à Noiva... Era rico e fez-Se pobre para unir a sua pobreza à pobreza de Maria do Ssmo Sacramento... Que mistério de amor!”<sup>483</sup>

Teresinha transmite, nas suas cartas, muita coragem ao padre Bellière, que se mostra mais resistente às verdades anunciadas pela carmelita.

“Ah! meu querido Irmãozinho, desde que me foi dado compreender também o amor do Coração de Jesus, confesso que ele afastou do meu coração todo o temor. A lembrança das minhas faltas humilha-me, leva-me a nunca me apoiar na minha força que só é fraqueza, mas esta lembrança fala-me mais de misericórdia e de amor. Quando lançamos as nossas faltas com uma confiança inteiramente filial no braseiro devorador do Amor, como não seriam elas consumidas para sempre?”<sup>484</sup>

A este missionário a padroeira das missões dirige-se com entusiasmo redobrado. Pois quando Bellière sabe que a sua irmãzinha está doente com tuberculose pensa que o amor da Santa por ele será menor depois da morte de Teresa<sup>485</sup>.

“Confesso-vos, meu Irmão, que não compreendemos o Céu da mesma maneira. Parece-vos que participando da justiça, da santidade de Deus, eu não poderei desculpar as vossas faltas como na terra. Então esqueceis que participarei também da *misericórdia infinita* do Senhor? Creio que os Bem-aventurados têm uma grande compaixão pelas nossas misérias, lembram-se de que

---

<sup>483</sup> Ct 109, r-v in OC, p. 428-429.

<sup>484</sup> Ct 247, 2r-2v in OC, p. 627.

<sup>485</sup> Nas notas de rodapé relativas à carta 263 podemos ler alguns trechos da carta enviada por este missionário à carmelita, redigida a 5 de Agosto de 1897.

enquanto eram frágeis e mortais como nós, cometeram as mesmas faltas, travaram os mesmos combates e a ternura fraternal torna-se ainda maior do que era na terra, por isso não cessam de nos proteger nem de rezar por nós.”<sup>486</sup>

O *Ato de Oferecimento ao Amor Misericordioso de Deus* “é como o coração do ‘pequeno caminho’”<sup>487</sup> de Santa Teresa de Lisieux. Assim como o coração bombeia sangue novo para as veias, a doutrina espiritual da carmelita de Lisieux desperta em nós o desejo de nos deixarmos inflamar por Deus. Abrindo o nosso coração à espiritualidade da Santa francesa tomamos consciência de que “é tempo de olhar para diante e compreender como se pode continuar, com fidelidade, alegria e entusiasmo, a experimentar a riqueza da misericórdia divina.”<sup>488</sup> E por isso, quando pensamos que tudo está terminado e sentimos que estamos no cume da montanha, olhamos à nossa volta e descobrimos que há um ápice mais alto para escalar. Este escalar mostra-nos que a relação do homem com Deus está em constante crescimento.

“Deus está sempre “mais longe”. O desejo de amar a Deus *como* ele nos amou, com o mesmo amor sem limite, permanece, para o homem a caminho, um sonho, mas jamais se tornará realidade. E não o pode ser, porque o homem não pode tornar-se Deus. É apenas criado “à sua imagem” (Gn 1,26), o que implica simultaneamente participação, unidade e distância.”<sup>489</sup>

Chegar a Deus nem sempre é fácil, mas não podemos desanimar. O que nos dá ânimo são as circunstâncias, sequiosas de amor, que existem à nossa volta. Mesmo sabendo que somos frágeis devemos desenvolver uma dinâmica de crescimento interior, que nos leve sempre adiante porque o amor é infinito, nunca termina, nunca morre.

---

<sup>486</sup> Ct 263, r-v in OC, p. 647-648.

<sup>487</sup> C. DE MEESTER, *As mãos vazias*, p. 92.

<sup>488</sup> FRANCISCUS PP, MM, in *AAS* 108 (november 2016), p. 1314.

<sup>489</sup> C. DE MEESTER, *As mãos vazias*, p. 125.

## CAPÍTULO IV

### TERESA DE LISIEUX UMA VIDA INACABADA

#### 1. Santa Teresa de Lisieux: uma jovem e uma doutrina espiritual (in)compreendidas

A doutrina espiritual de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face fascinou muitos homens e mulheres até aos nossos dias. Pierre Descouvemont, a partir do estudo que fez da carmelita de Lisieux, concluiu que a sua mensagem teve, e continua a ter, influência na vida de intelectuais, analfabetos, contemplativos, homens de ação, teólogos, cineastas, cristãos fervorosos, não praticantes, adultos e jovens<sup>490</sup>. Teresinha tornou-se verdadeiramente o coração pulsante de misericórdia da Igreja, que bombeou sangue novo para as veias do corpo místico de Cristo.

No entanto, nem todos compreenderam a carmelita francesa. Houve, e continua a haver, quem olhe para Santa Teresa de Lisieux como uma criança, adolescente e mulher que viveu apenas para agradar a outros, sem nunca deixar o seu encanto infantil<sup>491</sup>. Estes, infelizmente ainda não alcançaram a grandiosidade do espírito de criança e misericordioso da grande santa do século XIX. Têm-lhe alergia! É deste modo que Pierre Descouvemont fala dos que rejeitam Teresa do Menino Jesus e da Santa Face. A humanidade precisa de um remédio para se curar da rejeição à doutrina espiritual da carmelita francesa<sup>492</sup>. É necessário que os crentes acolham e aclamem Teresa como “uma nova estrela no firmamento, correspondendo-lhe com admiração, fé e amor.”<sup>493</sup> Porque teve uma missão especial e maravilhosa na vida da Igreja. Neste sentido,

---

<sup>490</sup> Cf. P. DESCouvemont, “Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte Face”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Dirs.) *et alt.*, DSp 15, col. 603. Agostinho Leal apresenta-nos um elenco de seguidores de Teresa de Lisieux, baseando-se na *Positio*, o livro da Congregatio de Causis Sanctorum. Cf. A. LEAL, “Os que amaram e seguiram Teresa”, *Revista de Espiritualidade*, 21 (1998), p. 59-78. Jacques Gauthier refere também Antoine de Saint-Exupéry. Cf. J. GAUTHIER, *Tenho sede*, p. 49.

<sup>491</sup> Cf. T. DE SAINT-LAURENT, *Santa Teresa do Menino Jesus*, p. 7.

<sup>492</sup> Cf. P. DESCouvemont, “Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte Face”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Dirs.), *et alt.*, DSp 15, col. 606.

<sup>493</sup> I. GORRES, *Teresa de Lisieux*, p. 11.

avanço nestas últimas páginas da dissertação com a mesma certeza de Hans Urs von Balthasar: “Teresa de Lisieux é-nos apresentada, sem qualquer dúvida, com uma missão concedida por Deus à Igreja.”<sup>494</sup>

### **1.1. Análise crítica aos argumentos que censuram Teresa de Lisieux**

Descouvemont apresenta-nos alguns pontos, que nos ajudam a perceber o porquê de algumas pessoas mostrarem fragilidade na aceitação da carmelita de Lisieux. Esses pontos são: ser uma pequena burguesa do século XIX que desconheceu o mundo; o seu estilo doentio e exagerado relativamente à pequenez<sup>495</sup>; a generosidade quotidiana nem sempre correspondida; o anúncio duma espiritualidade bela como um canteiro de rosas, e por conseguinte a promessa de uma avalanche de rosas; e a popularidade superestimada que se gerou à sua volta. Todavia, evitemos ficar pela negatividade destes aspetos. Se assim for, jamais alcançaremos a beleza de uma vida e espiritualidade que nos pode inspirar ainda hoje.

#### **Uma menina burguesa que desconheceu o mundo**

Teresinha, pelo ambiente que a envolveu na infância e adolescência, é muitas vezes vista como uma menina da burguesia que nada fez, porque viveu da fortuna do trabalho constante dos seus pais. Piat, na obra *História de uma família*, mostra-nos que não é bem assim; porque “o pai, pontual como um militar, insistia na regularidade. A mãe vigiava pela limpeza e pela ordem”<sup>496</sup>. Um mínimo de austeridade era notório na alegre família burguesa. Verificamos que

---

<sup>494</sup> H. U. von BALTHASAR, *Teresa de Lisieux*, p. 24.

<sup>495</sup> Teresinha para além de ‘abusar’ de uma linguagem exclamativa, usa no Manuscrito B o adjetivo ‘pequeno’ 36 vezes. Cf. P. DESCOUVEMONT, “Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte Face”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Drs.), *et alt.*, DSp 15, col. 607. Relativamente ao modo como Teresa escreve entendemos que nos capítulos anteriores da dissertação já apresentamos as razões que levam algumas pessoas a aderir a Teresa e outras a rejeitar a sua doutrina espiritual. Por isso, para não alongarmos o nosso texto, entendemos não desenvolver este tema nesta parte.

<sup>496</sup> S. J. PIAT, *História de uma família*, p. 162.

aquela que alguns vêm como uma peça decorativa<sup>497</sup>, que é colocada onde se quer e tem de ser muito bem cuidada, foi educada para o esforço, para o empenho e para o trabalho<sup>498</sup>.

O ‘trabalho’ de Teresinha foi muito especial: salvar almas, “*ardia* no desejo de as arrancar às chamas eternas”<sup>499</sup>. Exerceu a sua missão neste mundo e continua a desempenhá-la do Céu, de um modo discreto mas intenso. Esta missão tão útil às almas do seu tempo e à Igreja tinha de ser realizada por ela mesma. Embora os seus pais tivessem colaborado, com a educação oferecida a todas as filhas, para o seu sucesso. Luís Martin e Zélia Guérin alegravam-se por ver as filhas crescer espiritualmente, pois “dar a vida natural é o menos; o mais importante é desenvolver nos filhos a vida divina.”<sup>500</sup>

É preciso entrar dentro da vida e doutrina de Teresa de Lisieux para perceber que ela viveu ativamente a sua fé, traduzida em amor<sup>501</sup> a Deus, ao próximo e a si mesma. Só depois de se saber amada por Deus é que a carmelita consegue amar o próximo. Teresinha pôs-se em peregrinação até ao interior de si mesma sem ser forçada e com o auxílio da graça de Deus. Na relação Deus-criatura amada temos de ter presente os nossos dons, mas também os nossos defeitos. Teresinha, reconhecendo sempre a sua miséria, aceitou-os de uma forma surpreendente, e por isso revela-os no Manuscrito A<sup>502</sup>. É interessante vermos que nas primeiras palavras da *História de uma Alma* a carmelita parte dos seus defeitos para melhor se dar a conhecer. Isto causa estranheza a alguns leitores. Porque quando nos damos a conhecer referimos sempre o que de melhor existe em nós.

Os seus defeitos nunca a impediram de lutar pelos seus sonhos. Queria entrar para o Carmelo de Lisieux e conseguiu-o com tenra idade: quinze anos. Por isso, dizem que ela é “uma

---

<sup>497</sup> Cf. P. DESCOUVEMONT, “Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte Face”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Dirs.), *et alt.*, DSp 15, col. 606.

<sup>498</sup> Cf. S. J. PIAT, *História de uma família*, p. 160.

<sup>499</sup> Ms A, 45v in OC, p. 143.

<sup>500</sup> S. J. PIAT, *História de uma família*, p. 159.

<sup>501</sup> Segundo Tomás Halík a fé de Teresa é uma fé criativa. Porque se foi transformando em amor e manifestando através de gestos concretos. Foi adquirindo a capacidade de “*reinterpretar situações da vida* e de encontrar nelas um significado novo, oculto e mais profundo – um significado que constitui, muitas vezes, a antítese de como essas situações se revelam ao olhar exterior.” (T. HALÍK, *Paciência com Deus*, p. 68).

<sup>502</sup> Cf. Ms A, 7v in OC, p. 80.

menina que não conheceu o mundo”<sup>503</sup>, uma florzinha de estufa sempre protegida pela família<sup>504</sup>, porque não enfrentou as dificuldades sentidas pelas jovens nos anos da universidade ou no mundo de trabalho, cada vez mais frequentes, antes de entrarem para a vida religiosa. Todavia, a menina Martin, na famosa viagem a Roma, percebeu definitivamente o sentido das coisas do mundo. Porque Luís Martin, na passagem por Paris, “leva as suas filhas fora do programa da peregrinação e apresenta-lhes os esplendores do mundo profano.”<sup>505</sup>

Santa Teresinha, na solidão do Carmelo, continuou a conhecer o mundo: os sofrimentos, as ânsias e também as alegrias e a esperança que o moviam. Conhecia-o através das cartas que recebia. Rezava pelo mundo<sup>506</sup>, para que ele se tornasse, cada vez mais, coeso e santo. A sua oração foi perseverante. E assim aprendeu a amar o sofrimento, a solidão, o esquecimento de si mesma. Estes aspetos podem causar uma reação negativa a qualquer leitor, especialmente o amor pelo sofrimento. Só conseguimos compreender a alegria do sofrimento através de um segredo partilhado unicamente com Deus: “sofrer por amor e sofrer amando”<sup>507</sup>.

### **Viver exageradamente a generosidade quotidiana**

A descoberta do Pequeno Caminho e a *oferta de Teresinha ao Amor Misericordioso de Deus* resultam do amor vivido. O olhar cheio de ternura, misericórdia e esperança da carmelita francesa poisava sobre as irmãs que com ela viviam no Carmelo de Lisieux a todo o instante. Ninguém escapava à delicada atenção de Teresa.

No entanto, por exemplo, muitos pregadores valorizavam negativamente a heroica generosidade de Teresinha, afirmando que viveu exageradamente os detalhes da vida diária<sup>508</sup>.

---

<sup>503</sup> P. DESCOUVEMONT, “Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte Face”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Dirs.), *et alt.*, DSp 15, col. 606.

<sup>504</sup> Cf. H. GHÉON, *Teresa de Lisieux*, p. 46.

<sup>505</sup> L-M DE JÉSUS, “Santa Teresa da Menino Jesus e o seu tempo”, p. 263.

<sup>506</sup> Nos seus diversos escritos temos a oportunidade de conhecer aqueles por quem rezava: a Igreja, o pai, o Papa, os padres, os missionários, por quem lhe pedia oração e pela França. Cf. P. T. CAVALCANTE, “Oração”, in IDEM, DST, p. 397.

<sup>507</sup> M. J. MARIÑO, “O sofrimento no itinerário espiritual dos místicos”, p. 217.

<sup>508</sup> Cf. P. DESCOUVEMONT, “Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte Face”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Dirs.), *et alt.*, DSp 15, col. 608.



Clero e leigos tiveram sempre alguma dificuldade em reconhecer a simplicidade e humildade da carmelita<sup>509</sup>. É difícil, num tempo de progressos em todos os sentidos, como se tem vindo a verificar desde o século XIX, não cair na tentação da grandeza, da vitória, do orgulho. E por isso, em certa medida, é custoso apresentar a vivência do amor quotidiano teresiano. Porém, aquele que acredita na santidade e heroicidade simples e escondida da carmelita jamais deixa de manifestar a sua amizade e devoção por Teresa de Lisieux. Ida Gorres revela-nos, na sua obra *Teresa de Lisieux*, o desinteresse dos homens pela nossa Santa:

“Quando principiei a trabalhar neste livro [Teresa de Lisieux], no início da Segunda Guerra Mundial, nem um só dos meus amigos se interessou ou encorajou o meu trabalho. Encontrei apenas expressões de surpresa, crítica e tentativas de dissuasão. «Francamente, porque não escolheu uma figura mais importante ou mais significativa para a nossa época: Thomas More, John Henry Newman ou Santa Hildegarda? Não chega que as internas dos colégios, os seminaristas e as noviças escutem antes de todas as refeições referências a este caso belo e inofensivo, mas insignificante? Não foi já tudo dito, e talvez demais, sobre essa freirinha santa? Que nos poderá ela ensinar, a nós, cristãos que vivemos no mundo neste caótico momento histórico? [...] Que benefício representará para nós, que nos esforçamos arduamente por sermos cristãos perfeitos, uma piedade cuja figura dominante é a criança, ou melhor, um bebé que precisa utilizar o ascensor porque os degraus da escada são demasiado íngremes para ela, que «não quer crescer para nunca ter de se apoiar nos seus próprios pés?»<sup>510</sup>

Teresinha é incompreendida porque amou sempre com os olhos fitos na Cruz. Nunca teve em vista a heroicidade humana, mas sim o desejo de viver com as mãos vazias. A sonhadora da Pátria Celeste esteve sempre convicta de que a fidelidade às pequenas coisas conduzia à santidade, e foi por isso que se ofereceu tranquilamente ao Amor Misericordioso de Deus e convidou outros a fazê-lo, como já tive oportunidade de referir no capítulo anterior. Começou pelos seus contemporâneos, mas pelos seus escritos convida a humanidade inteira a viver à luz da Misericórdia de Deus sem ter em vista a heroicidade e o reconhecimento humano.

---

<sup>509</sup> “Mesmo os autores eclesiásticos simpatizantes não viram de início na personalidade de Teresa mais que um notável exemplo de piedade tradicional, burguesa, conventual. A instrutiva obra do jesuíta Konstantin Kampf, *Die Heiligkeit des Kirche im 19. Jahrhundert*, dedica à Irmã Teresa, em 1929 (isto é, após a sua beatificação), um lugar muito modesto entre cinquenta e quatro freiras santas.” (I. GORRES, *Teresa de Lisieux*, p. 17).

<sup>510</sup> *Ibidem*, p. 17.

Temos de apoiar a causa de Teresa de Lisieux e encontrar no amor ao sofrimento e na generosidade de cada instante, que as circunstâncias quotidianas provocam, uma linha mestra para o nosso caminho de perfeição<sup>511</sup>.

### **O anúncio de uma espiritualidade ingênua, infantil e doentia**

Como já tive oportunidade de salientar, o lamento nunca fez parte da vida da carmelita francesa, mesmo quando doente na fase final da sua vida. Porque sempre amou e foi amada<sup>512</sup>, prometeu continuar unida do Céu ao povo peregrino desta terra. A sua união é realizada e reconhecida através da garantida chuva de rosas. Esta chuva de rosas é encarada por alguns como missão impossível, alvo de crítica e até de risos de escárnio<sup>513</sup>. Porque não conseguem perceber como é que aquela que viveu no escondimento pode permanecer ativa no Céu, continuando unida à humanidade. Para quem não crê na união que existe entre o homem peregrino neste mundo e o que já participa do banquete celeste o desejo e a promessa de Teresa são irrealizáveis. O que muitos não percebem é que a carmelita quer que o homem tenha consciência das canseiras da vida. E para ser auxiliado nestas canseiras Teresinha prometeu a chuva de rosas, para enaltecer o amor ilimitado de Deus pelos seus filhos.

A espiritualidade que a carmelita de Lisieux viveu e anunciou é um sopro de confiança e de esperança para os homens de todos os tempos. Pois as rosas vindas em botão do Céu, como dom de Deus pelas mãos de Teresinha, abrem-se e exalam o seu doce perfume através do nosso esforço, sofrimento, esquecimento de nós mesmos. O homem só compreende a beleza e a exigência do amor anunciado por Teresinha quando se desprende literalmente dos seus escritos, e se dispõe a interpretá-los. Sem a interpretação e interiorização da mensagem teresiana ou seguimos um caminho errado ou vemos esta mestra da espiritualidade como uma pessoa

---

<sup>511</sup> Cf. *Ibidem*, p. 15.

<sup>512</sup> Cf. T. DE SAINT-LAURENT, *Santa Teresa do Menino Jesus*, p. 5.

<sup>513</sup> Cf. *Ibidem*, p. 83.

estranha cujos ensinamentos não devem ser seguidos. Henri Gheón esclarece-nos sobre o significado da chuva de rosas:

“ [As rosas prometidas por Teresinha] não podiam ser rosas de papel, de argamassa, de porcelana ou de mármore, mas rosas vivas, de um vermelho cor de sangue ou de um branco puro: cor de paixão, de sacrifício ou de inocência. E ao distribuí-las, levaria na mão um estandarte com duas imagens pintadas: o sorriso do Menino Jesus e, a seu lado, o semblante do Crucificado”<sup>514</sup>.

Um dos entraves à adesão da espiritualidade teresiana é o facto de se ficar muito preso à simbólica que ela usa. Os críticos de Teresa de Lisieux consideram que a carmelita apresentava uma espiritualidade com um excessivo “perfume a rosas”. Têm consciência de que a Santa falava da Misericórdia de Deus para com os homens, mas “não insiste suficientemente nas suas exigências”<sup>515</sup>. Estão errados. Porque a carmelita de Lisieux compreendeu bem as exigências do Amor Divino. A jovem, tantas vezes humilhada, ensina-nos que temos de estar em luta constante contra os nossos próprios interesses, que temos de nos esquecer de nós mesmos e encontrarmo-nos no silêncio e solidão da nossa oração. Haverá maior exigência que esta? O que aconteceu com a humanidade dos dois séculos depois da sua vida — e acontece atualmente — é que talvez encontre pouco tempo para si mesma. Um tempo para descobrir o sentido da própria vida em Deus e em relação com o outro. Este encontrarmo-nos connosco próprios não é egocentrismo, nem bloqueia o desejo de nos esquecermos de nós próprios. Pois é um encontrar-se para se abrir à beleza do amor, da misericórdia. Só quando encontramos esse tempo precioso podemos viver como Teresa de Lisieux, conscientes da nossa dependência de Deus. Mas muitas vezes falhamos com Ele, pelos nossos pecados. Todavia, é Ele que sempre nos fortalece e, com a ternura do seu olhar e com as suas mãos misericordiosas, ergue o nosso rosto para Si. Por isso, a serena carmelita francesa diz-nos: “cantarei, mesmo quando tiver de

---

<sup>514</sup> H. GHÉON, *Teresa de Lisieux*, p. 155.

<sup>515</sup> P. DESCOUVEMONT, “Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte Face”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Dirs.), *et alt.*, DSp 15, col. 608.

colher as minhas flores no meio de espinhos; e o meu cantar será tanto mais melodioso quanto maiores e mais agudos forem os espinhos.”<sup>516</sup>

A Igreja reconhece que a doutrina da mais jovem Doutora da Igreja foi muito importante para o combate do jansenismo, mas nem sempre é hoje devidamente valorizada, pois cada vez mais os homens recusam-se a viver as exigências morais do Evangelho<sup>517</sup>. Ao lermos a *História de uma Alma* podemos, de facto, imaginar-nos num belo jardim de rosas, porque a carmelita sempre que apresenta um problema, uma incompreensão, um sofrimento vivido aponta uma brisa de esperança, soprada pelo amor misericordioso de Deus que nos ajuda a curar as feridas da vida. A carmelita francesa pensa de um modo diferente da humanidade que tantas vezes se deixa derrotar pelos fracassos da vida quotidiana e perde o alento para caminhar na fé, na esperança e no amor. É talvez por romper com o modo de visão da humanidade que Teresinha é tão incompreendida e rejeitada; pois a resistência à mudança nunca é fácil.

### **A popularidade incontornável de Santa Teresa de Lisieux**

Há um contraste entre o anonimato no qual viveu a carmelita francesa do século XIX e a glória que hoje brilha na basílica de Lisieux sobre o seu túmulo. Aqueles que com ela conviveram testemunharam a sua bondade, como vimos no exemplo apresentado sobre a Irmã S. Pedro, no capítulo anterior. Mas o amor a Teresinha vai para além da sua existência terrena. Aumenta o número dos seus admiradores e a sua reputação misericordiosa para com o próximo transpõe as fronteiras da França, pois “de todos os cantos do mundo, o povo grita. O plebiscito é já um fato, e a Igreja o acolhe.”<sup>518</sup>

No entanto, existem almas que não conseguem compreender a chegada humilde e confiante da carmelita aos picos mais altos da Montanha do Amor. E por isso, há quem diga que a popularidade que Teresa de Lisieux alcançou no mundo inteiro é superestimada, é

---

<sup>516</sup> Ms B, 4v in OC, p. 232.

<sup>517</sup> Cf. P. DESCOUVEMONT, “Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte Face”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Dirs.), *et alt.*, DSp 15, col. 608.

<sup>518</sup> H. GHÉON, *Teresa de Lisieux*, p. 160.

exagerada. Enganam-se. Porque o culto que lhe é prestado não foi alcançado por uma campanha feita pelas suas contemporâneas, nem pelas carmelitas do início do século XX<sup>519</sup>. Mas foi-o, antes, pela tradução da *História de uma Alma* em várias línguas, o que permitiu que as almas sedentas de guias espirituais atribuísem a Teresinha a popularidade merecida, e também foi alcançado pelos milagres que o povo crente foi recebendo por sua intercessão.

Certamente com a leitura atenta dos seus Manuscritos e da sua interiorização muitos mudam de opinião sobre a carmelita francesa do século XIX. É o caso de Tomás Halík.

“Fui-me deixando fascinar pouco a pouco por essa mulher que João Paulo II proclamou «Doutora da Igreja» - embora ela não tenha deixado nenhum tratado de teologia, e a sua formação teológica até fosse – no mínimo – duvidosa. Li muitos dos seus textos e autobiografias e, a certa altura, fui em peregrinação ao seu túmulo. O retrato do seu rosto ocupa um lugar permanente na minha secretária”<sup>520</sup>.

Tal como o referido teólogo, muitos homens e mulheres foram reconhecendo aos poucos a força edificante e santificante do amor quotidiano. Por isso, ofertas vindas de todo mundo permitiram a construção de uma basílica em honra da discreta carmelita, num tempo recorde (1929-1937)<sup>521</sup>. No entanto, a basílica que hoje é um dos locais de atração e de oração poderia não existir. O clero local opôs-se: “por que construir mais uma igreja, quando Lisieux já possui tantas e bonitas igrejas? Ademais, dizia-se, o culto de Teresinha foi favorecido pela primeira grande guerra e se tornou uma moda passageira, por isso passará!”<sup>522</sup>

Este vaticínio do clero estava errado, pois o culto à carmelita foi crescendo com o passar dos anos. A prometida ‘chuva de rosas’ aconteceu, contínua a descer sobre a terra e refrescará as gerações futuras. Nós sabemos, aos estudar com profundidade as palavras de Teresa de

---

<sup>519</sup> Cf. P. DESCOUVEMONT, “Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte Face”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Dirs.), *et alt.*, DSp 15, col. 607.

<sup>520</sup> T. HALÍK, *Paciência com Deus*, p. 60.

<sup>521</sup> Cf. P. DESCOUVEMONT, “Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte Face”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Dirs.), *et alt.*, DSp 15, col. 607. Pedro Teixeira Cavalcante refere que “os americanos, na voz do cardeal Dougherty, comentavam que para a Santa mais amada do mundo, era necessário a mais bela basílica do mundo!” (P. T. CAVALCANTE, “Basílica de Santa Teresinha”, in IDEM, DST, p. 53).

<sup>522</sup> *Ibidem*, p. 53.

Lisieux, que esta avalanche de pétalas corresponde às graças e aos milagres recebidos de Deus, que vão acontecendo por intermédio dela na vida dos seus devotos<sup>523</sup>. Vejamos o que aconteceu na vida de um dos seus devotos:

“É com grande alegria que partilho a cura que Deus realizou em mim já há alguns anos talvez dez, pela leitura do livro de Santa Teresinha *História de uma alma*. Trata-se de uma graça espiritual que o Senhor me concedeu, curando-me de um sério problema de escrúpulos, que sofri durante o período inteiro da adolescência até aos primeiros anos de matrimónio. Para ver a gravidade do problema, em alguns momentos da minha adolescência, pensei que poderia enlouquecer ou cair doente fisicamente, para ver a que ponto isso me afetava. Mas nunca perdi a fé e esperança que, com o tempo, Deus se lembraria de mim e me faria entender este problema, que eu bem percebia que não me fazia avançar no seu amor. Isso realmente aconteceu, quando li o livro da vida de Santa Teresinha. Anteriormente, tinha lido sobre a vida de outros santos, que tinham aberto o meu entendimento sobre o amor de Deus, mas foi com a vida de Santa Teresinha que entendi como Deus ama os pecadores com uma sede infinita e abrasadora. No seu testemunho, entendi que, ao concentrar-me apenas nos meus pecados, jamais poderia satisfazer-me da sede que tinha de Deus e que não dava a Deus aquilo que lhe pertencia por direito, eu própria. Entendi que Deus tem sede de cada alma e que, a minha alma, cabe a mim dar-lha. Então, assumi com verdadeira fé a misericórdia de Deus na minha vida e encontrei a verdadeira alegria de ser filha de Deus. Devo dizer que encontro na vida desta irmã um verdadeiro lugar de beleza. Muitos visitam museus, edifícios modernos ou antigos, lugares próximos ou distantes, atraídos pela beleza do que possam encontrar para elevarem as suas almas. Por mim, tenho como grande ajuda reler, de tempos a tempos, a história desta irmã, porque nela contemplo a beleza do amor de Deus. Há sempre algo novo para aprender! Deixo uma das muitas frases que tocou e abriu o meu coração à misericórdia de Deus e à fidelidade do seu amor: «Que doce alegria pensar que Deus é Justo, isto é, que tem em conta as nossas fraquezas, que conhece perfeitamente a fragilidade da nossa fraqueza! De que terei medo, então? Ah! O Deus infinitamente justo que se dignou perdoar, com tanta bondade, os pecados do filho pródigo, não deverá ser justo também para comigo, que «estou sempre com Ele»?...»<sup>524</sup>

---

<sup>523</sup> Henri Ghéon, nas páginas 159 e 160, e Thomás de Saint-Laurent, da página 71 à 74, nas obras que utilizamos para o nosso estudo apresentam-nos o elenco de graças de Deus que crianças, jovens, homens e mulheres foram recebendo por intermédio de Teresa de Lisieux. Recentemente Marco Luís escreveu o livro “*Chuva de Rosas*” onde apresenta relatos de milagres ocorridos por intercessão da carmelita francesa do século XIX.

<sup>524</sup> M. LUÍS, *Chuva de Rosas*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2017, p. 36-38.

A veneração da Santa carmelita não se trata apenas de uma atração pelo romântico, característico do século XIX<sup>525</sup>. A sua popularidade é justa e não está associada apenas a mero sentimentalismo. Teresa de Lisieux é como que uma fonte de ensinamentos refrescantes para os homens e mulheres de todos os tempos<sup>526</sup>. Por isso, para os que a veneram, “é «carne da nossa carne, osso dos nossos ossos». É, no mais alto grau, «uma de nós».”<sup>527</sup> A carmelita francesa será para sempre e para todos uma amiga muito especial que temos no Céu.

“ [Teresinha é o retrato perfeito dos] amigos [que] sustentam connosco, e a nosso lado, o duro e ligeiríssimo mistério da existência. Mesmo quando os dias empalidecem ou se estilhaçam, a amizade tem a capacidade de religar, a partir do fundo, as pontas decepadas e dispersas, os opostos indizíveis da alma: a noite e o dia, a dor e o riso, a ação e a contemplação, a vida e a morte. Porventura o mais fecundo a perguntar, quando os nossos amigos morrem, não é: «porque é que eles partiram?» O que levaremos o resto da vida a responder, sempre em total gratidão, é antes: «porque é que eles vieram?».”<sup>528</sup>

## **2. A vivência da doutrina espiritual de Santa Teresa de Lisieux nos nossos dias**

Entre as azáfamas do dia-a-dia, raramente encontramos um bocadinho de tempo para pensarmos que o Céu também é para nós<sup>529</sup> e que teremos a graça de permaneceremos ativos nele, tal como Santa Teresinha. A nossa condição de pecadores torna o sonho do Céu cinzento. Cada pessoa que alcança a sua verdade reconhece-se pecador, frágil, incapaz. Para não ter que lidar com a sua situação de fraqueza e lutar contra si mesma, o homem começou a banalizar a noção de pecado. Tudo é normal e por isso tem-se uma vaga e indecisa ideia de pecado. Para tal contribuiu a secularização e as ciências da nova cultura<sup>530</sup>. Porém, o sonho do Céu intensifica-se e começa a realizar-se agora, aqui, em cada instante concreto, quando colaboramos e aceitamos a colaboração daqueles que ajudam a santificar o mundo.

---

<sup>525</sup> Cf. H. GHÉON, *Teresa de Lisieux*, p. 157.

<sup>526</sup> Cf. C. A. E. G. NAVARRO, “Prefácio”, in C. DE MEESTER, “*As mãos vazias*”, p. 7.

<sup>527</sup> I. GORRES, *Teresa de Lisieux*, p. 12.

<sup>528</sup> J. T. MENDONÇA, *Nenhum caminho será longo*, p. 229.

<sup>529</sup> Cf. CIC, n°2796 [consulta em: 20 de Outubro de 2017, às 10h00].

<sup>530</sup> Cf. P. P. DI BERARDINO, *O dom de si*, p. 181.

Teresa Ferrer Passos, no artigo *A actualidade de Santa Teresa do Menino Jesus*, coloca as seguintes questões: “Qual o momento concreto em que [a] pequena via [de Teresa de Lisieux] para a perfeição começou? Que caminhos seguiu? Qual o seu interesse para a sociedade contemporânea?”<sup>531</sup> Interessa-nos porque ajuda-nos a compreender: verdades sublinhadas no Concílio Vaticano II como o chamamento de todos à santidade pela fidelidade aos deveres quotidianos<sup>532</sup>; a valorização da contemplação como meio essencial para quem se diz verdadeiramente cristão; e a aceitação paciente do sofrimento. Por isso, tendo respondido às duas primeiras questões ao longo da dissertação, interessa-nos agora a última.

## **2.1. Anunciar o Amor Misericordioso de Deus ativa e silenciosamente**

A doutrina da jovem carmelita cativa-nos na medida em que, seguindo os seus exemplos de misericórdia para com o próximo, ilustrados ao longo da dissertação, conseguiremos, com a graça de Deus, salvar a nossa alma e as almas que Ele coloca no nosso caminho. Viver a doutrina espiritual de Teresa de Lisieux é tornarmo-nos instrumentos ativos, que dão a conhecer a Misericórdia de Deus ao próximo. Este artístico anúncio da Misericórdia Divina pode ser vivido ativa ou silenciosamente.

### **2.1.1. Viver com Misericórdia os compromissos e imprevistos quotidianos.**

Para Santa Teresinha o amor é o impulso mais forte da humanidade<sup>533</sup>. É o amor revestido de misericórdia que nos move, une e fortalece nos caminhos da vida. Para que a misericórdia seja autêntica e nos permita chegar ao cume da Montanha do Amor temos de cultivar o desejo pelo outro, deixar estremecer o nosso interior<sup>534</sup>. Só descobrimos

---

<sup>531</sup> T. F. PASSOS, “A actualidade de Santa Teresa do Menino Jesus (De Padroeira do Dia Mundial das Missões a Doutora da Igreja)”, *Revista de Espiritualidade*, 87 (2014), p. 309.

<sup>532</sup> “O Capítulo V da Constituição do Vaticano II sobre a Igreja, consagrado ao apelo universal à santidade, deve muito a Teresa, embora seu nome aí não seja citado.” (C. DE MEESTER, *As mãos vazias*, p. 9).

<sup>533</sup> Cf. T. F. PASSOS, “A actualidade de Santa Teresa do Menino Jesus (De Padroeira do Dia Mundial das Missões a Doutora da Igreja)”, p. 317.

<sup>534</sup> Cf. A. M. A. MARTINS, “«Movido nas entranhas»: Elementos para uma antropologia da misericórdia”, *Fundamentum*, 6 (2016), p. 124.



verdadeiramente o que é o amor, a misericórdia, a compaixão, a conversão, o perdão quando partilhamos a nossa vida. Quando assim é, já é Deus que vive em nós (cf. Gal 2, 20). O individualismo faz de nós uma ilha isolada, sem vida e deserta<sup>535</sup>. Hoje, precisamos de mergulhar sem medo no mar profundo da amizade espiritual, tão importante para Teresa de Lisieux, pois “o amigo espiritual é uma imagem de Cristo; o repouso no seu abraço é o abandono no Espírito Santo, que é a vida que circula em Deus. Um amigo torna-se para nós um mestre do desapego e da liberdade interior”<sup>536</sup>.

Na amizade espiritual, concretizada quotidianamente, há sempre algo a descobrir, existem acontecimentos inesperados que nos interpelam para a misericórdia. Pela experiência de Teresa de Lisieux do encontro, do olhar o outro e da escuta, muitos homens e mulheres têm-na como exemplo simples e discreto de misericórdia, e por isso vivem à semelhança de Cristo, que também fez a experiência da comoção das suas entranhas<sup>537</sup>. Dos vários devotos de Teresinha decidi, nesta dissertação, dar maior destaque a Madre Teresa de Calcutá<sup>538</sup> e ao Papa Francisco, por serem duas figuras marcantes da história. Revelaram-nos que a Misericórdia de Deus se estende a todas as gerações (cf. Lc 1, 50). A primeira porque revelou a Misericórdia de Deus a muitas vidas sofridas, o segundo porque vai ‘misericordiar’ o mundo atual. No entanto, enquanto estes dois santos que marcaram o século XX e o nosso século focalizaram a sua vida para uma misericórdia imediata, a carmelita de Lisieux foi um pouco mais além. Pois ela viveu a misericórdia em determinados instantes tendo sempre em vista a salvação das almas.

Teresa de Lisieux e Teresa de Calcutá insistiram na mesma verdade: “Deus é sobretudo misericórdia e daí deriva a sua compaixão. Elas acolhem o sofrimento do outro com ternura,

---

<sup>535</sup> Cf. FRANCISCUS PP, MM, in *AAS* 108 (november 2016), p. 1324.

<sup>536</sup> J. T. MENDONÇA, *Nenhum caminho será longo*, p. 119.

<sup>537</sup> Eis alguns exemplos em que Jesus manifestou compaixão pelo seu povo: «Ao ver a multidão teve compaixão dela, porque estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor» (Mt 9, 36); «E assim que desembarcou viu uma grande multidão e, tomado de compaixão curou os seus doentes» (Mt 14, 14); «E vendo-a [a viúva de Naim], o Senhor compadeceu-se dela» (Lc 7, 13); a parábola do bom samaritano (cf. Lc 10, 25-37); a parábola do filho pródigo (cf. Lc 15, 11-32).

<sup>538</sup> Madre Teresa de Calcutá quando fez os seus votos temporários mudou o seu nome para Teresa (o seu nome de batismo era Agnès), porque admirava a simplicidade quotidiana da Santa carmelita. Apoiou-se em Teresa de Lisieux para traçar o seu caminho. Considerou a canonização da carmelita de Lisieux um grande acontecimento, muito mais importante que a Primeira Guerra Mundial. Cf. J. GAUTHIER, *Tenho sede*, p. 33-34.

sabendo que somos todos seres feridos, vulneráveis, frágeis. Reagem a esta miséria carregando-a no seu coração.”<sup>539</sup> De Teresinha, a peregrina de Calcutá herdou a força da caridade e do sorriso.

“[Teresa de Calcutá] convida cada um de nós à partilha com os pobres que nos estão próximos, na fidelidade a Cristo, ajudando uma pessoa de cada vez: um sorriso, uma visita, um serviço, um copo de água... «Nas vossas casas, tendes um Cristo sedento, um Cristo nu, um Cristo sem tecto. Sereis capazes de O reconhecer?»”<sup>540</sup>.

O Papa Francisco também atualiza, nas suas palavras, gestos e silêncios a espiritualidade da carmelita de Lisieux. Encontra na jovem francesa um apoio seguro para expor a sua doutrina, porque também ele vê o rosto de Cristo espelhado no próximo, de modo especial naqueles que, sem se pronunciarem, dizem ‘tenho sede’, sede de amor. A misericórdia vivida pelo Papa Francisco, que “recorre [...] às coisas pequeninas, como desejar ‘Bom almoço e Bom Domingo’ aos peregrinos na Praça de S. Pedro”<sup>541</sup>, encanta tal como a da jovem carmelita. A misericórdia contempla-se em Roma quando as suas mãos tocam e o seu sorriso se dirige para aqueles que o mundo contemporâneo, tantas vezes, ignora. O atual sucessor de Pedro diz-nos na sua primeira Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (A Alegria do Evangelho), no número 264, que seremos salvos pelo encontro pessoal com o amor de Jesus, que se faz presente em tantas vidas e, às vezes, de modo tão imprevisto. Os encontros inesperados surpreendem-nos e transformam-nos, porque “a pessoa humana não é apenas sujeito que se cumpre pela determinação da sua vontade; é também uma singularidade que se deixa afetar e alterar pela carne sofredora do outro em sua vulnerabilidade”<sup>542</sup>.

Seguindo o exemplo da carmelita de Lisieux e meditando nas palavras do Papa Francisco também nós podemos ser arautos da misericórdia, ir ao encontro daqueles que tantas

---

<sup>539</sup> *Ibidem*, p. 61.

<sup>540</sup> *Ibidem*, p. 62.

<sup>541</sup> T. F. PASSOS, “A actualidade de Santa Teresa do Menino Jesus”, p. 319.

<sup>542</sup> A. M. A. MARTINS, «Movido nas entranhas», p. 129.

vezes vivem o desamor, através das obras de misericórdia corporais e espirituais, e fecundar o amor de Deus na humanidade de hoje com generosidade e entusiasmo<sup>543</sup>. Nós somos capazes de saciar a sede de tantas almas do século XXI que mendigam constantemente por amor. Almas que precisam de ser valorizadas: «Zaqueu, desce depressa pois hoje devo ficar em tua casa» (Lc 19, 5). Seguindo as pisadas de Santa Teresinha continuaremos a praticar a hospitalidade e a fazer-nos hóspedes nas almas sequiosas, porque perturbados com a fragilidade do outro<sup>544</sup> faremos “crescer uma cultura de misericórdia com base na redescoberta do encontro com os outros: uma cultura na qual ninguém olhe para o outro com indiferença nem vire a cara quando vê o sofrimento dos irmãos.”<sup>545</sup>

Pela nossa ação artesanal<sup>546</sup>, tocamos a vida da pessoa (corpo e espírito) acolhida, escutada, amada. Tornamo-nos artesãos da Misericórdia de Deus porque cada obra de misericórdia ao ser vivida adquire uma forma distinta. E é aplicada a cada caso concreto de um modo diverso porque cada pessoa é diferente. Sabemos que alguns precisam de um cuidado e atenção mais especial - os mais idosos, como mostrou Teresinha nos cuidados com a irmã São Pedro, e outros, os jovens, precisam de motivação, de quem lhes dê segurança para enfrentar as adversidades do mundo e crescer na santidade, como exemplificou maravilhosamente Teresa de Lisieux enquanto Mestra de noviças. Só envolvidos pelo amor misericordioso de Deus conseguiremos ser misericordiosos e atrair para o Seu coração aqueles que tantas vezes passam pelo poço da Água Viva (cf. Jo 4, 10), sem o reconhecerem<sup>547</sup>.

O tempo em que vivemos dominado pela tecnologia fragiliza a sã vivência dos afetos. Quando as famílias se separam fisicamente – devido à emigração, em busca de melhores condições de trabalho e de vida ou quando os filhos vão estudar para fora da aldeia, vila, cidade ou país, o que cada vez mais acontece – escutamos muitas vezes: «Agora é fácil ‘matar’ as

---

<sup>543</sup> Cf. FRANCISCUS PP, MM, in *AAS* 108 (november 2016), p. 1324.

<sup>544</sup> Cf. C.M. ANTUNES, *Só o Pobre se faz Pão*, p. 10.

<sup>545</sup> FRANCISCUS PP, MM, in *AAS* 108 (november 2016), p. 1325.

<sup>546</sup> “As obras de misericórdia são “artesanais”. (*Ibidem*, p. 1325).

<sup>547</sup> Cf. *Ibidem*, 1324.

saudades, com as novas tecnologias o longe faz-se perto». De facto, é verdade. Mas é uma verdade tão frágil, tão fria, tão solitária. Porque verdadeiramente faltam os afetos, que fazem muita falta, até às pessoas mais fortes, mais seguras de si. Pelas novas tecnologias, podemos ver a pessoa e conversar com ela com toda a ‘naturalidade’. Mas não podemos entrar pelo ecrã do computador adentro: abraçar até nos tocarmos, olhar profundamente com a ternura, segurar as mãos com firmeza e enxugar as lágrimas da saudade, da incompreensão e, às vezes, da solidão.

No entanto, alegremo-nos, porque pelo menos conseguimos ‘estar próximos’ pela escuta e pela voz da esperança que tanta falta faz nos dias de hoje. Como é agradável ouvir: «Obrigado, por me teres escutado. Desculpa ter dito tantas coisas sem sentido durante esta conversa». Mas também nos devem fortalecer e incentivar a crescer na misericórdia à distância as seguintes palavras: «Sei que me vais dizer a mesma coisa, mas eu preciso de te ouvir». Nestes simples exemplos reconhecemos que há pessoas sedentas de atenção, de companhia, de diálogo. E que por isso se tornam motivo de oração e de misericórdia.

A necessidade de diálogo e de reconhecimento que o outro me pertence está muito ausente nas nossas relações mais próximas, por exemplo as familiares. Verificamos que filhos a estudar ou a trabalhar no estrangeiro gozam as suas férias na terra natal, mas a casa dos pais é como que um hotel, onde se come e dorme. Por vezes, até o simples sorriso, tão evidente em Teresa de Lisieux e propagandeado pelo Papa Francisco, cerra-se nas relações quotidianas. É tão fácil telefonar, mandar mensagens, escrever belas mensagens nas novas ‘redes sociais’, mas é urgente, extremamente urgente, uma revolução da ternura<sup>548</sup>. O homem, de modo especial o cristão contemporâneo, tem de criar espaço na sua vida para celebrar a ternura de Deus nas relações pessoais, para que brote a esperança da páscoa nas vidas desoladas, angustiadas e fatigadas do cansaço da noite dos tempos<sup>549</sup>.

---

<sup>548</sup> Cf. A. M. A. MARTINS, «Movido nas entranhas», p. 127.

<sup>549</sup> Cf. *Ibidem*, p. 128. “Não saberemos quantos passos de libertação, das condições mais escuras, começam porque alguém nos olhou com misericórdia [...]. Os renascimentos começam ao ressurgir no coração de quem nos olha com um olhar de mãe.” (L. BRUNI, *A procura de novas palavras*, p. 58).

A fragilidade do amor entra-nos diariamente pelos olhos dentro. Claro que não podemos generalizar. Estaríamos a ser injustos com os homens, mulheres, jovens e crianças que escancaram o seu coração ao outro e que se dedicam e retribuem o amor recebido no decurso da vida. Diz-nos o Papa Francisco:

“ [É] grande [a] quantidade de bem que existe no mundo. Com frequência, não é conhecido porque se realiza de forma discreta e silenciosa [como fazia Teresinha]. Embora não façam notícia, existem muitos sinais concretos de bondade e ternura para com os mais humildes e indefesos, os que vivem mais sozinhos e abandonados. Há verdadeiros protagonistas da caridade, que não deixam faltar a solidariedade aos mais pobres e infelizes.”<sup>550</sup>

A carmelita de Lisieux ensina-nos a perceber que a ingratidão e incompreensão tantas vezes sofridas ajudam-nos a ‘arrastar’ almas para o Céu. Desde que saibamos viver com o seu espírito de sacrifício e de renúncia<sup>551</sup>, ambos por amor a Deus, ao próximo e a nós mesmos. Teresa lançou sementes de esperança nas almas sequiosas, isoladas e sem esplendor. Também nós, pela ternura, podemos vencer-nos a nós mesmos; despertar para a misericórdia aqueles que ainda vivem presos à ideia da justiça de Deus; enfrentar a dor do mal recebido, depois de termos sido misericordiosos, pelo perdão<sup>552</sup>. Podemos abrir as portas a “um cristianismo desarmante, humilde e sóbrio, que sabe dar espaço a Deus no concreto do humano e aí pressentir os sinais da sua vinda e presença”<sup>553</sup>.

### **2.1.2. Viver a Misericórdia no silêncio da oração**

Quando entrou para o Carmelo de Lisieux a menina Martin levava na bagagem do seu pequeno coração um desejo precioso: “vim para salvar as almas e sobretudo para orar pelos

---

<sup>550</sup> FRANCISCUS PP, MM, in *AAS* 108 (november 2016), p. 1323.

<sup>551</sup> Cf. P. P. DI BERARDINO, *O dom de si*, p. 179.

<sup>552</sup> “A misericórdia tem, pois, uma relação intrínseca e necessária com o perdão. A comoção das vísceras e o olhar curador ativam-se antes que o outro tenha reconhecido a própria culpa e se tenha convertido.” (L. BRUNI, *A procura de novas palavras*, p. 57).

<sup>553</sup> A. M. A. MARTINS, «Movido nas entranhas», p. 128.

sacerdotes”<sup>554</sup>. Também nós, povo eleito e peregrino, continuamos a rezar pela Igreja, pela conversão dos pecadores, pelos que sofrem no corpo e na alma. Colocamo-nos à disposição daqueles que creem, dos que não creem, e dos que ainda desconhecem Deus. Os irmãos clamam pela nossa ajuda: «Reza por mim», «Reza pela minha família». Estes pedidos chegam-nos, tantas vezes, no final de uma conversa informal. Porque ‘o outro’, destruído pelo sofrimento e que sufoca na angústia, encontra ‘noutro’ miserável e pecador a confiança, a segurança, e a compaixão. O que recebemos da oração feita pelas almas sofridas é a simples gratidão por palavras ou abraços, e que permitem ao nosso coração exultar de alegria no Senhor (cf. 1Sam 2, 1). A gratuidade enriquece-nos tanto quando vivemos a nossa oração com a intenção de enaltecer a figura de Jesus escondendo a nossa humanidade na Sua.

Lendo os escritos da carmelita francesa e interiorizando o que a Santa nos quer segredar, descobrimos “a Boa Nova de um Deus que se emociona e se chama Jesus. Como ele sofre, como geme de dor, dando a vida pelos amigos para salvar do castigo os que até não o reconhecem, os que o insultam e o desprezam.”<sup>555</sup> Nós conhecemos o mesmo Jesus de Teresinha, na nossa própria vida e nos irmãos que peregrinam connosco. Irmãos que tantas vezes desconhecemos os nomes, os rostos, as suas vidas, mas que amamos pela oração, porque somos filhos do mesmo Pai. Aprendemos com Teresa de Lisieux a rezar pelas intenções do mundo, porque ela sempre sonhou anunciar Jesus ao mundo inteiro e preocupou-se com as almas mesmo sem sair da sua pequena cela. A carmelita exorta-nos à compaixão pelos inimigos através da oração. Muitas vezes rezou por aquelas que lhe faziam mal, que a ignoravam e humilhavam, como as suas colegas da Abadia.

O Papa Francisco alerta os homens do século XXI para a urgente recuperação do espírito contemplativo<sup>556</sup> tão evidente em Teresa de Lisieux. Estamos errados se associarmos a contemplação apenas aos mosteiros, aos conventos, aos sacerdotes. Pois todos nós podemos e

---

<sup>554</sup> Ms A, 69v in OC, p. 187.

<sup>555</sup> T. F. PASSOS, “A actualidade de Santa Teresa do Menino Jesus”, p. 315.

<sup>556</sup> Cf. FRANCISCUS PP, *Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium* [=EG], in AAS 105 (november 2013), p. 1126.

devemos ser contemplativos<sup>557</sup>. Há tantas almas espalhadas pelo mundo inteiro que fazem da sua vida uma bela oração. Vivem a contemplação com amor, serenidade e paz.

O modo de viver de Teresinha convida-nos ao fascínio pelo encontro com Jesus, e a descobrir a doçura de “permanecer diante de um crucifixo ou de joelhos diante do Santíssimo Sacramento e fazê-lo simplesmente para estar à frente dos seus olhos! Como nos faz bem deixar que Ele volte a tocar a nossa vida e nos envie para comunicar a sua vida nova!”<sup>558</sup> O diálogo com Jesus deve ser cultivado e incentivado quotidianamente, porque “Jesus arde de amor por nós”<sup>559</sup>. Se já descobrimos a beleza de estar a sós com Jesus na oração devemos incentivar aqueles que dizem que não sabem falar com Jesus a estar com Ele. A oração, encontro Tu a tu, é essencial para que o nosso viver seja cada vez mais perfeito, mais semelhante com o de Jesus. Teresinha de Lisieux considera a oração como uma alavanca, que permite levantar o mundo<sup>560</sup>.

A sua admiradora de Calcutá diz-nos a respeito da oração: “esta hora de intimidade com Jesus é algo crucial. Notei uma grande mudança na nossa congregação a partir do momento em que instaurámos a prática diária da oração. O nosso amor por Jesus tornou-se mais íntimo”<sup>561</sup>. É na intimidade com Jesus que encontramos a força para cumprir o sonho missionário do Papa Francisco de chegar a todos. Só podemos anunciar aquilo que vimos e ouvimos (cf. 1Jo 1, 3). Somos chamados à evangelização. O que nos motiva “é o amor que recebemos de Jesus”<sup>562</sup>.

Aceitamos o amor de Deus quando perseveramos na oração. Se desanimarmos falemos com Jesus, e nesse encontro peçamos-Lhe que nos cativa, que nos atraia para Si, para que possamos dizer como Teresinha: “Atrai-me”<sup>563</sup>. Temos de nos colocar diante de Jesus de

---

<sup>557</sup> Na nossa sociedade barulhenta devemos encontrar estímulo para o silêncio e contemplação, para melhor compreendermos as nossas experiências pessoais e a escuta da própria consciência. Cf. SÍNODO DOS BISPOS, *XV Assembleia geral ordinária, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* – Documento preparatório, III, 4, in [http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20170113\\_documento-preparatorio-xv\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20170113_documento-preparatorio-xv_po.html). [consultado em: 12 de Outubro de 2017, às 15h20].

<sup>558</sup> FRANCISCUS PP, *EG*, in *AAS* 105 (november 2013), p. 1126.

<sup>559</sup> Ct 87, v in OC, p. 399.

<sup>560</sup> Cf. Ms C, 36v in OC, p. 292.

<sup>561</sup> M. TERESA, *Il n'y a pas de plus grand amour*, Montréal, Libre Expression, 1997, cit in J. GHAUTIER, *Tenho sede*, p. 92.

<sup>562</sup> FRANCISCUS PP, *EG*, in *AAS* 105 (november 2013), p. 1125.

<sup>563</sup> Ms C, 35v in OC, p. 292.

coração aberto e, implorando-O cada dia, “pedir a sua graça para que abra o nosso coração frio e sacuda a nossa vida tibia e superficial.”<sup>564</sup> Escutando as palavras do Papa Francisco e deslumbrando-nos com a vida da ilustre carmelita do século XIX compreendemos que o nosso encontro livre e comprometido com o sobrenatural permite-nos caminhar com mais firmeza na terra. No entanto, cruzamo-nos com muitas almas nas quais é pouco evidente o recurso a Deus e ao sobrenatural, pois Deus continua a ser pensado como um ser distante, ausente da vida humana. Porque as capacidades do homem e os instrumentos que usa para mudar o mundo ocuparam o lugar de Deus.

A oração foi muito importante na vida da jovem carmelita. Santa Teresinha é um modelo para todos, mas de modo especial para os jovens, por ser jovem mas também porque encontra na oração um modo confiante de conversar com Deus. É no diálogo com Deus que mesmo sendo jovem alcança a maturidade, tornando-se assim uma Mestra da vida evangélica para todos nós<sup>565</sup>. Através da sua vida orante apercebemo-nos de que “rezar significa dar um pouco do nosso tempo a Cristo, entregar-se a Ele, permanecer em escuta silenciosa da Sua Palavra, fazê-la ressoar no coração.”<sup>566</sup> A Igreja rejuvenesce quando os jovens começam a habitar no coração de Cristo por meio da oração, e a encontrar Nele as certezas para a sua vida e a sua vocação<sup>567</sup>. O povo de Deus, que se reúne em torno da Palavra<sup>568</sup> e da Mesa da Eucaristia, foi e é incansável em querer ver mais filhos junto do Pai. Por isso, a Igreja sempre convidou os jovens a fazer parte desta grande família de Jesus Cristo<sup>569</sup>, sempre lhes deu o devido valor<sup>570</sup>, e estimula-os a agir em nome de Cristo:

---

<sup>564</sup> FRANCISCUS PP, *EG*, in *AAS* 105 (november 2013), p. 1126.

<sup>565</sup> Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Littera Apostolica*, in *AAS* 90 (october 1997), p. 943.

<sup>566</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Mensagem dos Bispos Portugueses aos jovens católicos na sequência da XV Jornada Mundial da Juventude*, Fátima, 16 de Novembro de 2000, 6, in <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/mensagem-dos-bispos-portugueses-aos-jovens-catolicos-na-sequencia-da-xv-jornada-mundial-da-juventude/>. [consulta em: 12 de Outubro de 2017, às 9h40].

<sup>567</sup> Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Epistula Apostolica - Ad iuvenes internationali vertente anno iuventuti dicato*, in *AAS* 77 (martius 1985), p.601.

<sup>568</sup> Cf. SÍNODO DOS BISPOS, *XV Assembleia geral ordinária*, III, 4.

<sup>569</sup> Cf. BENEDICTUS PP. XVI, *Nuntius – Occasione XXVIII Diei Mundialis Iuventutis*, [=JMJ 2013] , in *AAS* 104 (october 2012), p. 1044.

<sup>570</sup> Cf. *Ibidem*, p. 1046.



“Queridos amigos, gostaria de vos pedir que façais algo: levai também aos vossos companheiros este convite – Levanta-te, Ele chama-te – e dizei-lhes: repara, eu respondi à chamada de Jesus e sinto-me feliz porque achei n’Ele um grande Amigo, que encontro na oração, que vejo entre os meus amigos, que escuto no Evangelho”<sup>571</sup>.

## **2.2. Viver o sofrimento nos braços misericordiosos de Deus**

O sofrimento físico de Teresa de Lisieux é também outro aspeto que nos permite falar da atualidade da carmelita para os nossos dias. O papa Bento XVI na carta para o Dia Mundial do Doente de 2013 diz-nos que Teresinha “soube viver «em profunda união com a Paixão de Jesus» a doença que a levou «à morte através de grandes sofrimentos».”<sup>572</sup> A carmelita simples e escondida do século XIX é um dos exemplos onde se pode encontrar sentido para o sofrimento. Estando doente continuou a cantar as misericórdias do Senhor, porque contou com entusiasmo a sua vida, as maravilhas que Deus nela operou, àquelas que tantas vezes a olhavam lacrimosamente. Teresa de Lisieux é o retrato do doente que aceita humana e espiritualmente<sup>573</sup> o sofrimento, e que tantas vezes dá força a quem a acompanha e cuida dela.

Recordo-me de uma pessoa que um dia partilhou comigo o seu grave estado de saúde. Quando me anunciou que o cancro, que já a tinha consumido há vinte anos atrás, tinha ressurgido, mas com numa dimensão muito maior, a minha reação foi permanecer calado. Do silêncio profundo daquele momento brotaram as palavras de esperança e confiança da doente: «Então! Não fiques calado, eu ainda estou viva». Continuamos a peregrinar nesta terra unidos pela oração, e nos nossos pequenos caminhos, traduzidos em encontros, gestos e palavras, conhecemos a Misericórdia de Deus.

Teresa Ferrer Passos, no artigo que tenho usado para este estudo, salienta a relação que existe entre a Santa de Lisieux e São João Paulo II no que diz respeito ao sofrimento. Ao trazer

---

<sup>571</sup> PAPA BENTO XVI, *Discurso do Papa Bento XVI aos jovens da Acção Católica Italiana para as felicitações de Natal*, in [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/december/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20111219\\_acr.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20111219_acr.html). [consultado em: 13 de Outubro de 2017, às 16h30].

<sup>572</sup> BENEDICTUS PP. XVI, *Nuntius – Occasione XXI Mundialis Infirmorum Diei*, in *AAS* 105 (ianuarius 2013), p. 180.

<sup>573</sup> Cf. *Ibidem*, p. 180.

à memória os tempos idos, mas ainda tão próximos, verificamos que tal “como Teresa com o sofrimento a doer demais, Wojtyła foi até ao fim da missão na terra (a que Deus lhe atribuíra), colocando-a, apesar da sua fraqueza extrema, como uma cruz a juntar-se à outra Cruz, a de Jesus”<sup>574</sup>. Podemos estabelecer um paralelismo entre o antecessor do Papa Bento XVI e a carmelita de Lisieux que encarou os sofrimentos sempre com coragem, sorriso e abnegação. O Papa vindo da Polónia aqueceu o mundo com o seu modo de viver e de sofrer, e assim “apesar do seu aspecto desfigurado e da grave incapacidade física, também quis ser exemplo de resistência heroica para todos, designadamente, os doentes do mundo”<sup>575</sup>. O Santo Padre que proclamou Teresinha Doutora da Ciência do Amor tornou-se um missionário do Amor, na medida em que amou o mundo, e a Igreja de um modo especial até ao fim. Teresa Martin e Karol Wojtyła foram duas almas fecundas, cada um no seu tempo e com as suas exigências.

“[Permitiram a ação de Deus] em qualquer circunstância, mesmo no meio de aparentes fracassos, porque «trazemos este tesouro em vasos de barro» (2Cor 4,7). Esta certeza é o que se chama «*sentido de mistério*», que consiste em saber, com certeza, que a pessoa que se oferece e entrega a Deus por amor, seguramente será fecunda (cf. Jo 15,5). Muitas vezes esta fecundidade, não pode ser contabilizada. A pessoa sabe com certeza que a sua vida dará frutos, mas sem pretender conhecer como, onde ou quando; está segura de que não se perde nenhuma das suas obras feitas com amor, não se perde nenhuma das suas preocupações sinceras com os outros, não se perde nenhum ato de amor a Deus, não se perde nenhuma das suas generosas fadigas, não se perde nenhuma dolorosa paciência.”<sup>576</sup>

### **2.3. Lançar um olhar para o futuro: *sonhar* com o amanhã**

A grande atualidade de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face está no facto de que o seu Pequeno Caminho “não se destinava, em primeiro lugar, às Irmãs da Comunidade Carmelitana de Lisieux. É que Teresa queria fazer missão para o mundo”<sup>577</sup>. A jovem carmelita

---

<sup>574</sup> T. F. PASSOS, “A actualidade de Santa Teresa do Menino Jesus”, p. 319.

<sup>575</sup> *Ibidem*, p. 319.

<sup>576</sup> FRANCISCUS PP, *EG*, in *AAS* 105 (october 2013), p. 1132.

<sup>577</sup> T. F. PASSOS, “A actualidade de Santa Teresa do Menino Jesus”, p. 314.

desejava a salvação de todas as almas. Sim, das nossas também; por isso “a sua máxima ambição alargou-se até aos dias de hoje”<sup>578</sup> e continuará.

A doutrina espiritual de Teresa de Lisieux é tão atual que desperta nos seus devotos e estudiosos o desejo incessante de a tornar cada vez mais conhecida, para que a sua mensagem de amor, confiança e misericórdia chegue aos corações que hoje palpitam pelas estradas do mundo. Manuel Fernandes dos Reis na introdução do seu artigo *Teresa do Menino Jesus no «coração» de «Cristo», da «Igreja» e do «Mundo»* diz-nos:

“[...] queremos contribuir, certamente com a ajuda da intercessão celeste de Santa Teresinha, para uma melhor preparação espiritual de todos, especialmente dos jovens, para que aprendam na oração a «sabedoria do amor» de Jesus e transmitam com entusiasmo a fé da Igreja como primeiros missionários do Evangelho no nosso mundo. Para tal é preciso pedir e receber a graça de estar amorosamente no coração de Cristo, da Igreja e do mundo”<sup>579</sup>.

João Paulo II, na carta de preparação para o Dia Mundial da Juventude de 1997, convida os jovens a olhar para a contemplativa de Lisieux: “Da [sua] juventude [...] sai o seu entusiasmo pelo Senhor, a forte sensibilidade com que viveu o amor, a audácia não ilusória dos seus projectos. Com o fascínio da sua santidade, ela confirma que Deus concede também aos jovens, com abundância, os tesouros da escolha por Cristo.”<sup>580</sup> Na sua Recriação Piedosa 6 a carmelita de Lisieux diz aos jovens para oferecer a sua juventude a Deus, à Igreja e ao próximo. Uma oferta que a seu tempo será recompensada: “Empreguemos a juventude/ a conquistar um tesouro/ a fim de que na velhice/ possamos nadar em ouro”<sup>581</sup>.

O Papa Bento XVI dirigiu-se aos jovens para que eles, tal como Teresinha, fizessem do seu coração um berço para Jesus. Um berço coberto de ternura, esperança e misericórdia. O

---

<sup>578</sup> *Ibidem*, p. 314.

<sup>579</sup> M. F. DOS REIS, “Teresa do Menino Jesus no «coração» de «Cristo», da «Igreja» e do «Mundo»”, *Revista de Espiritualidade*, 96 (2016), p. 305.

<sup>580</sup> PAPA JOÃO PAULO II, *Mensagem do Papa João Paulo II aos jovens e às jovens do mundo por ocasião da XII Jornada Mundial da Juventude 1997*, 9, in [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/youth/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_15081996\\_xii-world-youth-day.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_15081996_xii-world-youth-day.html). [consulta em: 12 de Outubro de 2017, às 14h47].

<sup>581</sup> RP 6, 3v in OC, p. 997.

Papa pretende que o jovem se reconheça pequenino perante o Amor Misericordioso de Deus, sem nunca deixar de sonhar. Pois na concretização dos seus sonhos cada jovem, que cuide bem da semente recebida, pode tornar-se um grande missionário do Evangelho na sua vida concreta. Assim como a carmelita de Lisieux foi Evangelho vivo dentro das paredes do Carmelo através da caridade perfeita<sup>582</sup>; também os jovens de hoje e das gerações futuras podem atualizar sempre o Evangelho nas suas famílias, locais de estudo e de trabalho, no seu grupo de amigos, onde nunca ou raramente se fala do Deus da Vida, desde que se abandonem e confiem em Deus.

O antecessor do Papa Francisco na mensagem para as Jornadas Mundiais da Juventude de 2013, realizadas no Brasil, falou aos jovens da importância da Eucaristia, como fonte da fé e do testemunho cristão, e encorajou-os a dedicar tempo à adoração eucarística<sup>583</sup>. Em Teresa de Lisieux encontram um exemplo de como viver a Eucaristia. Pois não basta dizer que amamos a Eucaristia é preciso vivê-la. A carmelita francesa aprendeu com Jesus Eucaristia a sua caminhada espiritual, “meditou a Eucaristia e aprendeu muito com Jesus escondido.”<sup>584</sup> Teresinha testemunha-nos que na Eucaristia encontramos a força para nos transformar, e viver ao jeito de Jesus: “Jesus, o Lindo Menino Divino,/ para vos comunicar a sua vida/ transforma n’Ele em cada manhã/ uma pequena e branca Hóstia./ Com muito mais amor ainda/ quer transformar-vos n’Ele próprio/ o vosso coração é o seu querido tesouro”<sup>585</sup>.

Vivendo a Eucaristia tal como Teresa de Lisieux tornamo-nos úteis para a evangelização, tão necessária no nosso tempo. Neste contexto de evangelização, a Igreja no próximo ano abrirá as portas a um novo sínodo: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. O Corpo Místico de Cristo reconhece que os jovens são membros que contribuem para a sua alegria, união e sonho de chegar a todos. O Papa Francisco quer sentir o ‘sangue’ jovem da Igreja. Quer acolhê-los, acompanhá-los, ajudá-los a descobrir a sua vocação e aprender com

---

<sup>582</sup> Cf. R. LLAMAS, “Santa Teresita y su experiencia de la Palabra de Dios”, *Revista de Espiritualidad*, 55 (1996), p. 316-320.

<sup>583</sup> Cf. BENEDICTUS PP. XVI, *JMJ 2013*, in *AAS* 104 (october 2012), p. 1049 e 1050.

<sup>584</sup> P.T. CAVALCANTE, “Eucaristia”, in *IDEM*, *DST*, p. 216.

<sup>585</sup> RP 5, 2r [10] in OC, p. 977. Esta recreação piedosa distingue-se de todas as outras porque é apresentada no género de ‘poesia’ em 26 estrofes. Neste caso consideramos a décima estrofe [10].

eles<sup>586</sup>. A Igreja quer crescer com os jovens<sup>587</sup> e colaborar com os pais e educadores na sua missão de educa-los, porque “a transformação de mentalidade e de estruturas põe muitas vezes em questão os valores admitidos, sobretudo no caso dos jovens. [Tornando-se] frequentemente impacientes e mesmo, com a inquietação, rebeldes” (GS 7). A Igreja quer acompanhar os jovens para que eles no seu viver quotidiano cheguem, como a jovem carmelita de Lisieux, ao conhecimento da Misericórdia de Deus.

Finalizando a dissertação, posso atrever-me a sugerir a hipótese de que Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face será uma das Santas jovens da Igreja católica referida com frequência no sínodo de 2018. Devido a algumas das suas características referidas ao longo da dissertação e que bem caracterizam os jovens: a alegria, a esperança, o sonho, a confiança, o reconhecer-se filha de Deus, a responsabilidade, a dedicação ao próximo e a misericórdia. Pois como ela o fez, os jovens do século XXI olham para a sua situação de fragilidade e confiam em Jesus. Porque têm sonhos e esperança podem oferecer-se ao Amor Misericordioso de Deus, para que Deus cumule as suas vidas de amor e os torne arautos da Boa Nova.

---

<sup>586</sup> Cf. SÍNODO DOS BISPOS, *XV Assembleia geral ordinária*, Introdução.

<sup>587</sup> “A própria Igreja é chamada a aprender dos jovens: disto dão um testemunho luminoso numerosos jovens santos [como é o caso de Teresa de Lisieux, Luís Gonzaga, Gemma Galgani, Gabriel de Nossa Senhora das Dores], que continuam a ser fonte de inspiração para todos.” (SÍNODO DOS BISPOS, *XV Assembleia geral ordinária*, III, 2).

## CONCLUSÃO

Terminada a leitura e interpretação dos escritos de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face e a investigação e análise dos estudos que muitos autores foram fazendo sobre a ilustre carmelita francesa do século XIX, utilizados para a elaboração da dissertação, posso concluir que a Misericórdia está no centro do Pequeno Caminho da carmelita francesa. Embalada pela Misericórdia Divina, Teresa de Lisieux tornou-se um arauto da Misericórdia porque viveu o amor, a humildade, a ternura, a confiança, o abandono em Deus, a simplicidade e a obediência à vontade de Deus no espírito da infância espiritual. Porém, o itinerário espiritual de Teresa Martin não foi sempre linear. Sentiu também momentos de sofrimento, experimentando por isso a humilhação, a rejeição, a incompreensão, a dor física e espiritual. Suportou cada instante por amor, porque concebeu tudo como graça.

Em cada capítulo da dissertação destaco os aspetos principais. No primeiro capítulo alcanço os traços essenciais da vida e obra de Teresa de Lisieux. A última filha do santo casal Luís Martin e Zélia Guérin viveu num lar de amor e na sua educação rigorosa e ao mesmo tempo terna colaboraram também os tios de Lisieux e as amas. Com a colaboração de todos aprendeu a viver a virtude teológica da caridade.

Ao amor veio juntar-se o sofrimento. Desde tenra idade que a menina Martin experimentou momentos de dor e muitas vezes em silêncio. O silêncio interior é muito importante na vida da carmelita francesa porque lhe permite estar a sós com Aquele que a fortalece sempre, até nas batalhas mais difíceis. Agrada-lhe a solidão interior porque lhe permite alcançar o conhecimento de si mesma. Os momentos de dor que a ajudaram a crescer humana e espiritualmente, foram: a morte dos pais, a incompreensão e rejeição por parte das colegas da Abadia, a doença que a vitimou (tuberculose) e a noite escura da fé. A oração foi um dos meios que Teresinha usou para enfrentar o sofrimento.

Relativamente à obra de Teresa de Lisieux conheço o carácter desafiador da carmelita. Porque incentiva os seus destinatários e, agora, os leitores, a entrarem na lógica do seu Pequeno Caminho e a oferecerem-se como ela ao Amor Misericordioso de Deus. Pelos seus escritos Teresa incentiva a abandonar o temor e a viver por amor. Nos seus escritos descreve o maravilhoso passo da sua *conversão* na Noite de Natal de 1886: deixa de ser infantil e a sua maturidade vai desabrochando aos poucos, tendo Deus como seu Mestre.

No segundo capítulo abordo o tempo e o espaço em que viveu a carmelita francesa. Com a sua doutrina espiritual Teresa de Lisieux responde às controvérsias históricas, sociais e espirituais do seu tempo. A sociedade francesa não conseguiu resistir à força do modernismo. Os franceses eram atacados com a força da razão, da tecnologia e do humanismo. Do ponto de vista social a sociedade estava dividida em classes sociais desiguais, por isso foi grande o empenho dos cristãos fervorosos pela dignidade humana. O papado incentivou à continuidade do valor cristão da caridade, o que permitia o combate ao individualismo e à rejeição da pobreza.

Do ponto de vista espiritual, o Jansenismo foi um dos movimentos que mais abalou a sociedade. Emergia na França do século XIX a ideia de um Deus justiceiro, falava-se muito pouco de Misericórdia Divina. Unida às intenções dos Papas da segunda metade do século XIX, Santa Teresa de Lisieux transmite aos homens do seu tempo, e às gerações que desde então vão surgindo, que o Coração de Jesus escancara-se por amor, abre-se sem limites porque quer converter o povo peregrino para um Reino de Amor e de Esperança.

Neste momento, destaco ainda a espiritualidade mariana que refloresceu no século XIX e que era muito especial no lar Martin. A Virgem Maria foi uma companheira assídua no peregrinar existencial desta família francesa e em Santa Teresinha de um modo especial. Foi ajoelhada diante da imagem da Virgem do Sorriso que começou a escrever a *História de uma Alma*. Teresa Martin, também, desde pequena deixou-se envolver pela piedade popular, que foi incentivada no século XIX pelos Papas. Através da intercessão dos Santos, de um modo especial

São José, a futura carmelita encontrou razões para viver na santidade. Teresa de Lisieux compreendeu o sentido da devoção e da intercessão: não levar apenas à emoção, mas a uma adesão mais profunda a Cristo.

Termino o segundo capítulo referindo-me ao zelo pela vida interior e ao impulso missionário. Influenciada pela *devotio moderna*, Teresinha exprimiu a sua interioridade na doação amorosa ao próximo; exteriorizando o que foi “produzindo” dentro de si através da leitura da Sagrada Escritura, que foi muito importante para a descoberta do seu Pequeno Caminho. Quanto ao impulso missionário, Teresinha nunca partiu, como desejava, para outros países a anunciar o Evangelho. Foi uma missionária espiritual porque orava e dava orientações aos seus dois irmãos missionários, os padres Bellière e Roulland. Ao acompanhar espiritualmente estes dois missionários sentia-se nas terras de missão que eles percorriam.

A grande finalidade dos ensinamentos e da mensagem espiritual de Teresa de Lisieux é conduzir as almas ao Céu, colaborar com Deus na salvação dos seus filhos. Assim, entro no capítulo central da dissertação, o terceiro, que apresenta o Pequeno Caminho descoberto, vivido e ensinado pela carmelita francesa. Um caminho que já estava a ser esboçado no amor quotidiano familiar, mas que só no Carmelo é considerado conscientemente pela jovem carmelita. O caminho que Teresa descobre, vive e ensina é novo, porque tem características de Deus que estavam a ser esquecidas no século XIX. De todas as características destaco a misericórdia porque ela comove as entranhas de Teresinha. Faz estremece-la, causa-lhe arrepios e gera compaixão pelo próximo, em quem vê Jesus Cristo.

Teresinha deixou-se deslumbrar pela generosidade infinita de Deus por isso ofereceu-se como *Vítima de Holocausto ao Amor Misericordioso de Deus*. No capítulo segundo apresento a forma como devemos interpretar a palavra vítima. Não pode ser interpretada como algo que causa dor, mas sim como uma doação por amor. Posso fundamentar o oferecimento de Santa Teresa de Lisieux a partir de quatro aspetos: a) o dom de Deus precede-nos; b) a doação de Jesus Cristo por nós – presente extraordinário de Deus; c) Deus sente dor por não se sentir



amado, pensado, escutado; d) devemos amar Aquele que não é amado e despertar os outros para o amor.

O oferecimento de Teresa à Misericórdia Divina é o grande acontecimento da sua vida. Tudo sintetiza. Não é um ato isolado e egoísta. Teresa oferece-se por motivos concretos os quais implicam que daquele momento em diante continue a viver a sua relação com Deus e convida outras religiosas a fazê-lo. Quando se oferece à Misericórdia de Deus, a Santa do Carmelo de Lisieux apresenta-nos um Deus que não se quer revelar por castigos, mas por amor, porque quer salvar todas as almas, e para tal conta com todos os homens.

No quarto capítulo, onde me refiro à atualidade da doutrina de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, concluo que a Eucaristia e a oração são importantíssimas no itinerário espiritual de Teresinha. Hoje, têm de voltar a ser vividas com o mesmo espírito da carmelita, para que todo o homem perceba a Misericórdia de Deus nos seus pequenos caminhos. Muitas vezes, nas tarefas mais simples, como: um sorriso, uma saudação, um gesto de respeito, compreensão, ajuda. Como se pode ver nos exemplos demonstrados de Teresa de Calcutá e do Papa Francisco. Também me referi ao Papa João Paulo II relativamente ao sofrimento. Pois tal como Teresinha, ele viveu a sua vocação e missão até ao fim, sem lamentações. É útil refletir sobre este aspeto, porque muitas vezes o homem “morre” antes de morrer. Ou seja, pode ficar tão enfraquecido com a sua dor e por isso sente-se incapaz de amar, de dar a sua vida até ao fim.

Embora a doutrina espiritual de Teresa não seja bem-vista por todos, como refiro no início do quarto capítulo, a mensagem da carmelita de Lisieux é atual para os homens do século XXI porque o nosso tempo é também um tempo de “noite da fé”, no qual devemos deixar brilhar a beleza do amor. O homem sente-se, muitas vezes, abandonado por Deus por causa das guerras, das discórdias familiares, dos desentendimentos entre amigos, de uma doença que surgiu repentinamente. O importante é que cada um perceba o que é que Deus está a tentar dizer.

Assim sendo, engano-me se vejo Teresa de Lisieux apenas como uma criança, jovem e religiosa que viveu sem problemas, angústias e desilusões. Devo evitar cair no erro da Madre Inês, a qual na primeira publicação da *História de uma Alma* deixou imprimir apenas o que de belo aconteceu na vida da mais nova das irmãs Martin. É natural que este facto tenha causado interrogação e até crítica. Porque se Jesus, o Filho amado de Deus, também sofreu, passou por momentos de angústia e confrontou-se com o abandono de Deus é perfeitamente normal que Teresa e qualquer um de nós viva situações idênticas. Para perceber a verdadeira carmelita não posso ficar numa posição de defesa, quando já construí uma imagem bela e “sem espinhos” de Teresinha. É verdade que a carmelita de Lisieux usa uma linguagem romântica – própria do seu tempo – infantil, terna e carinhosa – que resulta da relação que tem com Deus. No entanto, estes aspetos não me impedem de chegar ao conhecimento real de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face quando me disponho a perceber, com sensibilidade, a descoberta e vivência da sua peregrinação existencial em e com Deus.

A mensagem da jovem Teresinha é importante para os dias de hoje, sobretudo, pela esperança que transmite diante de qualquer momento mais obscuro e inesperado que possa surgir. Compreendi que a carmelita não foi uma expectadora da vida. Não deixou o tempo passar por si. Viveu com intensidade cada instante da sua vida. Em cada instante relacionou-se com Deus, que a criou por amor, com o próximo, que ama sem ter em vista qualquer interesse, e com ela mesma, porque mesmo nos momentos de rejeição e humilhação nunca deixou de reconhecer a sua dignidade.

Teresa de Lisieux foi uma criança, jovem e religiosa criativa e de iniciativa. Foi criativa porque encontrou em cada situação um modo peculiar de viver o amor ao jeito de Jesus. Caracterizou-se também pelo seu espírito de iniciativa. Quando se cruzava com alguém que precisava de ser abraçado, escutado e incentivado ia ao encontro da pessoa sem temer. Encarnou silenciosamente a Misericórdia de Deus. Vejo esta característica de Teresa, por exemplo, na relação misericordiosa que teve com a idosa e doente Irmã São Pedro, descrita com todo o

primor e detalhe no Manuscrito C. Uma expressão que me marcou relativamente à Irmã São Pedro é aquela que a carmelita francesa usa ao referir-se a ela: “a minha Irmã”. Para mim é aqui que está a beleza da vivência do Pequeno Caminho e da Misericórdia de Deus, quando sinto que o outro, que olho primeiro e em seguida para o qual me movo por amor, me pertence, é meu, faz parte de mim. Ajuda-me a escrever a minha história no Coração de Deus.

De facto, Teresinha viveu com espírito de criança porque lhe interessava somente o momento presente e por isso tudo a maravilhava. Anunciou sempre o amor pelo dom da paciência. Conseguimos compreender a serenidade de Teresa durante a noite da fé porque sabemos as fases da sua espiritualidade: a) a descoberta de Deus; b) a perda de Deus (noite escura); c) a entrega amorosa ao próximo depois de descobrir Deus.

Concluo, ainda, que a mensagem de Teresa de Lisieux se tornou doutrina para a Igreja porque ela proclamou no seu viver as verdades da fé e houve um discernimento eclesial sobre o que ela viveu. A Igreja reconheceu a sua santidade, porque a sua vida foi um lugar teológico. Teresinha é modelo para que o cristão de hoje seja mais místico, que não se fique só pelo zelo da exterioridade. Cada ser humano aprende com a carmelita francesa a cuidar do seu interior que, bem alicerçado em Deus, se traduz em gestos concretos de amor. Teresa foi uma mística que se aproximou e conheceu Deus através do amor vivido na quotidianidade e nunca através de especulações metafísicas e grandes espaventos exteriores.

Teresa de Lisieux ajuda-me a perceber que todos somos filhos amados de Deus e que com a Sua Misericórdia providente está sempre junto de nós. Reconheço que a confiança e abandono em Deus, tal como a da carmelita francesa, não me livra de passar por momentos de obscuridade, de tensão e de incompreensão, mas que me dá força para melhor os compreender e tentar superar com a graça de Deus. Futuramente poderei estudar outros aspetos em Teresa de Lisieux, como por exemplo a teologia do corpo, dos sentidos. É um tema que sem dúvida está relacionado com a Misericórdia, com a vivência do amor ao jeito do grande Mestre espiritual de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face: Jesus Cristo.

## BIBLIOGRAFIA

### I) FONTES

#### a) Obras de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face

SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Obras Completas – Textos e últimas palavras*, Edições Carmelo, Marco de Canaveses, 1996.

SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *História de uma Alma – Manuscritos Autobiográficos*, 4ª ed., Edições Carmelo, Paço d'Arcos, 2006.

THÉRÈSE DE L'ENFANT-JÉSUS, *La Bienheureuse Thérèse de l'Enfant-Jésus*, Office Central de la Bse Thérèse, Lisieux, 1923.

#### b) Fonte Bíblica

*A BÍBLIA DE JERUSALÉM*, Paulus Gráfica, São Paulo, 1995.

### II) DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

BENEDICTUS PP. XVI, *Nuntius - Occasione XXI Mundialis Infirmorum Diei*, in *Acta Apostolicae Sedis* 105 (ianuarius 2013), p. 178-181.

BENEDICTUS PP. XVI, *Nuntius - Occasione XXVIII Diei Mundialis Iuventutis*, in *Acta Apostolicae Sedis* 104 (october 2012), p. 1043-1052.

BENTO XVI, PAPA, *Discurso do Papa Bento XVI aos jovens da Acção Católica Italiana para as felicitações de Natal*, in [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/december/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20111219\\_acr.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20111219_acr.html).

*Catecismo da Igreja Católica*, in [http://www.vatican.va/archive/catechism\\_po/index\\_new/prima-pagina-cic\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html).

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, 7ª Ed., Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, Braga, 1976.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Mensagem dos Bispos Portugueses aos jovens católicos na sequência da XV Jornada Mundial da Juventude*, Fátima, 16 de Novembro de 2000, in <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/mensagem-dos-bispos-portugueses-aos-jovens-catolicos-na-sequencia-da-xv-jornada-mundial-da-juventude/>.

FRANCISCUS PP, *Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium*, in *Acta Apostolicae Sedis* 105 (november 2013), p. 1019-1137.

FRANCISCUS PP, *Adhortatio Apostolica post-synodalis "Amoris Laetitia"*, in *Acta Apostolicae Sedis* 108 (martius 2016), p. 311-446.

FRANCISCUS PP, *Homilia*, in *Acta Apostolicae Sedis* 107 (november 2015), p. 1133-1135.

FRANCISCUS PP, *Littera Apostolica - Misericordia et Misera de Iubilaeo Extraordinario Misericordiae concludendo*, in *Acta Apostolicae Sedis* 108 (november 2016), p. 1311-1328.

IOANNES PAULUS PP. II, *Epistula Apostolica - Ad iuvenes internationali vertente anno iuventuti dicato*, in *Acta Apostolicae Sedis* 77 (martius 1985), p. 579-628.

IOANNES PAULUS PP. II, *Littera Apostolica - Sancta Teresia a Iesu Infante et a Sacro Vultu Doctor Ecclesiae universalis renuntiatur*, in *Acta Apostolicae Sedis* 90 (october 1997), p. 930-944.

JOÃO PAULO II, PAPA, *Mensagem do Papa João Paulo II aos jovens e às jovens do mundo por ocasião da XII Jornada Mundial da Juventude 1997*, in [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/youth/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_15081996\\_xii-world-youth-day.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_15081996_xii-world-youth-day.html).

L'attività della Santa Sede nel 1997, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1998, p. 610.

LEO PP. XIII, *Epistula Encyclica Arcanum Divinae*, in *Acta Sanctae Sedis* 12 (1879), p. 385-402.

LEO PP. XIII, *Epistola Encyclica Divinum Illud Munus*, in *Acta Santa Sedis* 29 (1896-97), p. 644-658.

LEO PP. XIII, *Epistula Encyclica Fidentem Piumque*, in *Acta Sanctae Sedis* 29 (1896-97), p. 204-209.

LEO PP. XIII, *Littera Encyclica Rerum Novarum*, in *Acta Sanctae Sedis* 23 (1890-1891), p. 641-670.

PIUS PP. IX, *Constitutio Dogmatica Dei Filius*, in *Acta Sanctae Sedis* 5 (1869-1870), p. 481-493.

- PIUS PP. IX, *Constitutio Dogmatica Pastor Aeternus*, in *Acta Sanctae Sedis* 6 (1870-1871), p. 40-47.
- PIUS PP. XII, *Epistulae - Ad mos pp. dd. cardinales et excmos ac revmos archiepiscopos et episcopos Galliae*, in *Acta Apostolicae Sedis* 37 (ianuarius 1945), p. 180-183.
- PIUS PP. XI, *Solemnis canonizatione*, in *Acta Apostolicae Sedis* 17 (maius 1925), p. 209-214.
- PIUS PP. IX, *Syllabus complectens praecipuos nostrae aetatis errores*, in *Acta Sanctae Sedis* 3 (1867), p. 168-176.
- PIUS PP. XI, *Littera Apostolica - Venerabilis dei famula Theresia a Iesu Infante, monialis professa ordinis carmelitarum exalceatorum, beata renuntiatur*, in *Acta Apostolicae Sedis* 15 (aprilis 1923), p. 202-207.
- SACRA CONGREGATIO RITUUM, *Dioecesium et Vicariatuum*, in *Acta Apostolicae Sedis* 20 (december 1927), p. 147-148.
- SÍNODO DOS BISPOS, *XV Assembleia geral ordinária, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional - Documento preparatório*, in [http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20170113\\_documento-preparatorio-xv\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20170113_documento-preparatorio-xv_po.html).

### III) INSTRUMENTOS DE TRABALHO

- CAVALCANTE, P. T., *Dicionário de Santa Teresinha – Pequena Enciclopédia sobre Santa Teresinha*, Paulus, São Paulo, 1997.
- CHORÃO, J. B. (Dir.), *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileiro de Cultura: Edição século XXI*, Vol. 19, Editorial Verbo, Lisboa/ São Paulo, 2001.
- FLICHE, A., MARTIN, V. (Dirs.), *Historia de la Iglesia*, edición española dirigida por J. M. Javierre, Vol. XXIV e Vol. XXV-1 EDICEP, Valencia, 1974 e 1985.
- LEONARDI, C., RICCARDI, A., ZARRI, G. (Dirs.), *Diccionario de los Santos*, Vol. II, San Pablo, Madrid, 2000.
- VILLER, M., CAVALLERA, F., DE GUIBERT, J. (Dirs.), *et alt., Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique: doctrine et histoire*, Vol. III e Vol. XV, Beauchesne, Paris, 1957 e 1991.

#### IV) ESTUDOS

##### a) Sobre Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face

BALTHASAR, H. U. von, *Teresa de Lisieux - Historia de una misión*, 5ª ed., Trad. Daniel Ruiz Bueno, Herder, Barcelona, 1999.

BERARDINO, P. P. di, *O dom de si – Santa Teresinha do Menino Jesus*, Trad. e Rev. Carmelo do Imaculado Coração de Maria e Santa Teresinha, Paulus, São Paulo, 1996.

DESCOUVEMONT, P., “Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte Face”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Drs.), *et alt., Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique: doctrine et histoire*, Vol. XV, Beauchesne, Paris, 1991, col. 576-611.

GAUTHIER, J., *Tenho sede – Duas vidas, um só amor*, Trad. Anabela Costa Silva, Paulus Editora, Lisboa, 2007.

GENNARI, G., *Teresa de Lisieux – La verità è più bella*, Editrice Ancora Milano, Milano, 1974.

GHÉON, H., *Teresa de Lisieux*, Trad. Mauro de Medeiros Keller, Quadrante, São Paulo, 1990.

GONZÁLEZ, E. J. M., “*Sed de amor. Teresa del Niño Jesús y la misericordia divina*”, *Revista de Espiritualidad*, 300 (2016), p. 337-367.

GORRES, I., *Teresa de Lisieux*, Coleção Homens de Deus, Vol. 6, Trad. Manuel Seabra, Editorial Aster, Lisboa, 1961.

GOULEY, B., MAUGER, R., CHEVALIER, E., *Thérèse de Lisieux ou La Grande Saga d’une Petite Soeur : 1897-1997*, Fayard, Paris, 1997.

HALÍK, T., *Paciência com Deus – Oportunidade para um encontro*, Trad. Paulinas Editora 2012, Paulinas Editora, Prior Velho, 2013.

IBARMIA, F., “El «caminito» de Teresa de Lisieux”, *Revista de Espiritualidad*, 55 (1996), p. 217-266.

JÉSUS, L-M. DE., “Santa Teresa da Menino Jesus e o seu tempo – O século XIX francês”, *Revista de Espiritualidade*, 16 (1996), p. 245-268.

LAFRANCE, J., *A minha vocação é o amor – Teresa de Lisieux*, Trad. Fernando Reis, Edições Paulistas, Lisboa, 1986.

LLAMAS, R., “Santa Teresita y su experiencia de la Palavra de Dios”, *Revista de Espiritualidad*, 55 (1996), p. 267-324.

LEAL, A., “Os que amaram e seguiram Teresa”, *Revista de Espiritualidade*, 21 (1998), p. 59-78.

LEAL, A., “Santa Teresinha e a misericórdia de Deus sem limites”, *Revista de Espiritualidade*, 96 (2016), p. 275-290.

LUÍS, M., *Chuva de Rosas*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2017.

MACCISE, C., CHALMERS, J., “Uma doutora para o terceiro milénio”, *Revista de espiritualidade* 21 (1998), p. 35-53.

MARIÑO, M. J., “O sofrimento no itinerário espiritual dos místicos” – *Uma reflexão a partir do Carmelo*, *Revista de Espiritualidade*, 90-91 (2015), p. 203-226.

MEESTER, C. de., *As mãos vazias – a mensagem de Teresa de Lisieux*, Trad. Carmelo do Sagrado Coração de Jesus de Juiz de fora, Minas Gerais, Edições Paulinas, São Paulo, 1976.

NICOLA, P. di., E DANESE, A., *Um amor escrito no céu – Os pais de Santa Teresa de Lisieux*, Trad. António Maia da Rocha, Paulinas, Prior Velho, 2011.

OLEA, A., “La Misericordia de Dios en Teresa de Lisieux”, *Monte Carmelo* 124 (2016), p. 317-331.

PAPÀSOGLI, G., *Teresa di Lisieux*, 3ª Ed., Città Nuova Editrice, Roma, 1987.

PASSOS, T. F., “A actualidade de Santa Teresa do Menino Jesus (De Padroeira do Dia Mundial das Missões a Doutora da Igreja)”, *Revista de Espiritualidade*, 87, p. 309-319.

PIAT, S. J., *História de uma família – Uma escola de santidade: O lar onde floresceu Santa Teresa do Menino Jesus*, 3ª Ed., Tradução da 4ª Ed francesa rev. por Manuel Versos Figueiredo, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, 1990.

REIS, M. F. dos., “Actualidade de Santa Teresa de Lisieux”, *Revista de Espiritualidade* 16 (1996), p. 269-288.

REIS, M. F. dos., “Teresa do Menino Jesus no «coração» de «Cristo», da «Igreja» e do «Mundo»”, *Revista de Espiritualidade*, 96 (2016), p. 305-320.

RIBEIRO, A. P., “O caminho espiritual de Teresa de Lisieux”, *Revista de espiritualidade*, 24 (1998), p. 305-319.



ROMANO, M. M., “Misericórdia como amor preveniente – L’esperienza di Maria e dei dottori carmelitani”, *Teresianum*, 2 (2016), p. 489-511.

SAINT-LAURENT, T. de, *Santa Teresa do Menino Jesus*, Coleção Almas dos Santos, Trad. José Narciso Soares, Livraria Civilização Editora, Porto, 1997.

SILVA, C. H. C., “O miniaturial em Santa Teresa do Menino Jesus – Da mudança de escala na via da santidade”, *Didaskalia*, 32 (2002) 2, p. 147 -243.

ZEVINI, G., CABRA, P. G., *Lectio Divina per ogni giorno dell’anno – Proprio dei santi – II (luglio-dicembre)*, Vol. 17, Editrice Queriniana, Brescia, 2002.

## **b) Outros estudos**

ANTUNES, C. M., *Só o Pobre se faz Pão – Entrecruzar jejum, interioridade e compaixão*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2013.

AUBERT, R. (Org.), *Pío IX y su época*, in A. FLICHE, V. MARTIN (Dirs.), *Historia de la Iglesia*, edición española dirigida por J. M. Javierre, Vol. XXIV, EDICEP, Valencia, 1974, p. 255-524.

BALTHASAR, H. U. von, *Se não vos tornardes como esta criança*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2014.

BALTHASAR, H. U. von, *Só o amor é digno de fé*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2008.

BIANCHI, E., *Começa a caminhar – A aventura interior e a oração*, Trad. Mário Santos, Paulus Editora, Lisboa, 2013.

BIANCHI, E., *Procura os outros – A fraternidade e a esperança*, Trad. Mário Santos, Paulus Editora, Lisboa, 2013.

BRANDÃO, A., *O breviário da confiança – Pensamentos para cada dia do ano*, 2ª Ed, Editora Cléofas, Lorena, 2013.

BRUNI, L., *À procura de novas palavras*, Trad. António Antão, José A. Bacelar, Editora Cidade Nova, Abrigada, 2017.

CHATILLON, J., “Devotio”, in M. VILLER, F. CAVALLERA, J. DE GUIBERT (Dirs.), *et alt., Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique: doctrine et histoire*, Vol. III, Beauchesne, Paris, 1957, col. 705-716.

COLLINS, M., PRICE, M. A., *História do Cristianismo – 2000 anos de fé*, Trad. Ana Maria Pinto da Silva, Livraria Civilização Editora, Lisboa, 2000.

- ESTÉVEZ, J. M., *Credi nella Misericordia di Dio?*, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 2017.
- LABOA, J. M., *Historia de la Iglesia – IV: Época contemporánea*, Coleção Sapientia Fidei - Serie de Manuales de Teologia, Vol. 27, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2002.
- LAUDET, P., *O que a Bíblia diz sobre... a ternura*, Trad. Mário dos Santos, Paulus Editora, Lisboa, 2017.
- LLORCA, B., *Manual de História Eclesiástica*, Trad. B. Xavier Coutinho, Vol. II – Idade Nova – Idade Moderna, Edições Asa, Porto, 1960.
- MARTINS, A. M. A., “«Movido nas entranhas»: Elementos para uma antropologia da misericórdia”, *Fundamentum*, 6 (2016), p. 119-129.
- MENDONÇA, J. T., *Nenhum caminho será longo – para uma teologia da amizade*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2012.
- NAVA, P. L., “Luis María Grignon de Montfort”, in LEONARDI, C., RICCARDI, A., ZARRI, G. (Dirs.), *Diccionario de los Santos*, Vol. II, San Pablo, Madrid, 2000, p.1516-1521.
- SANTA GEMMA GALGANI, *Autobiografia – Il manoscritto originale*, Ed. CastellaZZese, Roma, 2009.
- SANTO JOÃO DA CRUZ, *Obras espirituais do Doutor místico São João da Cruz: primeiro carmelita descalço e coadjutor de Santa Teresa de Jesus na reforma do Carmelo*, 2ª Ed., Trad. do texto espanhol conforme a 2ª Ed. do P. Silvério de Santa Teresa, Carmelitas de São José, Fátima, 1958.
- SCHMIDLIN, A. J. (Org.), *El mundo secularizado*, in A. FLICHE, V. MARTIN (Dirs.), *Historia de la Iglesia*, edición española dirigida por J. M. Javierre, Vol. XXV-1, EDICEP, Valencia, 1985, p. 83-506.
- TONDINI, A., *Le encicliche mariane*, Angelo Belardetti Editore, Roma, 1950.
- VAZ, H. L., “Marx (Karl)”, in *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileiro de Cultura: Edição século XXI*, Vol. 19, Dir. João Bigotte Chorão, Rev. Lúcia Vintém, Tipografia S. A, Braga, 2001, col. 114-116.

### **c) Estudos consultados e não citados na dissertação**

- ARÓSTEGUI, L., “Teresa de Lisieux en la conciencia moderna”, *Revista de Espiritualidad*, 55 (1996), p. 171-203.
- BERARDINO, P.P. di., *A solidão em Santa Teresinha do Menino Jesus*, 2ªEd. Trad. e Rev. Carmelo do Imaculado Coração de Maria e Santa Teresinha, Paulus, São Paulo, 1995.

- CHALON, J., *Teresa de Lisieux – Uma vida de amor*, Editorial A. O, Braga, 1997.
- DAVY, M-M., *La connaissance de soi*, Col. “Initiation Philosophique”, Presses Universitaires de France, Paris, 1966.
- ESTÉVEZ, J. M., *Que significa verdadeiramente amar?*, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 2013.
- FRANCESCO, PAPA, *La misericordia è una carezza – Vivere il giubileo nella realtà di ogni giorno*, a cura di Antonio Spadaro, Rizzoli, Milano, 2015.
- FRONTELA, L. J. F., “Entorno histórico de Teresa de Lisieux”, *Revista de Espiritualidad*, 55 (1996), p. 399-443.
- GAITÁN, J. D., “Teresa de Lisieux: vocación y vida en el Carmelo”, *Revista de Espiritualidad*, 55 (1996), p. 445-474.
- LEITE, J. (Org.), *Santos de cada dia*, 2ªEd., Vol. III, Editorial A. O, Braga, 1987.
- LIAGRE, R. P., *Retiro com Santa Teresa do Menino Jesus*, Trad. Maria Teresa Ribeiro de Menezes, Pref. e Rev. Gustavo de Almeida, [s.n], Lisboa, 1958.
- MARTINS, A. M. A., “O corpo, lugar (i)limitado – Perspetivas a partir da antropologia teológica”, *Communio*, 33 (2016), p. 109-120.
- MENDONÇA, J. T., *A mística do instante – O tempo e a eternidade*, 2ªEd., Paulinas Editora, Prior Velho, 2014.
- MENDONÇA, J. T., *Esperar contra toda a esperança*, Col. Argumento, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016.
- PASSOS, T. F., *Santa Teresa do Menino Jesus e a força dos seus pequenos caminhos*, Edições Carmelo, Marco de Canaveses, 2013.
- PHILIPPE, J., *La via della fiducia e dell’amore – La “piccola via” di Teresa di Lisieux*, Tard. dal francese di Martina Andreozzi, Edizione San Paolo, Milano, 2012.
- PONTIFICIO CONSIGLIO PER LA PROMOZIONE DELLA NUOVA EVANGELIZZAZIONE, *Santi nella Misericordia*, Edizione San Paolo, Milano, 2015.
- ZAMBONINI, F., *Madre Teresa – A mística dos últimos*, 2ªEd, Trad. António Maia da Rocha, Paulinas, Prior Velho, 2005.

## ÍNDICE

<b>ABREVIATURAS E SIGLÁRIO .....</b>	<b>3</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>5</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>CAPÍTULO I – VIDA E OBRA DE SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE.....</b>	<b>11</b>
1. Biografia sumária de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face .....	11
1.1. Antes da entrada no Carmelo .....	11
1.1.1. Do nascimento até à morte da mãe.....	12
1.1.2. Da morte da mãe até à graça do Natal de 1886.....	17
1.2. Depois da entrada no Carmelo de Lisieux.....	25
2. Obra de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face .....	30
2.1. História de uma Alma.....	31
2.2. As Cartas.....	32
2.3. As Poesias.....	33
2.4. As Recreações Piedosas.....	34
2.5. As Orações .....	35
2.6. Os Últimos Conselhos e Recordações .....	35
<b>CAPÍTULO II – TERESA DE LISIEUX E A FRANÇA DO SÉCULO XIX.....</b>	<b>37</b>
1. O ambiente histórico-social na França do século XIX.....	37
1.1. A revolução industrial e os seus efeitos nas classes sociais .....	37
1.2. O Concílio Vaticano I: o grande acontecimento eclesial do século XIX .....	39
1.3. O empenho Papal pela dignidade humana .....	42
1.4. A caridade: valor cristão continuado no século XIX .....	42
1.5. A exaltação do Estado e a defesa da fé.....	44
1.6. O lar Martin: uma família distinta da França .....	46
2. O ambiente espiritual na França do século XIX .....	48
2.1. O cuidado pastoral com as “almas” na segunda metade do século XIX.....	48
2.2. Cristo no centro da espiritualidade do século XIX .....	51
2.3. O sentido espiritual da caridade .....	53
2.4. O re florescimento da espiritualidade mariana no século XIX.....	54
2.5. A prática dos sacramentos num ambiente jansenista .....	55
2.6. A piedade popular: um incentivo à intercessão e à santidade .....	58
2.7. O zelo pela vida interior .....	59
2.8. O impulso missionário no século XIX .....	61

2.9. A influência do romantismo na espiritualidade .....	62
<b>CAPÍTULO III – DO PEQUENO CAMINHO À OFERTA DE SI AO AMOR MISERICORDIOSO DE DEUS .....</b>	<b>63</b>
1. Teresa de Lisieux e o anúncio do Pequeno Caminho.....	63
1.1. A descoberta de um novo caminho .....	64
1.1.1. Partir em busca de um caminho que conduza à santidade .....	64
1.1.2. As dificuldades encontradas e superadas: a obscuridade, a incompreensão e as imperfeições pessoais .....	66
1.1.3. A Sagrada Escritura na base do Pequeno Caminho .....	68
1.2. A vivência e ensino do Pequeno Caminho .....	70
1.2.1. Um caminho vivido em Jesus .....	70
1.2.2. A primazia do amor apesar do sofrimento .....	71
1.2.3. O anúncio do Pequeno Caminho dentro e fora do Carmelo .....	72
2. Teresa de Lisieux e a contemplação do mistério da Misericórdia Divina.....	77
2.1. Uma vida construída pela Misericórdia.....	77
2.1.1. Viver o amor animada pela Misericórdia de Deus.....	78
2.1.2. As imperfeições interpretadas à luz da Misericórdia Divina .....	80
2.1.3. Explicação da Misericórdia providente de Deus através da parábola do filho pródigo .....	81
2.1.4. Amar ao jeito de Jesus: acolher o outro e ajudá-lo a converter-se.....	82
2.2. Um dia especial: oferta ao Amor Misericordioso de Deus .....	85
2.2.1. Uma <i>oferta</i> com objetivos concretos .....	85
2.2.2. O <i>oferecimento</i> de Teresa de Lisieux é uma oração e estilo de vida para todos ....	88
2.2.3. Rejeição, aceitação e proclamação do <i>Acto de Oferecimento</i> de Teresa de Lisieux .....	89
<b>CAPÍTULO IV – TERESA DE LISIEUX UMA VIDA INACABADA .....</b>	<b>93</b>
1. Santa Teresa de Lisieux: uma jovem e uma doutrina espiritual (in)compreendidas .....	93
1.1. Análise crítica aos argumentos que censuram Teresa de Lisieux.....	94
Uma menina burguesa que desconheceu o mundo.....	94
Viver exageradamente a generosidade quotidiana.....	96
O anúncio de uma espiritualidade ingénua, infantil e doentia.....	98
A popularidade incontornável de Santa Teresa de Lisieux.....	100
2. A vivência da doutrina espiritual de Santa Teresa de Lisieux nos nossos dias .....	103
2.1. Anunciar o Amor Misericordioso de Deus ativa e silenciosamente.....	104
2.1.1. Viver com Misericórdia os compromissos e imprevistos quotidianos .....	104
2.1.2. Viver a Misericórdia no silêncio da oração .....	109
2.2. Viver o sofrimento nos braços misericordiosos de Deus.....	113
2.3. Lançar um olhar para o futuro: <i>sonhar</i> com o amanhã .....	114
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>118</b>

<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>124</b>
<b>I) FONTES.....</b>	<b>124</b>
a) Obras de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face .....	124
b) Fonte Bíblica .....	124
<b>II) DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO.....</b>	<b>124</b>
<b>III) INSTRUMENTOS DE TRABALHO .....</b>	<b>126</b>
<b>IV) ESTUDOS .....</b>	<b>127</b>
a) Sobre Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face.....	127
b) Outros estudos.....	129
c) Estudos consultados e não citados na dissertação .....	130
 <b>ÍNDICE.....</b>	 <b>132</b>